

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

“Eu não sou Migrante, Sou Moçambicano”: uma etnografia sobre as experiências de vida de “Zambezianos” regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè (Zambézia-Moçambique).

Jeremias Leonardo José Mário

Porto Alegre

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

“Eu não sou Migrante, Sou Moçambicano”: uma etnografia sobre as experiências de vida de “Zambezianos” regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè (Zambézia-Moçambique).

JEREMIAS LEONARDO JOSÉ MÁRIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Professora Dr.^a Denise Fagundes Jardim

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Mário, Jeremias Leonardo José

"Eu não sou Migrante, Sou Moçambicano": uma etnografia sobre as experiências de vida de "Zambezianos" regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè (Zambézia-Moçambique). / Jeremias Leonardo José Mário. -- 2020.

132 f.

Orientadora: Denise Fagundes Jardim.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Etnografia . 2. Migração. 3. Moçambique. 4. Zambezianos. 5. Alto Molócuè. I. Jardim, Denise Fagundes, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Jeremias Leonardo José Mário

“Eu não sou Migrante, Sou Moçambicano”: uma etnografia sobre as experiências de vida de “Zambezianos” regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè (Zambézia-Moçambique).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Banca Examinadora

Dr.^a Denise Fagundes Jardim PPGAS-UFRGS (Orientadora)

Dr.^a Fernanda Rifiotis UFRGS

Dr. Jean Segata UFRGS

Dr. Aurélio Augusto Miambo UP – Universidade Pedagógica (Moçambique)

Dr. Handerson Joseph UNIFAP – Universidade Federal do Amapá

Porto Alegre

2020

Dedico esta dissertação aos meus pais, José Mário e Henriqueta Leonardo. Obrigado pelo apoio e por estar sempre do meu lado! Amo-vos muito.

Agradecimentos

A presente dissertação é fruto de um trabalho empreendido por muitos. Sei que tal feito não teria sido realizado sem a cooperação de várias pessoas e instituições que colaboraram da melhor forma possível. Primeiro endereço os meus agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que através do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) deu a oportunidade e o apoio financeiro para a realização dos meus estudos no Brasil.

Agradeço igualmente ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ao seu corpo docente. Aos professores Sérgio Baptista da Silva, Cornelia Eckert, Ceres VÍctora, Maria Eunice Maciel e Jean Segata pela forma simpática e profissional como lidaram comigo. Em especial à minha orientadora, a professora Denise Fagundes Jardim, pela sua atenção desde o primeiro momento que manifestei o interesse em ingressar no PPGAS até a fase que hoje se encerra. Por ter aceito me orientar, pela sua atenção e pelas conversas ao longo de minha estada e formação no Brasil, o meu muito obrigado.

À Rossana, funcionária da secretaria do PPGAS, o meu muito obrigado pela paciência, gentileza e prontidão em me explicar todos os procedimentos relativos à minha situação acadêmica no PPGAS.

Aos meus colegas do PPGAS da turma de mestrado de 2018, agradeço pelos momentos que juntos passamos. Lembrar-me-ei sempre do jeito alegre e gentil que caracterizou esse convívio que agora termina formalmente na academia, mas que continua, com certeza, em ambientes extra-acadêmicos. Sentirei saudades das vossas perguntas curiosas sobre Moçambique, principalmente sobre os preços das passagens aéreas para viajar a Moçambique. Espero recebê-los um dia. Ao meu grande amigo e colega Lucas Rocha Salgado e sua família, obrigado pela receptividade e pelo apoio dado durante a minha estadia no Brasil.

Agradeço aos professores do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Moçambique, pelo apoio dado para a materialização do meu sonho de frequentar o mestrado em Antropologia Social no Brasil, particularmente, aos professores Emídio Gune, Helder Nhamaze, Danúbio Lihahe e à Dr^a Sandra Manuel.

Meu muito obrigado a toda a comunidade moçambicana residente em Porto Alegre, pela receptividade e irmandade. Agradeço de forma especial ao Segone Cossa e Titos Quembo por terem se disponibilizado em dar todo o apoio necessário desde Moçambique até a minha chegada ao Brasil. Lembro-me de ter me despedido do Segone em Moçambique e ter sido recebido pelo Titos no Brasil. Jamais me esquecerei de vocês dois.

Aos meus amigos Taylor Pedroso de Aguiar e Francyne, muito obrigado pela leitura do meu trabalho e pelas sugestões dadas. Ao Calvin Da Cas Furtado, obrigado pela convivência, amizade e pelas conversas durante a fase da escrita desta dissertação. Sou eternamente grato.

Aos meus interlocutores no distrito de Alto Molócuè, província da Zambézia, em Moçambique, agradeço pela disponibilidade em fazer parte da minha pesquisa, pelas conversas, jogos de futebol e por me permitirem fazer parte do seu dia-a-dia durante a realização da pesquisa etnográfica. Em especial ao Max, o meu eterno interlocutor e amigo.

À minha família, agradeço imensamente pelo apoio incondicional e por sempre acreditar em mim. Principalmente aos meus pais que, apesar de todas as incertezas em deixar o seu filho trilhar caminhos longínquos, atravessar o Oceano Atlântico e percorrer caminhos nunca antes percorridos por eles, não deixaram de acreditar em mim e dar o suporte necessário.

A todos o meu muito OBRIGADO.

Resumo

A presente pesquisa é uma etnografia sobre as experiências de vida de “Zambezianos” regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè, província da Zambézia, em Moçambique. O estudo foi realizado no distrito de Alto Molócuè, em Moçambique. Os resultados sugerem que os deslocamentos populacionais sempre existiram em Moçambique, apesar da escassez de literatura consultada que trata sobre a questão das migrações internas, talvez pelo fato deste deslocamento estar tão entranhado na vida Moçambicana a ponto de não surgir como uma questão a ser pensada antropologicamente. Os indivíduos regressos mostram enfrentar diversas dificuldades na cidade de Maputo, onde para alguns o retorno para o distrito de Alto Molócuè é a única alternativa para transpor as adversidades encontradas na cidade de Maputo, e para outros, com mais incidência para as mulheres, o retorno ao distrito de Alto Molócuè é motivado pelo desejo de perpetuar a relação conjugal com os seus esposos, que eram os responsáveis pela sua manutenção na cidade de Maputo. Estes indivíduos regressos desenvolviam algumas atividades remuneradas na cidade de Maputo, e com o que ganhavam usavam uma parte como sustentáculo das suas famílias em Alto Molócuè, e a outra parte geralmente servia de poupança para a compra de alguns bens, como caixas de som, computadores portáteis, amplificadores e *smartphones*, como uma das estratégias usadas por estes para a sua autoafirmação junto das suas comunidades após o retorno. Pelo fato de alguns desses indivíduos terem passado por uma experiência de migração na cidade de Maputo, considerada por estes como “a cidade grande”, e como uma espécie de ritual, estes indivíduos regressos se consideram mais aptos para circular em qualquer parte do território moçambicano, razão pela qual criam ou cogitam a possibilidade de novas rotas de migração.

Palavras-chave: Migração, Etnografia, Moçambique, Zambézia, Alto Molócuè e cidade de Maputo.

Abstract

This research is an “ethnography” about living experiences of “Zambezians” who returned from Maputo and are currently living in Alto Molócuè district, Zambézia Province, in Mozambique. The results suggest that population displacement has always existed in Mozambique, besides the lack of internal literature that talks about internal migration, perhaps because this displacement is so ingrained in Mozambican life in ways that does not arise as an issue to be thought anthropologically. Individuals who returned to Alto Molócuè faced many challenges in Maputo City. For some, returning to Alto Molócuè was the only way to deal with the adversities they went through while in Maputo, and for others, especially women, it was motivated by the desire to keep their conjugal relationship with their husbands, who were the sponsors of their living costs in Maputo. While in Maputo, these individuals were involved in paid activities, and with that money, they were able to support their families in Alto Molócuè, and save part of it to purchase some goods such as speakers, portable computers, smartphones and amplifiers. They used this equipment as a key strategy of ensuring their self-affirmation within their communities after returning home. Since those individuals have gone through an experience in migrating to Maputo, “the big city”, and as a means of ritual, they consider themselves more prepared to move anywhere within Mozambican territory, and with the possibility of exploring new migration routes.

Key words: Migration, Ethnography, Mozambique, Zambézia, Alto Molócuè and Maputo City.

Lista de Siglas

ANC – Congresso Nacional Africano

CCBM – Centro Cultural Brasil-Moçambique

CAP – Centro de Análise de Políticas

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

FLCS – Faculdade de Letras e Ciências Sociais

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

INE – Instituto Nacional de Estatística

IFP – Instituto de Formação de Professores

OMR – Observatório do Meio Rural

PM – Polícia Militar

PEC-PG – Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

RENAMO – Resistência Nacional de Moçambique

TCC – Trabalho de Culminação de Curso

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Lista de Ilustrações

Figura 1: Mapa da província da Zambézia.....	29
Figura 2: Mapa de Moçambique.....	30
Tabela 1: Perfil dos meus interlocutores.....	42
Figura 3: Mapa de Moçambique com as respectivas províncias.....	69

Sumário

Introdução	13
Capítulo I.....	19
1.1. De Maputo à machamba: os caminhos, os procedimentos metodológicos e etapas da pesquisa.....	19
1.2. Procedimentos metodológicos: Método, técnicas e etapas da pesquisa	31
1.3. Perfil dos interlocutores	42
1.4. A chegada à província da Zambézia e a “quase ausência” dos meus interlocutores.....	46
1.5. O jogo de futebol.....	55
Capítulo II	61
2.1. As migrações em Moçambique e as conexões com a África Austral.....	61
2.2. Migrações internas antes da independência em Moçambique: sistema colonial e a África austral	63
2.3. Migrações pós-independência em Moçambique	65
2.4. A inserção de Moçambique nas migrações regionais na África Austral.....	70
2.5. Dinâmicas atuais sobre migração interna em Moçambique	78
2.6. De Maputo à machamba: considerações sobre a província da Zambézia e as políticas públicas sobre o meio rural	82
Capítulo III.....	91
3. “Eu não sou Migrante, Sou Moçambicano”: etnografando as experiências de migração de “Zambezianos” regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè	91
3.1. “Do machimbombo ao caminhão, da ilusão à desilusão”: A viagem de retorno e a chegada em Alto Molócuè.....	91
3.2. “De volta a casa”: A vida em Alto Molócuè	107
3.3. Eu não sou migrante, sou Moçambicano: novas rotas de migração.....	114
Considerações finais	120
Referências bibliográficas.....	125

Introdução

Este trabalho é produto de uma longa caminhada, resultado de uma das dúvidas que tive enquanto estudante de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, cidade de Maputo, em Moçambique. Chegado o momento de escrever uma monografia para o meu Trabalho de Culminação de Curso (TCC), não resisti à ideia de pesquisar sobre algo que me inquietava como estudante proveniente do distrito de Alto Molócuè, província da Zambézia, e que estava pela primeira vez na capital do país, cidade de Maputo, morando a sensivelmente 1900 km, distante de casa. A proposta era pesquisar sobre experiências de vida de indivíduos assim como eu, provenientes da província da Zambézia e residentes na cidade de Maputo.

A curiosidade era tanta que optei em fazer uma pesquisa junto a “Zambezianos”¹, na sua maioria jovens, que trabalhavam no setor informal² como vendedores ambulantes, pedreiros, seguranças, etc. Porém, terminada a pesquisa e apresentado o trabalho, uma das limitações e um ponto por explorar foi a necessidade de compreender como, face às dificuldades encontradas na cidade de Maputo, os indivíduos retornam para os diferentes pontos da província da Zambézia e como é o seu cotidiano na província da Zambézia após o contato com a “tão almejada” capital do país.

Para a minha felicidade, essa dúvida não tardaria a ser respondida. Logo após a conclusão da licenciatura, eis que aparece uma oportunidade de bolsa de estudo para frequentar o mestrado no Brasil. Uma das condições para ter acesso à bolsa era a questão da carta de aceite de uma universidade brasileira, de preferência federal e que fizesse parte do programa PEC-PG. E, para ter acesso à respectiva carta, precisaria fazer um esboço de um plano de estudos (como se fosse um projecto de pesquisa resumido) e

¹ Expressão usada em Moçambique para se referir aos indivíduos nascidos ou oriundos da província da Zambézia (neste trabalho, a expressão é usada apenas em termos geográficos, para se referir à proveniência, sem a pretensão de essencializar os indivíduos nascidos nesta província, razão pela qual, eventualmente, em casos mais específicos, apenas uso a expressão “indivíduos provenientes da província da Zambézia”).

² A informalidade é geralmente associada a cidadãos de nacionalidade moçambicana, de baixo rendimento, fraca formação académica e profissional, e pertencentes a agregados familiares relativamente numerosos, muito embora se reconheça a presença mais recente de indivíduos de outras nacionalidades – nigerianos, congolezes, ruandeses, chineses, paquistaneses, zimbabueanos, entre outros – que operam em actividades à margem da formalidade (PINTO DE ABREU, 2007).

identificar um professor que aceitasse me orientar. Conforme imaginado, o projecto foi justamente a continuação do projecto anterior da licenciatura. Para a minha alegria, um tempo depois recebi o e-mail da professora Denise, mostrando a sua disponibilidade em me orientar e, em seguida, a respectiva carta de aceite do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS).

O culminar deste processo é este trabalho, produto de várias conversas com a minha orientadora, das discussões na sala de aula com colegas e professores e da pesquisa realizada no distrito de Alto Molócuè, província da Zambézia, em Moçambique. O título deste trabalho surgiu a propósito de uma das frequentes conversas que tive com Zito³, um dos meus interlocutores, natural do distrito de Mocuba, província da Zambézia, mas que mora no distrito de Alto Molócué, na mesma província, desde a infância. Estávamos sentados debaixo de uma árvore frondosa, na sua residência, tomando um delicioso *Maheu*⁴ preparado pela sua namorada. Falávamos sobre a sua experiência de migração, e ele, sempre de forma didática, talvez pelo fato de ser professor do ensino primário, fazia questão de desenhar alguns gráficos numa folha A4 enquanto explicava como foi que retornou da cidade de Maputo, depois de ter morado nesta cidade por alguns anos.

Zito fazia questão que eu não me referisse a ele como imigrante, porque na sua opinião, migrantes eram os “outros”, nomeadamente, os nigerianos, os somalis, os “bangladeses”⁵ que moravam em Alto Molócuè. Para Zito, não fazia sentido chamá-lo ou tratá-lo de migrante, visto que ele é moçambicano e tem amigos e familiares em vários pontos do país, razão pela qual, enquanto estiver em qualquer ponto de Moçambique, ele se considera “em casa”. Para sustentar o seu discurso, Zito interrompeu a conversa e disse que voltaria em poucos minutos, afinal, tinha ido levar o seu bilhete de identidade. Com um sorriso no rosto e com o *Maheu* já à metade do copo, deu um gole e disse: *olha para isso, ainda vais dizer que sou migrante?* Imaginei que fosse uma pergunta retórica. Enquanto ele colocava o seu Bilhete de Identidade na carteira, eu acenava a cabeça, como se concordasse com ele. Porém, aquela conversa deixou-me bastante intrigado.

³ Por questões éticas, optei em usar nomes fictícios nesta pesquisa, de forma a preservar a imagem dos meus interlocutores.

⁴ Bebida tradicional feita à base de farinha de milho e açúcar.

⁵ Expressão usada pelo Zito para se referir aos indivíduos oriundos do país asiático, *Bangladesh*.

Afinal, o que significa ser um migrante? Tal como lembra Sayad (1998), a imigração se apresenta como uma contradição fundamental que se impõe a todos, aos imigrantes e à sociedade que os recebe e à sociedade da qual provêm, situação essa que impõe também a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente. Aliás, para quem estuda migrações internas, em que momento considerar os indivíduos envolvidos nos processos de migração interna como migrantes? Ou seria melhor deixar de lado os rótulos e categorizações e simplesmente olhar tanto para o Zito, assim como para os outros interlocutores regressos da cidade de Maputo como apenas indivíduos que viajam pelo país e que, apesar das adversidades na cidade de Maputo, consideram como sendo sua “casa” todo o território moçambicano por onde passam? De fato, fiquei pensando que, mais do que me preocupar com categorias, seria importante me preocupar com experiências dos meus interlocutores.

A proposta deste trabalho é justamente essa: fazer questionamentos, refletir em torno das experiências de vida de indivíduos “Zambezianos” regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè, província da Zambézia. Mais do que apresentar os discursos dos meus interlocutores como um dado adquirido, proponho-me a aprender com eles, e para tal, lembrando as ideias de Jardim (2017), torna-se necessário olhar para a imigração como um contínuo processo de aprendizado, tanto dos imigrantes quanto dos seus interlocutores não imigrantes.

De fato, a conversa com os meus interlocutores me colocava numa posição em que, convergindo com ideias de Jardim (2017), como um pesquisador que experimenta a imigração não pela primeira vez, mas pela primeira vez assumindo essa posição na experiência de pesquisa. E essa experiência com os meus interlocutores me reposicionou na interlocução e me destituiu do lugar de quem escuta e fornece caminhos, para quem aprende sobre os desafios e expertises acumuladas pelos interlocutores durante a sua imigração (JARDIM, 2017, p. 209).

Em termos de organização, o presente trabalho conta com a presente introdução e três capítulos. No primeiro capítulo, denominado “De Maputo à machamba⁶: os caminhos, os procedimentos metodológicos e etapas da pesquisa”, a proposta é apresentar como decorreu a pesquisa de campo, como me aproximei dos meus interlocutores, os constrangimentos enfrentados no campo, as etapas que

⁶ Substantivo feminino, expressão usada em Moçambique para se referir ao local onde são plantados vegetais; herdade, quinta, horta. Algo similar a roça no contexto brasileiro.

nortearam a pesquisa e as estratégias metodológicas adotadas para a realização da pesquisa.

No segundo capítulo, denominado “As migrações em Moçambique e as conexões com a África Austral”, de modo a compreender os fluxos migratórios em Moçambique, faço a análise da literatura que trata da questão da migração dentro do território moçambicano e as conexões com a região da África Austral e no mundo. Isto com o objetivo de demonstrar que as migrações sempre fizeram parte da história de Moçambique, não apenas como meros deslocamentos geográficos, mas sim como processos dinâmicos e complexos, que envolvem experiências de vida de quem migra ou se desloca de um lugar ao outro.

Apesar da escassez de literatura consultada sobre as migrações internas, talvez pela falta de interesse pelas migrações internas, ou pela complexidade que existe na sua explicação e no tipo de pessoas que são classificadas na categoria de migrantes internos (FEIJÓ, 2017; PATRÍCIO, 2016), pretendo demonstrar que o fenômeno migratório apresenta múltiplas categorias e variáveis. Analiso neste segundo capítulo, de forma diacrônica, três fases. A primeira fase é relativa às migrações na época colonial, na segunda fase destaco as migrações pós-independência de Moçambique e nomeio como uma terceira fase a fase que abarca desde o início do ano 2001 até ao ano 2018.

Demonstro que, antes da independência de Moçambique (no período colonial), a partir de inícios da década de 1960, se intensificou um processo de recrutamento compulsivo, gerador de deslocamentos temporários e na sua maioria migrações forçadas no interior de Moçambique (FEIJÓ, 2017; VAIL & WHITE, 1980). Em seguida, na segunda fase, é possível notar que, após a proclamação da Independência, a migração interna ou campo-cidade foi acentuada, motivada por várias razões. Por um lado, políticas repressivas organizadas pelo Estado, nomeadamente, a criação de campos de reeducação, de projetos modernizadores como as aldeias comunais ou a Operação Produção, onde, por exemplo, ao longo dos primeiros anos da Independência, foram enviados, em vagas sucessivas, milhares de moçambicanos para campos de reeducação, nomeadamente aquelas pessoas que eram consideradas pelo Estado como “sabotadores”, “marginais” ou “inimigos” da revolução (CABAÇO, 2009; COLAÇO, 2001; FERNANDO, 2019; MAPENGO, 2011). Por outro lado, as secas dos anos 80, a guerra civil, a construção de infraestruturas socioeconómicas e as cheias de 2000

contribuíram para a migração das zonas rurais para as zonas urbanas (MAPENGO, 2011).

Por último, na terceira fase, é possível notar que a questão da migração interna tem sido estudada e discutida com mais incidência que no passado, com alguns trabalhos acadêmicos, principalmente de culminação de curso que tratam especificamente sobre a questão da migração de zambezianos para a cidade de Maputo (LIA, 2013; MARIO, 2017; PALAMUSSA, s/d). Estes trabalhos têm em comum uma análise sobre experiências de migração e de integração de zambezianos na cidade de Maputo e apontam que estes migram principalmente em busca de melhores condições de vida na cidade de Maputo.

O terceiro capítulo do presente trabalho está dividido em três secções, onde faço um diálogo entre a perspectiva teórica de Sayad (1998) e as experiências de migração dos meus interlocutores, lembrando que, para Sayad (1998), o imigrante é antes de tudo um emigrante, e os vínculos que estabelece com a sociedade receptora são em grande parte construídos no país de origem, e que, portanto, a migração deve ser vista como um “fato social total”, que exige a compreensão dos indivíduos não como imigrantes apenas, mas como pessoas que transitam não só pelo espaço físico-geográfico, mas pela condição de emigrante e imigrante.

Inicialmente, na secção que denomino de “Do machimbombo⁷ ao caminhão, da ilusão à desilusão: A viagem de retorno e a chegada em Alto Molócuè”, analiso a experiência migratória dos meus interlocutores na cidade de Maputo e as estratégias adoptadas para o retorno ao distrito de Alto Molócuè. Na secção seguinte, que denomino “De volta a casa”: A vida em Alto Molócuè”, a partir dos depoimentos dos meus interlocutores, faço uma análise sobre o cotidiano dos indivíduos regressos no distrito de Alto Molócuè, tendo em conta a ocupação profissional, a relação com suas famílias e amigos e os respectivos desafios enfrentados. Para compreender como esses indivíduos transpõem as dificuldades encontradas no distrito de Alto Molócuè, reservo a última secção, denominada “Eu não sou migrante, sou Moçambicano: novas rotas de migração”, onde igualmente, a partir dos depoimentos dos meus interlocutores, analiso as outras opções e rotas migratórias encontradas por estes indivíduos regressos, após ter

⁷ Expressão popular usada em Moçambique, para designar autocarro (ônibus).

morado no distrito de Alto Molócuè. Por fim, apresento as respectivas considerações finais do meu trabalho.

O intento deste trabalho é mostrar que migrar em Moçambique não deve ser visto exclusivamente como um deslocamento geográfico (DURHAM, 1978). Durante a realização da pesquisa, foi possível notar que as pessoas transitam em diferentes contextos não apenas como um desejo individual, mas às vezes como um projeto familiar, coletivo, de materialização de um sonho individual e familiar. Num contexto como Moçambique, com grandes assimetrias entre as zonas rurais e as zonas urbanas, desde a disparidade em termos de serviços básicos de saúde, de educação, de transportes e de oportunidades de emprego, fazer uma pesquisa antropológica no campo das migrações traz à tona diferentes experiências e lógicas de interpretação do significado dado à ideia de ser migrante.

Apesar de uma aparente subalternização das pesquisas em ciências sociais no campo das migrações em Moçambique e a conseqüente desvalorização das migrações internas como um fenômeno que sempre caracterizou a população desde a época colonial até a atualidade, e que por isso, parte da história de Moçambique, proponho-me neste trabalho a trazer aspectos e experiências de vida de indivíduos que transitam pelo país a procura de materialização de seus sonhos e transposição de várias adversidades. Tal como disse Zito, “Todo o Moçambique é minha casa”, convido ao caro leitor a percorrer esse território, que não é só geográfico, mas cheio de vida e dinâmica, na expectativa de que também se sinta “em casa” na companhia dos meus interlocutores.

Capítulo I

1.1. De Maputo à machamba: os caminhos, os procedimentos metodológicos e etapas da pesquisa

Neste capítulo, mostro como decorreu a pesquisa de campo, como me aproximei dos meus interlocutores, os constrangimentos, as negociações com os interlocutores, as etapas que nortearam a pesquisa desde o começo e as estratégias metodológicas adotadas para a realização da pesquisa.

O interesse pelas experiências de mobilidade dos “Zambezianos” surgiu nos primeiros anos da minha estada na cidade de Maputo, durante a realização da graduação em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), a mais antiga instituição de ensino superior do país, e que leva o nome do primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)⁸. Durante os primeiros contatos constatei que estes indivíduos se deslocam da província da Zambézia para a cidade de Maputo, capital de Moçambique, com frequência, e que a sua integração nesta cidade por vezes enfrenta um conjunto de dificuldades. Foi pensando nesta perspectiva que me lancei no campo para melhor compreender este fenómeno.

Da minha pesquisa para o Trabalho de Culminação de Curso de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, resultou uma monografia com o título “Reconstrução de imaginários e perspectivas: Uma análise de experiências de migrantes da Zambézia residentes em Maputo”. No referido trabalho, analisei experiências de um grupo de indivíduos provenientes da província da Zambézia e residentes na cidade de Maputo. As conclusões preliminares da pesquisa apontavam que a cidade de Maputo é preconcebida no imaginário de algumas pessoas na Zambézia como sendo o melhor lugar para prosperar e praticar o comércio informal, que geralmente baseia-se na venda de produtos agrícolas como feijão, milho, batata e frutas e da venda de acessórios de telefone celular e recargas de telefonia móvel. Tal como refere De Abreu (2017), o setor informal em Moçambique está intrinsecamente

⁸ No dia 25 de Junho de 1962, de acordo com o protocolo, a UDENAMO, criada na Rodésia do Sul (actual Zimbabwe), cujos membros eram recrutados entre os trabalhadores e emigrados vindos, sobretudo, de Manica, Sofala, Gaza e Lourenço Marques; a UNAMI, constituída no Malawi por moçambicanos majoritariamente originários de Tete, Zambézia e Niassa, e a MANU, que se forma em Mombaça, no Quênia, agrupando particularmente elementos de origem Makonde de Cabo Delgado, dissolvem-se e constitui-se a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Disponível em: portaldogoverno.gov.mz. Acesso em: 17 de Setembro de 2019.

vinculado ao mercado e às relações monetário-mercantis, operando num sistema de trocas do tipo trabalho por salário em dinheiro, mercadoria por dinheiro ou dinheiro por mercadoria, ou ainda favor por comissão ou taxa em dinheiro, e é suportado por esquemas microfinanceiros geralmente informais. É um setor da economia frequente nas regiões urbanas e periurbanas, nas zonas portuárias ou fronteiriças, ou ao longo de grandes vias de transporte, tais como estações ferroviárias ou paragens de autocarros interprovinciais.

Esse imaginário é transmitido a aqueles que estão na Zambézia por indivíduos estabelecidos na cidade de Maputo. Alimentados por esse imaginário, geralmente transmitido através de conversas telefônicas entre amigos, pelas reportagens de TV, de vídeo clipes e mais recentemente através da influência das redes sociais, algumas pessoas, com apoio ou orientação de amigos e familiares já estabelecidos na cidade de Maputo, decidem viajar para essa cidade em busca da materialização dos seus sonhos de conhecer a cidade de Maputo, conseguir emprego e perpetuar as diversas atividades desenvolvidas na província da Zambézia, com mais incidência para o trabalho como vendedores ambulantes nas ruas, praças e mercados da cidade de Maputo. Chegados à cidade de Maputo, alguns destes indivíduos ficam desencantados pela difícil ou não materialização daquele imaginário, e diante desse cenário definem novos imaginários e reconstróem suas perspectivas de vida.

Tal como refere Monteiro (2015), o trânsito entre a “cidade pequena” e a “cidade grande”⁹ tem bastante relevância no que se refere às experiências vivenciadas nestes dois espaços, que podem ser classificadas como sendo experiências de valores distintos, de aprendizado de novas formas de comportamento e, de modo geral, de aspectos de uma identidade em transformação, modelada pelo convívio social nesses espaços com lógicas diferentes. As ideias de Monteiro (2015) dialogam com o intento da minha pesquisa de mestrado, que visa compreender as experiências de retorno dos indivíduos regressos da cidade de Maputo para as suas zonas de origem, após o contato com a “cidade grande”.

Com vistas a mergulhar-me na compreensão das experiências deste grupo, dirigi-me à província da Zambézia para a realização da pesquisa de campo entre os meses de dezembro de 2018 a março de 2019. Desta vez, a ideia crucial era manter o contato com os indivíduos que tenham residido na cidade de Maputo e que tivessem

⁹ As aspas são do autor.

retornado para a província da Zambézia entre os anos 2016 a 2018. À semelhança do que tinha sucedido durante a pesquisa da graduação de 2015 a 2017, constatei que os indivíduos regressos eram na sua maioria jovens, tendo em conta que, num universo de 20 migrantes regressos e residentes em diferentes pontos da província da Zambézia, 15 tinham idades que variavam entre os 18 a 35 anos de idade e que, quando da sua estada na cidade de Maputo, trabalhavam como vendedores ambulantes ou como seguranças nas empresas privadas de proteção.

Realizei a presente pesquisa em três fases, nomeadamente, a fase exploratória acompanhada da revisão da literatura e construção do projeto, a pesquisa etnográfica e a última fase, reservada para a análise e apresentação dos resultados etnográficos por meio da redação final da dissertação. Quanto à primeira fase, reservada ao estudo exploratório de campo e revisão de literatura, realizei em duas partes.

A primeira parte decorreu muito antes de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quando, em 2017, após a conclusão da licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), regressei ao distrito de Alto Molócué e reencontrei alguns indivíduos que também moraram na cidade de Maputo na mesma época que eu (de 2013 a 2017). Alguns deles foram os meus interlocutores na minha pesquisa para o Trabalho de Culminação de Curso (TCC).

Durante a minha estadia no distrito de Alto Molócuè, entre os meses de julho a outubro do ano 2017, criei alguns laços de amizade com estes jovens regressos e partilhei diversos momentos com eles. No referido convívio, sempre fazia questão de perguntar as motivações para o seu retorno e como foi o processo de chegada e o seu cotidiano junto às suas famílias e na comunidade em geral, tendo em conta que para muitos deles era a primeira vez que passavam por uma experiência de migração saídos de uma cidade pequena (Alto Molócuè) para uma cidade metropolitana e cosmopolita, como a cidade de Maputo. O convívio com os meus interlocutores possibilitou-me ver e ouvir os fatos diretamente de onde decorrem e, por essa via, participar em seus eventos, frequentar os mesmos espaços e ter um envolvimento em suas rodas de conversas (VELHO, 2003).

As respostas eram diversas, desde razões financeiras, conjugais, profissionais, saudade da família e até mesmo questões supersticiosas. As respostas me motivaram a

rever as conclusões preliminares da minha pesquisa do TCC. Propus-me a compreender o processo de retorno desses migrantes, da cidade de Maputo para o distrito de Alto Molócuè, e como tem sido o seu cotidiano neste distrito. Esse foi o fio condutor para o início da pesquisa exploratória e para a posterior construção do projecto de pesquisa para o mestrado.

Quanto à segunda parte, decorreu de novembro de 2017 a fevereiro de 2018. Esta segunda parte foi reservada basicamente para a revisão da literatura existente sobre o processo das migrações internas em Moçambique, com enfoque para os movimentos de retorno de migrantes zambezianos para diversos pontos da província da Zambézia. Por um lado, consultei a literatura nas Bibliotecas do Arquivo Histórico de Moçambique e do Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM), bibliotecas situadas na baixa da cidade de Maputo, e as bibliotecas do Departamento de Arqueologia e Antropologia e do Centro de Análise de Políticas (CAP), situadas no campus principal da Universidade Eduardo Mondlane, locais esses que também foram cruciais na minha pesquisa do TCC. Essa literatura auxiliou na construção da problemática do projeto de pesquisa submetido antecipadamente ao Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) para a obtenção da bolsa de mestrado.

Por outro lado, consultei material disponibilizado em plataformas online de instituições de pesquisa sobre a área do meio rural, políticas públicas e movimentos populacionais em Moçambique, tais como o Observatório do Meio Rural (OMR) e o Centro de Análise de Políticas (CAP) em Moçambique. Para ter acesso a essas instituições de pesquisa, contei com o apoio de colegas e professores do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane. A partir da aproximação que criei com alguns colegas e pesquisadores deste departamento foi possível alastrar ainda mais essa rede de contatos com pesquisadores que trabalham com assuntos relacionados com a questão da migração interna em Moçambique.

A segunda fase da minha pesquisa decorreu entre os meses de dezembro de 2018 a março de 2019. A mesma consistiu na pesquisa etnográfica em Moçambique, no distrito de Alto Molócuè, província da Zambézia, nas residências dos meus interlocutores, nos locais de trabalho e em alguns locais de lazer. A pesquisa abrangeu 15 indivíduos regressos da cidade de Maputo e residentes nesta província, tendo trabalhado com apenas 10 interlocutores, todos residentes no distrito de Alto Molócuè, dentre eles, dois casais. E por último, a terceira fase do trabalho começou em

simultâneo com a segunda fase, dedicada à análise dos dados etnográficos e à produção final da dissertação. Foi dedicada àquilo que Cardoso de Oliveira (2006) chamaria de ato de escrever, considerado por ele como a configuração final do produto do trabalho, que envolve também o olhar e o ouvir. Aqui a questão do conhecimento torna-se tanto ou mais crítica.

À semelhança do que Geertz (1989) refere, o etnógrafo deve ser capaz não só de recolher e descrever, mas sim analisar os dados dentro do contexto em que são produzidos e interpretar os seus significados dentro desse contexto, sem cair no erro de aplicar conceitos universais que possam deturpar o significado real dos dados. A importância do texto final reside no fato de que o relatório final de pesquisa, na medida do possível, deve almejar transmitir ao leitor a sensação de estar no campo, passando ele mesmo pela experiência do contato com os nativos (GIUMBELLI, 2002).

Numa das conversas com o João, um dos meus interlocutores, ele referiu ter trabalhado inicialmente numa empresa de segurança, num dos condomínios do centro da cidade de Maputo, e que, pelos frequentes atrasos no pagamento do seu salário, optou em procurar outro emprego. Todavia, devido às dificuldades encontradas nesse processo de procura de um novo emprego, optou em desenvolver a venda de recargas e acessórios de telefone celular no Mercado Estrela Vermelha, situado no Bairro Alto Maé, cidade de Maputo, mercado esse que o Jornal Verdade (2019) “*caracterizou como um dos locais onde os que não tiveram a sorte de nascer num berço com um mínimo de condições lutam pela sobrevivência, e um lugar onde a informalidade chega a roçar a ilegalidade*”. Porém, João enfrentou diversas dificuldades para inserir-se neste meio, tendo optado em retornar a Alto Molócuè, onde atualmente trabalha como “mestre”¹⁰ de reparação de celulares, atividade essa que ele aprendeu na cidade de Maputo.

Uma experiência similar aconteceu durante uma das conversas com Bilton, outro interlocutor, que atualmente trabalha no distrito de Alto Molócuè como garçom num dos bares da região, atividade que também aprendeu na cidade de Maputo. Em vários momentos nos quais me encontrei com Bilton, tanto no seu local de trabalho assim como fora dos horários de trabalho, ele fazia questão de me lembrar que graças à sua ida a cidade de Maputo teve a oportunidade de se interessar pelo comércio, e que está a criar condições de fazer uma poupança para abrir seu próprio bar.

¹⁰ Expressão usada em Moçambique para se referir àqueles que fazem a manutenção ou reparação de eletrodomésticos.

Este aspecto me levou a pensar que uma análise das experiências de vida destes indivíduos entre os dois espaços físicos e sociais, a cidade de Maputo e a província da Zambézia, mais concretamente o distrito de Alto Molócuè, seria crucial para compreender a dinâmica e experiência de migração deste grupo de indivíduos. Inicialmente a ideia era me focar em quatro distritos da província da Zambézia, nomeadamente, os distritos de Namacurra, Mocuba, Gurue e Alto Molócuè. A escolha destes distritos foi devido ao fato de boa parte dos indivíduos que fizeram parte da minha pesquisa inicial da graduação e residindo na cidade de Maputo ser oriunda destes distritos.

Os dados estatísticos sobre as migrações de retorno da cidade de Maputo para os diferentes pontos da província da Zambézia são escassos, com exceção de alguns dados estatísticos coletados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) de Moçambique de dez em dez anos, inerentes à informação sobre migrações internas através dos censos demográficos, sendo o último realizado em 2017. Porém, Raimundo e Muanamoha (2013) referem que as questões sobre migrações, que atualmente são incluídas nos censos demográficos de Moçambique, permitem aferir apenas informação sobre estoques de migração dos lugares e períodos considerados e não sobre quem migra e nem sobre como é tomada a decisão para migrar, entre outros aspectos.

Ao fazer a pesquisa etnográfica, tive em conta que um dos objetivos da etnografia é descrever a vida do outro, de maneira acurada e sensível, guiada por um processo de observação detalhada e da experimentação da realidade desse outro (INGOLD, 2008). Neste caso, cheguei ao distrito de Alto Molócuè, numa sexta feira, e logo prontamente no sábado comecei com os primeiros contatos com os meus interlocutores, tendo como referência o Max, que mora naquele distrito e que, quando da realização da pesquisa para o meu TCC, morava na cidade de Maputo.

O Max já tinha uma ideia do que se tratava, daí que, após a minha ida à sua residência e depois de ter conversado com ele e sua esposa, e de ter almoçado com eles, convidou-me para acompanhar um dos seus ensaios num dos estúdios de produção de música naquele distrito. Foi uma ocasião especial, tendo em conta que, segundo o Max, era um privilégio alguém vê-lo a ensaiar, convite que ele não faz com frequência. Enquanto ensaiava, eu o olhava atentamente e balançava a cabeça e mexia os pés seguindo o ritmo da música, mas ao mesmo tempo, me questionava por que ele permitiu que eu fizesse parte daquele momento.

Estudar migrações internas em Moçambique é algo no qual eu já estava minimamente familiarizado, mas o contato inicial com o Max em Alto Molócuè me submeteu a outro entendimento sobre as experiências migratórias. Eu me questionava como aquele jovem aparentemente tímido, que conheci na cidade de Maputo, transformou-se num cantor que eu olhava naquele momento do ensaio. Perguntava-me onde ele aprendeu a cantar e a ser tão vaidoso. No meio daquele emaranhado de pensamentos, o Max interrompeu o ensaio e pediu que eu me aproximasse do seu produtor. E então, em seguida, disse: *“Mostra para esse gajo¹¹ aquela minha última música”*. E com um sorriso no rosto acrescentou: *“Eu não fui a cidade de Maputo para brincar, como aqueles outros gajos”*.

O seu produtor tocou a música, mas confesso que enquanto a música tocava eu não conseguia me concentrar. Questionava-me sobre que “outros gajos” o Max se referia. Mas, para não perder a emoção do momento, deixei pendente a minha pergunta e fiquei mais atento na música. A letra da música falava sobre perdão, de um homem que pedia perdão à sua esposa, pelas vezes que a fez sofrer, e pedia que ela não o abandonasse. Perguntei ao Max o porquê da letra da música e se, por acaso, o que ele cantava estava relacionado com a sua própria experiência de vida, talvez com a sua namorada/esposa. Na hora ele simplesmente ignorou a minha pergunta e voltou a ensaiar, talvez porque para além de nós dois, existiam outros músicos no estúdio e alguns amigos, e ele não quisesse por isso se abrir sobre o conteúdo da letra da música.

Passadas duas horas após o ensaio, voltei junto com o Max para a sua casa, e durante a caminhada perguntei o que ele quis dizer quando afirmou que não foi à cidade de Maputo para brincar como os outros. Então ele parou, olhou para mim e disse: *“Nem todos que vão à cidade de Maputo e voltam se dão bem na vida, alguns só vão e voltam desgraçados, mas ele pelo menos aproveitou e aprendeu a compor, cantar e até produzir músicas”*. Foi naquele momento que descobri que ele se considerava como um indivíduo vitorioso por ter conseguido algo na cidade de Maputo e implementado no distrito de Alto Molócuè. Então pedi que me apresentasse esses “outros supostamente desgraçados”, e ele acenou positivamente e disse que me apresentaria no decorrer da pesquisa. Falamos sobre diversos assuntos aleatórios, mas a minha inquietação sobre a

¹¹ Expressão usada em Moçambique para se referir a qualquer pessoa cujo nome não se conhece ou se quer omitir; fulano.

letra da música permanecia. Então decidi fazer novamente a pergunta, o porquê da letra daquela música que ele pediu que eu escutasse.

Com um semblante diferente, um olhar triste, confessou que teve alguns problemas com a sua esposa desde que ele voltou da cidade de Maputo. Então me lembrei em seguida que ele já vivia maritalmente com a sua esposa há sensivelmente cinco anos, tendo-a conhecido na cidade de Maputo. Ela mudou-se da cidade de Maputo para o distrito de Alto Molócuè justamente para morar com ele. Disse para ele que, se quisesse conversar sobre o assunto, estava disponível para escutá-lo como amigo. Estávamos a escassos metros da sua casa, então apenas me disse que os problemas já estavam resolvidos, o pior já tinha sido ultrapassado e o seu maior medo era perder a sua esposa e conseqüentemente os filhos, porque a cada briga a sua esposa dizia querer voltar para a cidade de Maputo, para a sua família. Então me disse em seguida: *“Meu amigo, por isso fiz aquela música para ela, mas se você tiver problemas com a sua namorada, também pode usar a música para acalmar os ânimos e pedir perdão”*.

Aquela conversa foi muito sensível e delicada. Apesar de eu ter me prontificado a escutá-lo, confesso que caso ele pedisse a minha opinião, pensaria por longos minutos o que dizer, até porque aquilo transcendia uma simples conversa para a minha pesquisa. De lugar de etnógrafo passei para amigo, talvez até um amigo confiante, porque só pelo fato dele não ter tocado o assunto em frente dos outros músicos e amigos, e ter falado sobre o assunto só na minha presença, foi um ato de confidencialidade. A partir daquele momento, o Max passou a ser a minha referência para encontrar outros interlocutores.

Para além de acompanhar as atividades desenvolvidas por Max no seu estúdio de música, numa das ocasiões fui assistir a um dos seus *shows* numa localidade que ficava a 30 quilômetros da vila sede. O convite foi feito pelo próprio Max. Saímos do centro da vila pelas 10h de um sábado, num veículo alugado, junto com outros cantores e chegamos ao destino pelas 11h30. A viatura foi alugada de um comerciante do distrito de Alto Molócuè, e o pagamento foi feito pelo governo do distrito. Afinal, o show fazia parte de uma das atividades desenvolvida pelo governo distrital em diferentes localidades, visando expandir algumas campanhas de sensibilização na área da saúde. E os músicos jogavam um papel crucial nesse processo, sendo o Max um dos intervenientes.

Quando fui ao encontro do Max, os outros cantores tiveram conhecimento que também ia viajar com eles e questionaram sobre a minha presença, visto que o carro estava reservado apenas para músicos e pessoas ligadas à administração local. Porém, o Max disse que eu era seu convidado e que estava a fazer um trabalho sobre a carreira dele como músico. Então permitiram que eu fosse com eles. Ao escutar o Max dizer que estava naquele lugar como uma espécie de biógrafo da sua carreira, fiquei me perguntando se estava a falar sério, se realmente entendia as razões da minha presença naquele lugar, e após a nossa chegada no local da realização do show pedi para conversar com ele e disse que queria esclarecer algo. Então, para o meu espanto, ele disse que sabia o que eu ia falar e tranquilizou-me, pois tinha dito aquilo apenas para que acalmasse os ânimos dos colegas de trabalho e para que eles me deixassem ir com eles. Ele sabia muito bem qual era o objetivo da minha pesquisa.

Apesar de o Max ter esclarecido para mim, notei que para os outros músicos o que o Max disse despertou a atenção deles. Por exemplo, enquanto eu assistia a atuação do Max, um dos cantores veio ao meu encontro e disse que também gostaria que eu contasse a sua história. Fiquei sem saber o que dizer na hora, mas passados alguns minutos conversando com ele, expliquei que estava a fazer uma pesquisa sobre experiências de vida de pessoas que tenham morado na cidade de Maputo e que estivessem a residir no distrito de Alto Molócuè. Dito isto, perguntei se ele já tinha ido à cidade de Maputo, ao que respondeu que nunca tinha ido, mas pretendia ir algum dia.

Então conversei com ele sobre a imagem e expectativas que ele tem da cidade de Maputo, o porquê desse desejo de conhecer a cidade de Maputo, e para a minha surpresa apenas disse: *“Quero ir porque quase todos os meus amigos já foram, e Max gosta de exhibir que viveu em Maputo”*. As palavras daquele cantor me lembraram do quão a cidade de Maputo é imaginada e pretensamente desejada por aqueles que ainda não conhecem esta cidade, e um dos motivos que motivava ele a ir à cidade de Maputo é o fato de o Max ter morado na cidade de Maputo e “exibir” sobre a sua experiência de vida em Maputo.

Importa referir que a migração geralmente é vista como o movimento da população para o território de outro Estado ou dentro do mesmo, que abrange todo o movimento de pessoas, seja qual for o seu tamanho, sua composição ou suas causas (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2006). Ou então, de acordo com o Direito Internacional da Migração (2009), a migração é definida como o

processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado, o que faz com que a migração seja considerada como todo um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão ou das causas.

Ciente dessas definições sobre a migração, importa referir que neste trabalho olho para a migração não só numa perspectiva geográfica, mas como um processo que envolve sentimentos passionais, caminhos a serem percorridos, aprendizado e superação, como as experiências do Max, que fez a música para pedir perdão e impedir que a sua esposa retornasse à cidade de Maputo, ou como no caso de Bilton, que após ter trabalhado na cidade de Maputo como garçom, pretende abrir seu próprio bar no distrito de Alto Molócuè.

Realizar esta pesquisa etnográfica foi um processo desafiador e necessário para o aprimoramento do método e técnicas das ciências sociais, num contexto em que os estudos antropológicos sobre a migração interna continuam escassos. Embora as migrações estejam ligadas à história de Moçambique e sejam um fenômeno gradual, a falta de informação e de dados surge como um dos entraves para a sua análise. A fraqueza estatística do fenômeno migratório resulta da falta de informação sobre as causas, tipologias e gestão dos fluxos migratórios (PATRÍCIO, 2016; RAIMUNDO & MUANAMOHA, 2013). Tal como diria Noa (2017), falar, defender e investigar hoje, no âmbito das ciências sociais, num contexto generalizado da incompreensão, banalização quando não de hostilização, à mistura com alguma ignorância em relação à essência, função e importância dessa área de conhecimento, é seguramente um ato de grande ousadia e destemor intelectual.

Ainda segundo este autor, o que torna verdadeiramente desafiadora a área das ciências sociais é que ao mesmo tempo que elas procuram legitimar uma determinada evidência e o conhecimento sobre um objeto, elas convocam os mecanismos autolegitimadores do processo que conduz a essa evidência. Realizar uma etnografia, no caso concreto de Moçambique, trata-se de um empreendimento que supõe investimento, paciência e continuidade, ao cabo do qual, em algum momento, os fragmentos se ordenam, perfazendo um significado que pode ser inesperado (MAGNANI, 2009).

Há de se referir que, em termos geográficos, a província da Zambézia está situada na região central de Moçambique. A sua capital é a cidade de Quelimane, localizada a cerca de 1.600 km ao norte de Maputo, a capital do país. Com uma área de

103.478 km², está dividida em 22 distritos (PORTAL DO GOVERNO DA PROVÍNCIA DA ZAMBÉZIA, 2018¹²). No topo leste da zona central de Moçambique, a província da Zambézia está limitada a norte pelas províncias de Nampula e Niassa, a leste pelo Canal de Moçambique, no Oceano Índico, e a sul pela província de Sofala. A oeste, para além da província de Tete, surge também o Malawi.

O distrito de Alto Molócuè, por onde realizei a pesquisa etnográfica, é um distrito da província da Zambézia, em Moçambique, com sede na vila de Alto Molócuè. Tem limite a norte com os distritos de Ribaué e Malema, ambos da província de Nampula, a oeste com o distrito de Gurué, a sul e sudoeste com o distrito de Ile e a leste com o distrito de Gilé. Em 2017, o Censo indicou uma população de 341.184 residentes.

¹² <http://www.zambezia.gov.mz>

Figura 2: Mapa de Moçambique

Fonte: <https://suburbanodigital.blogspot.com/>.¹³

1.2. Procedimentos metodológicos: Método, técnicas e etapas da pesquisa

Para a realização da pesquisa, usei o método etnográfico. Este tipo de pesquisa envolve o estudo de grupos e pessoas enquanto elas conduzem suas vidas cotidianas. A realização desse tipo de pesquisa envolve duas atividades distintas. Primeiro, o etnógrafo adentra um determinado cenário social que, em geral, não é previamente conhecido de forma íntima, e começa a conhecer as pessoas envolvidas nele. Permanecer próximo requer, minimamente, manter proximidade física e social da

¹³ Acesso em: 20 de Novembro de 2019.

circulação diária dessas pessoas; o pesquisador de campo deve ser capaz de assumir posições no meio de cenas e locais-chave para a vida dos outros, a fim de observar e compreender (EMERSON et al, 2013).

A partir deste método, foi possível interagir e conviver diariamente com os meus interlocutores regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè. Fazer a pesquisa de campo em Alto Molócuè, minha terra natal, permitiu aprofundar mais o domínio do método etnográfico, tendo em conta as ambiguidades surgidas no campo. Durante a realização da pesquisa, algumas vezes os meus interlocutores falaram e fizeram coisas que me lembravam das minhas próprias experiências de vida. Por exemplo, o João sempre fez questão de mencionar o quão difícil foi morar na cidade de Maputo nos primeiros meses, pelo fato de ter sido a sua primeira vez a se distanciar dos seus pais e irmãos e morar numa cidade sozinho.

Esse aspecto levantado por João me lembrou a minha própria experiência de migração, quando em 2013 saí do distrito de Alto Molócuè para a cidade de Maputo, com o intuito de ingressar na universidade. Ter morado na cidade de Maputo, distante da minha família, foi algo complexo também nos primeiros meses. Porém, de acordo com o João, ter voltado à sua terra natal, distrito de Alto Molócuè, e morar junto a sua família foi a melhor escolha, porque junto à sua família não se preocupa com a questão da alimentação e alojamento, e tem a vantagem de ter o aconchego familiar.

Tal como lembra Peirano (1992), por muito tempo na história da antropologia, os lugares do pesquisador e do nativo foram bem definidos. O pesquisador, treinado academicamente, saía do seu contexto de origem e encontrava o nativo, o outro, distante, iletrado, frequentemente além-mar. Esta situação hoje mudou, mas apesar dessa mudança, nota-se que a imagem do trabalho de campo como uma aventura em busca de povos geográfica e culturalmente distantes continua viva até hoje, mesmo quando os antropólogos pesquisam grupos sociais que habitam bairros próximos aos de sua residência (SILVA, 2000).

Importa referir que, tal como João, os outros interlocutores desenvolvem diversas atividades diárias como, por exemplo, o cultivo de diversos produtos agrícolas nas suas *machambas*, que distam geralmente acima de três quilômetros das suas residências, o que faz com que percorram longos percursos a pé ou então de bicicletas, das suas residências até as suas *machambas*. Nesse processo, acompanhei mais de cinco vezes um casal regresso da cidade de Maputo, o João e a Mariza, que moraram na

cidade de Maputo por três anos e que retornaram ao distrito de Alto Molócuè no ano 2017, devido ao fato do João ter ficado desempregado na cidade de Maputo.

Nesse processo de acompanhar o João e a Mariza à *machamba*, geralmente eu saía da minha casa às 4h30min da manhã a pé ou de bicicleta e ia ao encontro do casal, que morava a um quilômetro da minha casa. Tendo chegado à residência deles, juntos saíamos para a *machamba* do casal. Nos dias que íamos de bicicleta, eu ia sozinho na minha bicicleta e o João levava consigo na parte traseira (garupa) a sua esposa. Porém, quando isso acontecia, poucas vezes tinha a oportunidade de conversar com o casal durante o percurso de ida e regresso da *machamba*, porque o João andava em alta velocidade e isso me impossibilitava conversar com o casal pelo caminho. Ao passo que, nos dias que íamos a pé, caminhando, apesar de levar mais tempo, eu ficava mais feliz, porque tinha mais tempo de conversar com o casal.

Certa vez, chegamos à *machamba* do casal pelas 6h da manhã e o João notou que tinha sofrido um roubo. Alguém tinha roubado na sua *machamba* uma quantidade enorme de mandioca, o que segundo João era uma quantidade equivalente a 50kg. Olhei para o João e notei o seu sentimento de impotência e nervosismo. Enquanto conversava com o João, a Mariza tentava de forma desesperada seguir os rastros. Mas foi um esforço sem sucesso, porque de acordo com o João, aquele roubo tinha acontecido na tarde do dia anterior e dificilmente seria achado o suposto ladrão.

Afastei-me por alguns minutos e deixei o casal conversar. Não sei do que falaram, mas o fato é que, avançados alguns minutos, quando voltei a falar com o João, notei que estava mais calmo e aparentemente não mais preocupado com o que tinha acontecido. Quando voltávamos da *machamba*, a Mariza contou-me que o João desconfiava de quem tinha protagonizado o roubo na sua *machamba* e que, para minha surpresa, era o vizinho da *machamba* ao lado. Lembro-me de ter perguntado para o João o porquê achava que o suposto ladrão era o seu vizinho. Ele apenas me disse que muita gente tinha inveja dele e era normal isso acontecer.

A mudança repentina do comportamento do João me deixou pensativo. Por que será que depois daquela conversa com a esposa, naqueles escassos minutos que os deixei juntos, mudou completamente a reação do João? Será que a suposição de que o vizinho da *machamba* ao lado teria feito o roubo constituía verdade? Longe de saber as respostas dessas perguntas, apenas conversava com o casal enquanto caminhávamos à volta da *machamba*. O João contou um episódio que tinha acontecido na cidade de

Maputo, quando certa vez sofreu o roubo de uma parte da sua mercadoria e nunca mais recuperou. E olhando para mim, disse: *“Tu sabes que aqui não é Maputo, eu sei como resolver isso”*. Ao dizer isso, presumi que talvez a tranquilidade do João tivesse a ver com a expectativa de possível resolução do problema. Enquanto o João contava como resolveria a questão, a Mariza interrompeu-o, e disse que aquilo era segredo. O João confiava-me que ia conversar com o vizinho da *machamba* ao lado pacificamente, e pediria de volta a mesma quantidade de mandioca. Caso o vizinho não aceitasse, então ia levar o caso ao seu pai, que por sua vez, é implacável e provavelmente levaria o caso ao chefe tradicional da comunidade para resolver o problema.

Depois de três dias, numa tarde de domingo, o João ligou para mim e pediu que eu fosse para a sua casa. Chegando à sua casa, encontrei-o, juntamente com dois dos seus amigos, a sua esposa e o seu filho. O João e os seus amigos estavam sentados, e bem no centro tinha uma mesa com algumas cervejas. A Mariza estava sentada na esteira junto com o seu filho. Estavam a tomar um refrigerante. Quando me aproximei notei o quanto o João estava feliz, pelo menos pelo semblante sorridente e o copo cheio de cerveja na sua mão. Antes mesmo de perguntar o que estava acontecendo, ele disse: *“Te falei que ia resolver aquele problema, aqui não é Maputo, já está resolvido. O gajo me pagou em dinheiro, por isso, mano, vamos comemorar”*.

A Mariza em seguida trouxe uma cerveja para mim. Apesar do convite irresistível, não podia beber, porque dia seguinte tinha um compromisso muito cedo. Então ela trocou a cerveja pelo refrigerante. Sentei-me junto à mesa e festejei com eles, apesar das várias dúvidas que tinha sobre o caso. Lembro-me de a certa altura ter perguntado ao João como tinha feito para resolver o problema do roubo. Ele apenas disse que não podia me explicar como, o importante era que o assunto já estava ultrapassado. Olhei para a Mariza, como se quisesse uma resposta diferente, mas ela simplesmente ignorou o olhar com um sorriso na cara. Aquele fato me fez perceber que tal como ela tinha dito antes, os detalhes para a resolução do problema eram um segredo.

Associado ao método etnográfico, para a recolha dos dados realizei a observação participante, as conversas informais, as entrevistas semi-estruturadas, o uso do diário de campo e de gravações. Quanto à observação participante, realizei em diversos pontos do distrito de Alto Molócuè, tal como em algumas das experiências com os meus interlocutores narradas acima. Fiz uma observação participante de forma

regular, fazia-me presente nas atividades desenvolvidas pelos meus interlocutores, tais como a ida à *machamba*, a realização de jogos de futebol amigáveis, a ida ao estúdio de gravação de música de um dos meus interlocutores, a ida ao bar onde trabalha um dos interlocutores, nas festas em família, e sempre me comunicava com eles ao telefone celular caso desejasse ir para as residências destes, participando das suas atividades diárias e auxiliando no que pudesse.

A observação participante me permitiu perceber o cotidiano dos meus interlocutores. Este instrumento não obedece à estrutura rígida para a sua aplicação. Nesse processo de observação dialoguei bastante com as ideias de Quivy e Compenhoudt (1992), ao defender que observar em ciências sociais significa recolher apenas dados úteis para verificação dos objetivos. Neste sentido, esta técnica permitiu-me implementar o exercício de ver, ouvir e escrever de modo a descrever de forma detalhada toda a realidade que se vive no local da pesquisa (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006).

Apesar de estudar um fenômeno que me é familiar e conviver com interlocutores na sua maioria da minha faixa etária, dos 18 a 30 anos de idade, e que me inseriam nas suas relações de amizade e familiares, às vezes ao participar das suas atividades verificava certo receio por parte deles, com mais incidência para as minhas interlocutoras. Por exemplo, certa vez, a Mônica, esposa do Max, ligou para mim e pediu que eu fosse para a sua casa com urgência, visto que ela precisava da minha ajuda. Fui o mais rápido que pude. Quando cheguei, notei que ela estava aparentemente triste, pediu que eu me sentasse, e ela também se sentou com o seu bebê no colo. Começou por avisar-me que o seu marido não estava em casa e que precisava desabafar sobre algo, porém, não sabia se era uma boa ideia partilhar essa informação comigo. Com lágrimas nos olhos contou que pretendia voltar à cidade de Maputo porque desconfiava que o marido a traía com outra mulher, por sinal, uma vizinha, e que já estava farta de perguntar para ele, mas o Max sempre dizia que aquilo não passava de uma fofoca.

Enquanto conversava comigo, a Mônica olhava para os lados como se suspeitasse de algo, como se quisesse ter certeza se é que o marido não estava próximo de casa. Fiquei desconfiado com tal suposição de que o Max traía a sua esposa, porém, lembrei-me da conversa que tive com ele sobre a sua música, feita especialmente para pedir perdão à sua esposa. Naquele momento, eu estava ali como uma espécie de

conselheiro matrimonial. Apenas tinha certeza que não era uma tarefa fácil a Mônica ter contado para mim algo sobre a sua vida privada. Perguntei o que ela gostaria que eu fizesse, e logo garanti que faria tudo que estivesse ao meu alcance para dissipar tal dúvida.

A Mônica apenas disse que queria que eu fizesse uma sondagem, que eu conversasse com o Max e tentasse perceber se realmente ele tinha uma amante. Este ponto foi uma das questões delicadas que surgiu no decorrer do campo. Não sabia se tal atitude seria benéfica para a materialização da minha pesquisa. Todavia, expliquei para a Mônica que eu conversaria com o Max, porém, caberia a eles decidir qual seria a melhor escolha para eles. Dito isto, agradei a confiança depositada em mim, e disse para ela que o meu desejo era que tudo aquilo não passasse de um mal entendido. Então, fui-me embora.

Outra experiência similar, sobre a aparente timidez das minhas interlocutoras, aconteceu quando caminhávamos à volta da *machamba*, eu, a Mariza e o João, quando a dado momento perguntei para a Mariza como era viver em Alto Molócuè depois de ter morado na cidade de Maputo. Antes mesmo de ela responder a minha pergunta, olhou para o seu marido, o João, como se quisesse uma permissão para responder tal pergunta. Então, ela apenas referiu que era uma experiência diferente, não era a mesma coisa que morar na cidade de Maputo. A resposta da Mariza foi vaga, não me permitiu compreender o que realmente quis dizer com “*uma experiência diferente e não era a mesma coisa*”. Mesmo querendo conversar mais sobre o assunto, preferi me conter e voltar a abordar o assunto talvez mais tarde, talvez na ausência do João. E foi justamente o que fiz.

Passados dois dias, marquei uma entrevista com a Mariza na sua residência. Porém, ela disse que não seria uma boa ideia conversar na sua casa, porque o seu marido estava com os seus amigos ouvindo música e tomando cerveja. Então sugeri que conversássemos em casa de uma amiga, na casa vizinha. A mudança do lugar da entrevista foi mais uma vez um sinal, por um lado, de que quanto mais distante do seu marido a Mariza estava, sentia-se mais à vontade de falar sobre a sua experiência de migração, e por outro lado, de que falar sobre a cidade de Maputo em frente da sua vizinha, que não conhecia a cidade e almejava conhecer, teria uma dimensão simbólica significativa para ela. Chegando ao local combinado para a entrevista, para a minha surpresa, não era apenas a Mariza que estava ali, mas sim um grupo de cinco mulheres.

Afinal, a Mariza estava a trançar o cabelo, enquanto conversava com as suas amigas. Perguntei se podíamos conversar, e ela com um sorriso no rosto disse: “*Não é para isso que tu vieste?*” Acenei positivamente com a cabeça e, de um jeito descontraído, realizei a entrevista. Chamou-me a atenção o quanto ela estava à vontade e feliz enquanto falava comigo, uma Mariza diferente daquela que deu a resposta vaga quando voltávamos da *machamba*. A presença das suas amigas não constituiu nenhum obstáculo até terminarmos a nossa conversa.

É evidente que a questão do desconforto não abrangia apenas minhas interlocutoras. Alguns dos interlocutores também mostravam certo desconforto para falar de certas questões, principalmente perguntas relacionadas com as razões do seu regresso para o distrito de Alto Molócuè. Constatei que inicialmente a minha presença como pesquisador no local onde realizava as observações fazia com que as pessoas se sentissem desconfortáveis até certo ponto, e isso fazia com que, tal como questionou certa vez um dos meus interlocutores, se cogitasse se eu não estava a espionar a vida deles para posteriormente apresentar as suas histórias para os seus amigos e conterrâneos ainda residentes na cidade de Maputo, retratando eles como uma espécie de perdedores ou fracassados.

Este ponto relaciona-se com aquilo que Lia (2011), no seu estudo sobre os Zambebianos na cidade de Maputo, chamou de “o sucesso da vergonha”, ao mostrar que a permanência dos zambebianos na cidade de Maputo está também relacionada com a vergonha destes em regressar à sua terra natal sem o sucesso desejado, sendo a vergonha um sentimento desagradável relacionado com o receio da desonra ou do ridículo, cuja vergonha que ora enfrentariam consistiria em sentir-se excluídos do grupo (famílias, amigos, vizinhos), sensação de perda de dignidade, humilhação e desonra quando do seu retorno à Zambézia.

Todavia, estava ciente que, tal como referem Emerson et al (2013), a tarefa do etnógrafo não é determinar “a verdade”¹⁴, mas revelar as múltiplas verdades evidentes na vida dos outros, e que a presença do etnógrafo em um determinado cenário tem implicações e consequências inevitáveis sobre o que está ocorrendo. Visto que a presença dotada de consequências, muitas vezes associada a efeitos reativos, aos efeitos da participação do etnógrafo sobre como os membros poderiam vir a falar e se comportar não deve ser vista como algo que contamina o que é observado e aprendido.

¹⁴ As aspas são dos autores.

Durante a realização das minhas observações e participação nos jogos de futebol, no cultivo nas suas *machambas*, em momentos de lazer, em convívios familiares, por vezes dava de cara com certos costumes que foram apreendidos por estes na cidade de Maputo, como por exemplo, numa das ocasiões que um dos meus interlocutores preparou um prato típico da zona sul de Moçambique, o *carril de cacana*, que geralmente é constituído do molho de caril feito numa mistura de amendoim moído, leite de coco e folhas de *cacana*, uma planta com sabor amargo.

Esse tipo de prato é mais comum na cidade de Maputo, sendo muito raro na zona central do país, visto que essa planta, a *cacana*, na região central do país é habitualmente usada para tratar algumas enfermidades, como por exemplo, a dor de garganta. Porém, a minha interlocutora preparou esse prato no referido dia, no aniversário de uma amiga, e notei o quanto aquele prato despertou a atenção das pessoas presentes, que não acreditavam que fosse possível preparar caril com aquela planta.

Enquanto os convidados se deleitavam, a minha interlocutora fazia questão de explicar que aprendeu a preparar o prato na cidade de Maputo, fato esse que a colocava no centro das atenções, porque algumas mulheres curiosas conversavam com ela, perguntavam qual era a receita e que tipo de outras receitas a minha interlocutora conhecia para que pudesse partilhar. Naquele momento percebi o quanto um simples prato preparado naquela festa fez reviver memórias e experiências adquiridas pela minha interlocutora na cidade de Maputo, e que naquele dia constituíam uma grande novidade para os convidados.

Neste processo de convívio com os meus interlocutores, estava ciente de que, para que a minha pesquisa tivesse os efeitos esperados, eu tinha que participar intensamente das rotinas diárias no ambiente, desenvolver relações contínuas com as pessoas que nele se encontravam e observar nesse meio-tempo o que estava acontecendo, tendo em conta que o etnógrafo busca uma profunda imersão no mundo de outros, de modo a captar o que estes experimentam como algo dotado de importância e significado. Segundo Emerson et al (2013), a imersão possibilita que o pesquisador experimente por si mesmo, direta e forçosamente, as rotinas ordinárias e as condições em que as pessoas conduzem suas vidas, assim como os constrangimentos e as pressões às quais tal modo de viver está sujeito.

No que concerne às conversas informais, essa técnica permitiu-me compreender as trajetórias dos migrantes, tendo em atenção as narrativas sobre o

processo de retorno, as expectativas sobre o processo de chegada às suas comunidades, os desafios enfrentados e a criação de novas rotas de migração. Durante a realização das conversas informais, um dos aspectos que me deixava inquieto era a questão da duração das conversas, visto que não tinha um critério definido de duração das conversas, tendo em conta que os meus interlocutores tinham os seus afazeres. Sobre esta questão, lembro-me das ideias de Leach (1982), que mostra que para a realização de uma pesquisa etnográfica não há um tempo determinado como modelo universal visto, e que a duração da pesquisa depende muito do próprio observador ou pesquisador.

Certo dia fui conversar com o Bilton no seu local de trabalho, num bar. Era uma das poucas oportunidades que tinha para conversar com ele sobre a minha pesquisa, enquanto ele conversava comigo, tocava música, atendia os clientes, conversava com eles e gargalhava tanto ao ver os seus clientes dançando na pista do bar. Foi quando eu percebi que, para melhor aproveitar aquele momento e evitar frustrações maiores, tinha que me envolver no ambiente. Então, para além de conversar apenas com o Bilton, passei a conversar também com os seus clientes, e até dançava em alguns momentos que a música era tão boa e irresistível.

Ter feito esse exercício de mergulhar nas relações de amizade do meu interlocutor foi muito importante para compreender o lugar do Bilton na sua relação tanto com o seu patrão, assim como com os seus clientes e amigos. De todas as vezes que fui ao encontro do Bilton, no seu bar, nunca encontrei o seu patrão. Esse aspecto despertou a minha curiosidade e perguntei para ele o porquê da ausência recorrente do seu patrão. Foi então que o Bilton explicou-me que se tratava de um bar da família de um velho amigo que conheceu na cidade de Maputo, o qual, por saber da competência do Bilton, deixou o bar sob sua gestão.

O mais curioso é que o referido proprietário ainda mora na cidade de Maputo, porém, o Bilton presta contas para o irmão mais novo do seu patrão, que mora atualmente em Alto Molócuè. Bilton diz ter vontade de abrir seu próprio negócio, mas devido ao sentimento de gratidão que tem pelo seu patrão o plano continua suspenso, porque, segundo ele, sabe muito bem que abrir um novo bar em seu nome o colocaria como concorrência e levaria consigo quase todos os clientes, o que implicaria o fim do bar do seu patrão, porque não teria ninguém à altura para gerir o mesmo.

O fato de o Bilton invocar a questão da gratidão para a não abertura do seu bar levantou vários questionamentos para mim, fez-me perceber o quanto as redes criadas

na cidade de Maputo ainda continuam tendo um forte impacto mesmo estando distantes geograficamente. Para Bilton, a prioridade não é simplesmente ganhar dinheiro, muito pelo contrário, existe também a questão da honra e respeito. Por essa razão que, para abrir o seu próprio bar, precisa usar uma estratégia que não o coloque na posição de ingrato para com o seu patrão e amigo, e que possa deixar o bar sem que necessariamente isso implique o fim do mesmo. Certo dia, enquanto conversávamos, o Bilton pediu que eu desse uma boleia¹⁵ de motorizada¹⁶ até ao banco, pois precisava sacar dinheiro para fazer compras para reabastecer o estoque do bar.

Levei-o até ao banco e na saída perguntei por que ele não havia deixado essa tarefa para o irmão do seu patrão, que é o responsável pela gestão das finanças do bar. Acenando o dedo indicador negativamente, disse: *“O meu boss¹⁷ não confia no irmão, aquele é ainda miúdo para gerir o bar”*, e então acrescentou: *“Tu ainda não entendeste que eu sou quase dono daquilo¹⁸?”* Sem uma resposta, apenas liguei a motorizada e voltamos ao bar, onde ele em seguida pediu a um amigo que o levasse de carro para fazer as compras. O mais interessante é o facto de que o Bilton não precisa pagar por esses serviços, ele sempre anda de boleia e o pagamento é feito em jeito de agradecimento, dando uma ou mais cervejas após o regresso, tal como fez comigo para agradecer pela boleia até ao banco.

Quanto às entrevistas semiestruturadas, realizei-as na minha residência e nas residências dos meus interlocutores, no distrito de Alto Molócuè. As entrevistas decorreram entre os meses de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019. Nesse período entrevistei acima de 15 interlocutores, porém, para o presente trabalho, tal como referi anteriormente, uso apenas os relatos de 10 interlocutores. A entrevista semiestruturada é uma conversação efetuada cara-a-cara. De maneira metodológica, ela oferece verbalmente informações necessárias para a pesquisa desenvolvida (MARCONE & LAKATOS, 2009). As entrevistas foram aprofundadas e detalhadas, com o objetivo de obter informações para análise das experiências individuais e das famílias e assim perceber a dinâmica social sobre todo o processo de migração e reintegração nas suas terras de origem.

¹⁵ Carona.

¹⁶ Motocicleta

¹⁷ Termo usado pelo Bilton para se referir ao seu patrão

¹⁸ Referindo-se ao bar.

A relevância das entrevistas semi-estruturadas na antropologia, e em particular no presente trabalho, surge no seu caráter da descoberta dos aspectos a ter em conta para alargar ou retificar o campo de investigação das leituras (QUIVY & COMPENHOUDT, 1992). Apesar de ter as perguntas no meu guião de entrevista, nem sempre seguia a sequência das mesmas, porque a dado momento sempre existiam outros pontos por explorar que evidentemente não faziam parte do guia elaborado previamente.

Durante a realização das entrevistas contei também com a colaboração de vários amigos, que vezes sem conta deram boleia até ao local da realização das entrevistas, nos casos em que eu tinha que ir ao encontro dos meus interlocutores nas suas residências. Um dos episódios que marcou a realização das entrevistas aconteceu numa tarde de quinta-feira, quando por uma confusão de horários vieram para a minha casa cinco dos meus interlocutores de uma única vez. Eram dois casais e um solteiro. Fiquei desesperado, sem saber se adiava para alguns ou deixava tal como estava e conversava com todos de uma única vez.

Tendo em conta que já conversava com alguma regularidade com cada um deles e nunca tinha tido uma conversa coletiva, então perguntei se eles aceitavam conversar sobre diferentes assuntos, não necessariamente como uma entrevista. E para a minha felicidade o pedido foi aceite e então começamos a conversar. Foi nesse encontro que os meus interlocutores se conheceram, e a partir daquele momento sempre que existisse uma festa ou outro tipo de comemoração, eles convidavam um ao outro, principalmente a Mariza e a Mônica, que antes não se conheciam e que a partir daquele momento tornaram-se amigas. Foi uma alegria enorme as ver conversando sobre as suas vidas em Maputo e em Alto Molócuè, e às vezes aleatoriamente usando expressões em língua *changana*¹⁹, língua falada na zona sul de Moçambique, na cidade de Maputo.

Após o término do registro das conversas, entrevistas e dos fenômenos observados, transcrevi as entrevistas e as informações do diário para o meu computador, seguido de leituras constantes com o objetivo de encontrar regularidades nos discursos e nas práticas dos participantes.

Durante a pesquisa de campo usei um diário de campo. O uso do diário de campo serviu para anotar alguns detalhes e aspectos que aconteciam durante as conversas e interações com os participantes do estudo. O diário de campo permitiu-me

¹⁹ A maior parte dos moçambicanos usa o termo Changana para se referir a duas variantes da língua Tsonga (xiRonga e xiChangana), ou seja, uma mistura de Ronga e Changana. (Fonte: <https://www.mmo.co.mz>).

anotar vários detalhes que posteriormente permitiram-me consolidar a minha compreensão do assunto pesquisado. Normalmente, em antropologia aponta-se que a utilização do caderno de campo não seja tal que atrapalhe ou interponha-se na interação do pesquisador com o campo.

Realizei gravações de áudio de todas as entrevistas no meu celular com durações que variam entre 20 minutos a uma hora para cada gravação, com posterior transcrição para o meu *laptop*, evidentemente tendo em atenção as ideias de Emerson et al (2013), para os quais o que é registrado depende, em primeiro lugar, de quando, onde e como o equipamento é posicionado e ativado, o que este consegue captar mecanicamente e como aqueles que estão sendo filmados ou gravados reagem à sua presença. Entende-se então que uma transcrição é o produto do processo de decisões analíticas e interpretativas de um transcritor acerca de uma variedade de assuntos problemáticos, como determinar onde pontuar, de modo a indicar uma frase ou sentença completa, dada a falta de clareza das finalizações na fala comum; a decisão de representar ou não coisas como espaços e silêncios, sobreposição de falas e sons, acentos rítmicos e volume dos sons e palavras inaudíveis ou incompreensíveis.

1.3. Perfil dos interlocutores

No que concerne aos meus interlocutores, interagi com três grupos, com especial atenção para os indivíduos regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè. Este primeiro grupo é composto basicamente por jovens de ambos os sexos, com idades que variam entre os 18 a 35 anos de idade, que tenham morado na capital de Moçambique, cidade de Maputo e que tenham regressado às suas terras de origem, neste caso, o distrito de Alto Molócuè, província da Zambézia por onde realizei a pesquisa.

A escolha dos interlocutores foi feita em função de duas premissas. Primeiro, em função da faixa etária, dos 18 a 35 anos de idade; segundo, em função da proveniência e do tempo de permanência na cidade de Maputo, dando especial atenção aos migrantes saídos de Alto Molócuè que moraram na cidade de Maputo no mínimo num período de seis meses, sendo uma amostra sem uma representatividade estatística, dando-se especial atenção a aspectos sociais envolvidos nesses processos migratórios.

Para consolidar algumas informações sobre as experiências de migração dos meus interlocutores, conversei também com as suas famílias, com o intuito de

compreender como a família olha para estes jovens regressos e como foi a questão do retorno e o cotidiano nas suas terras de origem junto às suas famílias. Nesse grupo de interlocutores conversei com os pais, irmãos, primos, tios e esposos ou esposas dos migrantes regressos. O terceiro grupo foi a comunidade em geral, os vizinhos, os amigos, os chefes do bairro, entre outros, de modo a compreender as narrativas e a imagem criada em torno dos jovens regressos.

Para este trabalho, apresento o perfil dos indivíduos cujos depoimentos constam neste trabalho:

Tabela 1: Perfil dos meus interlocutores²⁰

Nome	Idade	Estado Civil	Trabalho C. de Maputo	Trabalho no Distrito de Alto Molócuè
Max	27 anos de idade	Vive maritalmente	Segurança e Músico	Músico e comerciante
Sérgio	26 anos de idade	Vive maritalmente	Mecânico	Mecânico e ator
João	29 anos de idade	Vive maritalmente	Vendedor ambulante	Camponês e vendedor
Roberto	27 anos de idade	Solteiro	Atendente de mercearia	Camponês
Burse	25 anos de idade	Solteiro	Empregado doméstico	Camponês
Mino	25 anos de idade	Solteiro	Vendedor ambulante	Comerciante
Mônica	23 anos de idade	Vive maritalmente/esposa do Max	Estudante	Não informou o seu trabalho
Mariza	25 anos de idade	Vive maritalmente/esposa	Empregada doméstica	Camponesa

²⁰ Por questões éticas, os nomes usados são fictícios.

		osa do Paulo		
Bilton	22 anos de idade	Solteiro	Balconista de Bar	Atendente de bar e Comerciante
Zito	28 anos de idade	Solteiro	Segurança e estudante	Professor do ensino fundamental

Desse grupo de interlocutores, já conhecia a partir da cidade de Maputo quatro deles: Bilton, Sérgio, Max e Zito. Estes fizeram parte da minha pesquisa inicial sobre as suas experiências de migração na cidade de Maputo. Por exemplo, conheci o Zito na cidade de Maputo em 2016, ano em que ele trabalhava como segurança num condomínio no centro da cidade, e em seguida, em 2017, entrou para o curso de formação de professores primários no Instituto de Formação de Professores (IFP) na vila de Namaacha, a uns 80 quilômetros da cidade de Maputo. Após a formação que durou um ano, Zito regressou para a província da Zambézia, onde trabalha como professor do ensino fundamental.

Conheci o Max em 2013, o meu primeiro ano na cidade de Maputo. Àquela altura Max servia ao exército moçambicano como polícia militar (PM) e morava no quartel. Em 2016, ano em que comecei a minha pesquisa para o meu TCC, Max já estava desmobilizado e morava num dos bairros da periferia da cidade de Maputo, trabalhava como segurança numa empresa privada e nos tempos livres fazia trabalhos ligados à área da música. Regressou à Zambézia em 2017 junto com a sua esposa e seu filho, e até ao momento trabalha como músico e produtor musical.

Quanto ao Sérgio, conheci-o em 2016 na cidade de Maputo. Àquela altura ele trabalhava como mecânico numa empresa de venda e manutenção de motorizadas, estabelecimento pertencente a um cidadão indiano. O seu trabalho consistia em fazer a montagem e manutenção de motorizadas. Sérgio regressou à província da Zambézia em 2017, após ter pedido demissão por razões que ele preferiu não mencionar. Na Zambézia, atualmente trabalha como mecânico na sua própria residência. E por último, conheci o Bilton em 2016, àquela altura ele trabalhava no bar, localizado num dos bairros da periferia da cidade de Maputo, tendo regressado à província da Zambézia em

2017, onde atualmente continua trabalhando como atendente de bar no distrito de Alto Molócuè.

Quanto aos outros interlocutores, tive o primeiro contato no distrito de Alto Molócuè entre os anos 2017 e 2018. O acesso a esses interlocutores foi-me facultado pelos primeiros quatro já citados, com especial atenção ao Max. Quanto ao João, conheci-o em 2017 no distrito de Alto Molócuè, onde trabalha atualmente como camponês e comerciante junto com a sua esposa, a Mariza, que também fez parte desta pesquisa. O João refere que na cidade de Maputo a sua principal ocupação era a venda de acessórios e recargas de telefone celular nas ruas da cidade e no mercado Estrela Vermelha, localizado no bairro Alto Maé na cidade de Maputo.

A sua esposa, a Mariza, trabalhava como empregada doméstica no bairro da Sommerschild, considerado como um bairro nobre da cidade de Maputo e que se constitui em um dos bairros onde reside a população com os maiores rendimentos, sendo esta região a que mais concentra a maior parte das embaixadas na cidade. Atualmente, no distrito de Alto Molócuè, a Mariza trabalha como camponesa, onde possui algumas *machambas* juntamente com o seu marido.

Outro interlocutor que conheci no ano de 2017 é o Roberto que, segundo ele, trabalhou na cidade de Maputo como atendente de mercearia, pertencente a um cidadão nigeriano. Tendo morado na cidade de Maputo por três anos, optou por regressar no início do ano 2017 pelo fato de ter ficado desempregado. Em Alto Molócuè, Roberto trabalha como camponês, sendo esta a sua ocupação principal. Outro interlocutor é o Minó, que morou na cidade de Maputo por dois anos, tendo trabalhado como vendedor ambulante na cidade de Maputo.

O Minó vendia *capulanas*²¹ no mercado *xikhelene* localizado na Praça dos Combatentes, praça onde os vendedores, para além de desenvolver atividades dentro de mercado construído pelo conselho municipal, também desenvolvem atividades nas faixas da via pública, às vezes colocando em risco a sua própria vida. Atualmente o Mino é comerciante, desenvolve as suas atividades numa das localidades do distrito de

²¹ A capulana é um pedaço de tecido colorido que gera encanto e curiosidade e tem suas origens há alguns séculos no continente asiático, tendo chegado à África por intermédio das trocas comerciais que pouco a pouco aportam à costa do Índico, concretamente em Moçambique. Os anais da história indicam que a capulana chegou em África pela primeira vez nos Séculos IX a X, no âmbito das trocas comerciais entre árabes, persas e povos que viviam ao longo do litoral. Quénia, Mombaça e Ilha de Moçambique aparecem nos registos historiográficos como primeiros locais que tiveram contatos longínquos na história do uso deste tecido no continente. Disponível em: <https://www.conexaolusofona.org>. Acesso em: 20 de Novembro de 2019.

Alto Molócuè, e um dos seus produtos mais comercializado é a capulana. Tal como o Minó, também conheci o Burse, que por coincidência viajou e morou junto com o Minó na cidade de Maputo por dois anos. Estes dois interlocutores são amigos e primos, decidiram viajar para a cidade de Maputo juntos, e quando o Burse ficou desempregado, ambos optaram em retornar.

Na cidade de Maputo, o Burse trabalhava como empregado doméstico, cuidando da quinta de uma senhora idosa. Porém, por dificuldades de se manter na cidade com o salário que recebia, preferiu se demitir e regressar a Alto Molócuè, onde atualmente trabalha como camponês. Por fim, a Mônica, esposa do Max, que na cidade de Maputo era estudante do ensino médio e fazia alguns trabalhos aleatórios, tendo interrompido para viajar com o seu esposo e filho para Alto Molócuè, onde atualmente continua estudando no ensino médio. Para além dessa ocupação, não foi possível apurar outra atividade desempenhada por esta em Alto Molócuè.

1.4. A chegada à província da Zambézia e a “quase ausência” dos meus interlocutores

Após a minha chegada à província da Zambézia, deparei-me com uma situação bastante complexa. Infelizmente tinha perdido o contato de dois interlocutores residentes no distrito de Mocuba. Isso se deveu ao fato da rede de telefonia móvel na qual eu usava antes de viajar ao Brasil ter bloqueado o meu chip, o que implicava a compra de um novo chip ou a reativação do chip anterior, mas com a perda de todos os contatos existentes.

Dito e feito, foi o que efetivamente aconteceu. Perdi todos os contatos, incluindo os dos meus preciosos interlocutores de pesquisa. Tentei recorrer a outros meios, tais como as redes sociais, mas, para o meu desespero, eles apenas usavam o *Facebook* e não acessavam as suas contas desde o mês de novembro de 2018. Passados alguns dias, optei em suspender a possibilidade de fazer o campo na cidade de Mocuba e continuar as tentativas em outros distritos alinhados para a pesquisa.

Fui até o distrito de Alto Molócuè, região muito familiar, visto que foi neste distrito que eu nasci e cresci. Apesar das dificuldades em aceder aos meus interlocutores continuarem, pelo menos me sentia menos pressionado porque tinha por onde me alojar e o que comer, visto que estava hospedado na residência dos meus pais. Lembro-me das

vezes que me sentava na poltrona da varanda de casa, mergulhado na agonia e desespero de não ter conseguido identificar acima de três interlocutores que estivessem disponíveis para conversar comigo.

Passaram-se alguns dias e felizmente tive uma notícia agradável. Tive contato com um dos meus interlocutores, que também fez parte da minha pesquisa de licenciatura e que se encontrava residindo no distrito de Alto Molócuè. Ele apresentou-me mais dois interlocutores, que estavam ávidos por participar da minha pesquisa e por partilhar as suas histórias. Tal como apontam Chiesa e Fantinel (2014), a maneira pela qual o pesquisador é introduzido no campo diz muito sobre o tipo de interação que se tem com as pessoas. Em uma estrutura organizacional, por exemplo, ser introduzido por alguém hierarquicamente superior pode facilitar uma entrada inicial, porém, dificultar a relação com outras “camadas” organizacionais. Todavia, a presença daquele interlocutor e a sua predisposição em me apresentar mais pessoas que podiam conversar comigo sobre a pesquisa foi bastante importante para alavancar a minha pesquisa.

Por se tratar de um campo geograficamente conhecido e que me era familiar, estava ciente de que para o etnógrafo as tensões entre o familiar e o estranho se fazem presentes durante todo o processo de pesquisa. Tal como me disse um dos interlocutores quando expliquei qual era o objetivo da minha pesquisa: “*Finalmente minha história vai chegar no Brasil, estou muito feliz, Beto*”. Beto é como sou chamado carinhosamente por algumas pessoas em Alto Molócuè.

Conversei com os dois jovens que me foram apresentados (Burse e Minó) e percebi que, tal como acontece com muitos jovens que saem da província da Zambézia à cidade de Maputo, estes dois jovens afirmaram que também viajaram para a cidade de Maputo à procura de melhores condições de vida. Ambos moraram na cidade de Maputo por dois anos e os dois tinham experiências de vida por partilhar. Atualmente residem em Alto Molócuè, mas explicam que não pretendem ficar neste distrito por muito tempo, porque não há oportunidades de emprego. Uma das saídas é ir à *machamba* ou desenvolver atividades no mercado informal.

A cada dia conhecia mais jovens interessados em participar da pesquisa. Estes eram convidados pelos outros interlocutores que já tinham conversado comigo. No total, consegui identificar 15 indivíduos regressos da cidade de Maputo e destes conversei intensamente com apenas 10, pelo menos no distrito de Alto Molócuè. Quanto aos outros distritos, ainda devido à dificuldade de interagir com os meus interlocutores

previamente identificados, optei em conversar por celular com dois interlocutores para cada um dos distritos, pese embora as suas histórias tenham muitos aspectos em comum, o que totaliza um universo de 10 interlocutores cujos relatos fazem parte deste trabalho.

Na segunda semana do mês de janeiro de 2019 fui à residência do Max. Fui à sua casa pelas 10h da manhã, local onde ele mora com a sua esposa e os seus dois filhos. Convidou-me para passar o “mata-bicho”²² e depois conversamos sobre diversos assuntos. Começamos por falar sobre a sua experiência de vida na cidade de Maputo, onde ele conheceu a sua atual esposa, com quem tem dois filhos. Em Alto Molócuè, faz trabalhos autônomos, com destaque para a produção de músicas. Durante a nossa conversa, afirmou ser um dos melhores músicos do distrito de Alto Molócuè. Tive o privilégio de ouvir algumas das suas músicas e constatei que, para além de questões sobre o amor, as suas músicas falam geralmente sobre temas ligados ao dia-a-dia do distrito de Alto Molócuè, sobre os costumes locais e, na sua maioria, são cantadas em língua nativa, o Elomwe²³.

Na semana seguinte tentei entrar em contato com mais dois jovens que aceitaram fazer parte da minha pesquisa, partilhando as suas experiências de vida. Enfrentei diversos obstáculos, principalmente devido à intensa chuva e ao estado degradado das vias de acesso para o local por onde pretendia conversar com os meus interlocutores. As vias de acesso condicionavam a circulação normal dos transportes terrestres. Face a essas dificuldades, restavam-me duas opções: ir ao encontro dos meus interlocutores de “chapa 100”²⁴ ou então fazer uso de motorizada (neste caso usaria a motorizada do meu irmão). Da vila sede de Alto Molócuè até ao local onde residem estes dois jovens são sensivelmente 80 quilômetros, no posto administrativo de Nauela, localidade de Cololo.

Um dia depois, em 16 de janeiro, consegui entrar em contato com um dos meus interlocutores através de uma chamada telefônica. Ele me garantiu que as estradas estavam minimamente em condições, visto que não tinha chovido naquele dia. Decidi apanhar o “chapa 100” rumo à localidade de Cololo. Felizmente consegui o transporte e tive a oportunidade de ter um lugar na cabine do carro, o que é um caso raro naquela região. Viajei quase 70 quilômetros e faltando uns 10 quilômetros para a nossa chegada

²² Expressão que significa café da manhã em Moçambique.

²³ Uma das línguas nacionais falada na zona norte da província da Zambézia.

²⁴ Transporte público.

à localidade de Cololo, o motorista surpreendeu-nos com a informação de que não poderia continuar com a viagem porque a uns dois quilômetros mais adiante a estrada estava em péssimas condições, e isso colocava em risco a sua viatura e a vida dos passageiros.

Ora essa, no meio de tanta frustração e impropérios lançados ao motorista, cogitei a possibilidade de continuar a viagem caminhando, mas logo me disseram que tal hipótese era quase nula, porque não conseguiria caminhar oito quilômetros em plena estrada esburacada e escorregadia, cheia de lama. A solução não tardou a chegar. O motorista foi mais cauteloso, conversou com outro motorista que passava pela mesma estrada em direção ao distrito do Gurue²⁵ (a mesma via que passa pela localidade de Cololo) e negociou com ele para que pudesse nos levar na sua viatura. Dito e feito, assim aconteceu.

Pagamos o valor correspondente à distância percorrida. A viagem completa até ao meu destino custaria 200 Meticais²⁶. Durante a viagem, quase a chegar ao meu destino, eis mais uma surpresa desagradável. Um dos meus interlocutores informou que não poderia me receber no dia combinado porque tinha uma cerimônia familiar numa outra localidade a uns 10 quilômetros de Cololo. Faltavam apenas uns cinco quilômetros para chegar. Com toda a frustração optei em prosseguir com a viagem. Ao invés de parar na localidade de Cololo, prossegui para a cidade do Guruè. Para tal, tive que acrescentar mais 150 Meticais, totalizando 350 Meticais²⁷. Essa situação fez com que eu criasse um novo plano, visto que não pretendia ir à cidade do Guruè naquele dia, porém, ir à localidade de Cololo sabendo que um dos meus interlocutores não estaria disponível seria ainda mais dispendioso.

Diante desse cenário, decidi ir até a cidade de Gurué. Optei em hospedar-me na casa de um colega do ensino médio que atualmente trabalha na cidade de Gurué como professor do ensino primário. Recebeu-me na sua casa e fiquei durante dois dias, enquanto aguardava o sinal do meu interlocutor na localidade de Cololo. O meu interlocutor deu-me sinal no final da tarde de quinta-feira e logo nas primeiras horas da sexta-feira dirigi-me à localidade de Cololo, onde conversei com ele sobre diversos assuntos, dentre os quais, evidentemente, a sua experiência de migração, sobre o processo de ida e regresso da cidade de Maputo e suas perspectivas de vida.

²⁵ Uma distância de 121 quilômetros de Alto Molócuè.

²⁶ Metical- moeda moçambicana.

²⁷ Aproximadamente 22 reais àquela altura.

Dentre várias coisas que aconteceram durante a realização da pesquisa, uma delas me deixou mais assustado e pensando na possibilidade de interromper a pesquisa. Tudo aconteceu durante a minha viagem à localidade de Cololo. O transporte disponível para a viagem foi uma viatura de marca *Canter* de caixa aberta. Geralmente, esse tipo de viaturas (os chapa 100) é apropriado para o transporte de carga, tais como sacos, animais, mercadorias, tijolos, entre outros tipos de cargas. Mas para o caso concreto da cidade do Gurué, esse tipo de viaturas, para além do transporte de carga e mercadorias, é comum também o transporte de passageiros, fazendo viagens interdistritais e interprovinciais.

A viagem naquele dia, numa sexta-feira, tinha como objetivo principal transportar comerciantes e suas mercadorias para uma das feiras que geralmente é realizada às sextas-feiras na localidade de Cololo, distrito de Alto Molócuè. Os comerciantes são na sua maioria provenientes do distrito de Gurué e se dirigem ao distrito de Alto Molócuè para a venda dos seus produtos e mercadorias, na sua maioria roupas usadas conhecidas vulgarmente como “calamidade”²⁸ e produtos de primeira necessidade como óleo, sabão, arroz, etc.

A questão das feiras em Moçambique é uma realidade que já vem se verificando desde muito antes da independência do país. Atualmente, em alguns pontos da província da Zambézia, as feiras são realizadas num único dia da semana em cada região, e as datas são definidas em consenso entre os líderes comunitários de cada região e os respectivos moradores daquela região. Geralmente estas feiras representam um fenómeno sociocultural e económico proveniente de aglomerados e barracas, onde há venda de produtos, geralmente na rua e a preços mais baixos.

Fui à paragem²⁹ por onde saem carros para vários destinos. Para a minha felicidade, mais uma vez tive um lugar na cabine do carro e me sentei bem ao lado do motorista. Para completar o trio, apareceu outro jovem, por sinal comerciante e vendedor de pastas³⁰, que pediu para sentar-se na parte da cabine também. Felizmente o motorista acenou positivamente. Saímos da cidade do Gurué pelas 6h10min, na carroçaria estavam por aí 15 passageiros, aliás, comerciantes ávidos de chegar o mais rápido possível e vender as suas mercadorias.

²⁸ Expressão usada para se referir a roupa e artigos importados, porém, de segunda mão ou seja, usados.

²⁹ Expressão usada para se referir a uma parada ou uma rodoviária.

³⁰ Mochilas.

A viagem corria bem até que num certo momento começou a chover intensamente. Não que a chuva me atingisse, eu estava bem tranquilo na cabine. Mas algo me preocupava. Para além dos meus companheiros de viagem ficarem todos molhados e correrem o risco de contrair um resfriado ou pior, a malária, também me preocupava o estado degradado das vias de acesso. A estrada estava esburacada e escorregadia. Aliás, há que mencionar que todo o troço de Gurué até a localidade de Cololo não tem asfalto, e quando chove a situação torna-se ainda mais grave.

A chuva não parava de cair, e com os solavancos, a aparente preocupação do motorista e uma provável timidez no volante, eu ficava cada vez mais preocupado e lançando improperios latentes ao motorista. Por ironia do destino, nos deparamos com uma subida traiçoeira, com lama escorregadia. A chuva aumentava a intensidade, chovia como se tivesse alguma dívida com um dos passageiros, como se não fosse parar. O carro ia pela metade da subida e começou a confusão, os pneus não mais suportavam tanta chuva e tanta lama. Enquanto acontecia o *zigzague*, os passageiros gritavam de medo na parte traseira da viatura, talvez com medo que acontecesse o pior.

Por momentos fiquei pensando se algo pior não ia acontecer com o jovem mestrando em Antropologia Social. Enquanto eu supunha cada tese e hipótese mais improvável que provável, o motorista anunciou a decisão final. Já tinha perdido o controle do volante e a única solução era “*deixar tudo nas mãos de Deus*”³¹. Enquanto o carro dava retaguarda, as pessoas gritavam, vociferavam ameaças, insultavam o motorista, choravam e saltavam do carro, eu meio que impotente apenas apertava a mão do meu companheiro de viagem ao lado, como se quisesse o aconchego de alguém para juntos rumarmos à morte.

Finalmente, dá-se o embate final. Escutei um ruído estrondoso. O carro já estava numa vala, capotado. Enquanto tentava escapar da cabine, o meu amigo puxava-me pelas calças, atitude igual à dos caranguejos, enquanto um tenta sair, o outro o puxa para baixo. Mas sei que ele fazia aquilo de forma involuntária, sem nenhuma maldade, com certeza também queria se salvar. Do lado da carroçaria ouvia choros e pedidos de socorro. Quem me dera naquele momento eu tivesse forças e salvasse todo mundo, mas a realidade chamava-me à razão, a solução era primeiro salvar-me a mim mesmo. Depois de algum tempo consegui abrir a porta. Deixei a minha pasta e os meus companheiros dentro da viatura, fiquei por alguns segundos tentando perceber o que

³¹ Foram as palavras do motorista.

realmente estava a acontecer, e escutei uma voz ao fundo: *E você aí, não ajuda por quê?* Entendi que, realmente, ao invés de ficar ali como plateia, eu tinha a obrigação de salvar os meus companheiros de viagem.

A chuva não parava e os gritos também, o cheiro do combustível aumentava e as rodas ainda giravam. Consegui dar a mão ao meu companheiro da cabine e o motorista também conseguiu sair ileso. Por algum momento pensei que houvesse perdas humanas. Mas nada disso, todo mundo estava são e salvo, apesar de confusos. Confuso eu fiquei ainda mais quando olhei ao meu lado esquerdo e vi um senhor com a idade aparentemente do meu pai (uns 60 anos), chorando e tirando lágrimas intermináveis, e do meu lado esquerdo um jovem quase da minha idade sentado na lama em plena chuva questionando com toda veemência as habilidades e a integridade do motorista.

A confusão passou e as lágrimas foram enxugadas. Até hoje me pergunto como foi possível notar as lágrimas daqueles viajantes acidentados em plena chuva. O motorista, ignorando todos os insultos, agiu de forma sábia e serena. Perguntou se todo mundo estava bem. Alguns, ignorando a pergunta, apenas insultavam-no, enquanto outros, mais calmos, respondiam que estava tudo bem. Naquele momento fiquei neutro, não disse se estava bem e nem me posicionei contra o motorista.

Apenas tentava perceber o que tinha acontecido. Minutos depois, surgiu a ideia de tirar o carro da vala, e todo mundo de acordo e unido fez de tudo para tirar o carro e continuar com a viagem, afinal estávamos parados no nada, numa região despovoada, aliás, com duas ou três casas aparentemente abandonadas. Do lado da mata, dos arbustos, apareceu uma dezena de pessoas, alguns homens e umas crianças, e explicaram que estavam na *machamba* quando ouviram o barulho e os gritos. Vinham justamente para ajudar.

Começou o processo de retirada do carro da vala. Enquanto uns puxavam pela corda na parte da frente, os outros empurravam da parte de trás. Foi um processo demorado, ficamos ali umas 3 horas de tempo, a chuva continuava, mas não tão forte, as pessoas conversavam e até riam. Já tinha passado o pesadelo, o velho que antes chorava agora comia uma mandioca que lhe fora dada por um camponês “salvador”. A razão tinha voltado a todos, os ânimos tinham se acalmado e a amizade reinava naquele lugar. Depois de três horas finalmente conseguimos tirar o carro da vala, digo que conseguimos no plural, porque realmente todo mundo trabalhou. Pensei em tirar umas fotos de tudo que estava acontecendo, mas achei uma atitude antiética, tirar fotos

enquanto uns choravam e outros trabalhavam, até porque não tinha uma máquina fotográfica apropriada para tirar fotos enquanto chovia. O melhor era deixar o meu celular na pasta, estaria mais seguro.

O motorista agradeceu a todos, principalmente os camponeses “salvadores” que vieram do além, do nada, das matas, como se de “espíritos” se tratasse. Após os agradecimentos eles se foram de novo pelo mesmo caminho, por onde eles apareceram eles desapareceram, e só víamos as árvores se mexendo como se aquelas pessoas fossem animais, talvez pássaros ou anjos enviados. Foram-se e nós continuamos com a nossa viagem, uma viagem demorada e sofrida, mas que me ensinou muita coisa, de que a ajuda, às vezes, vem de onde menos esperamos. E que o fazer etnográfico nos prega muitas partidas.

Este episódio fez-me compreender que viajar em Moçambique não é um ato solitário. Apesar de eu ter saído de casa sozinho, conheci o motorista e os outros comerciantes que viajavam no mesmo carro, e as conversas fluíam naturalmente sobre diferentes questões. O motorista, que eu desconhecia o seu nome, mas que cedeu o lugar na cabine da sua viatura, me chamou a atenção por vários motivos. Um deles foi o fato dele se comunicar em duas línguas, o português e o Elomwe, durante aquela viagem. Quando conversava comigo e o outro passageiro que tinha aparentemente a mesma idade que eu, ele falava na língua portuguesa, mas, quando quisesse interagir com os outros passageiros, ele se comunicava na língua Elomwe. O motivo para tal atitude talvez estava relacionado com a questão das diferenças etárias e pelo fato de eu ser novo naquele grupo, tendo em conta que, segundo o que fiquei sabendo, todos os comerciantes que viajavam naquele carro eram aparentemente mais velhos e já conheciam o motorista há mais tempo que eu, visto que já faziam este tipo de viagens com o mesmo há bastante tempo.

Naquele dia fui um dos primeiros passageiros a chegar à paragem, e àquela altura o motorista estava com o cobrador. Do outro lado tinha outras viaturas também indo ao mesmo destino. Porém, quando cheguei, o cobrador veio ao meu encontro e levou a minha mochila e deixou na cabine do carro, e em seguida avisou-me que eu tinha feito a melhor escolha, porque os outros carros sairiam mais tarde.

Há de se referir que, por ser uma rodoviária e existirem diferentes carros à procura de passageiros para o mesmo lugar, há uma espécie de disputa de passageiros, e quanto mais o cobrador convence os passageiros e lota o carro, mais rápido o motorista

sai. Então, naquele momento, eu era um passageiro em disputa. Por temer que eu viajasse numa outra viatura, o cobrador, com a permissão do motorista, levou a minha mochila para a cabine como uma forma de garantia, tendo em conta que nessas viagens o passageiro não recebe nenhum tipo de bilhete de viagem, pelo fato dos pagamentos serem feitos em dinheiro diretamente ao motorista.

Os motoristas geralmente não entram nessa disputa de passageiros, deixando isso na responsabilidade dos cobradores. Quanto mais flexível e convincente é o cobrador, mais chances tem o motorista de lotar o seu carro mais rápido. Boa parte desse processo de negociação é feito em língua Elomwe, sendo o português às vezes uma língua alternativa quando estes se apercebem que o cliente não compreende o Elomwe ou prefere se comunicar na língua portuguesa.

Após sensivelmente 30 minutos da minha chegada, comecei a notar que chegavam alguns passageiros que antes mesmo de ir até a viatura se dirigiam ao motorista e conversavam com ele, como se de amigos se tratassem. E o que mais me chamou a atenção era a indiferença dos cobradores quanto a esses clientes. Não havia tanta disputa como aconteceu quando da minha chegada. Afinal, tratava-se de passageiros fiéis ao tal motorista, e o cobrador não precisava de esforço para convencê-los, porque certamente eles viajariam com o referido motorista. Então, compreendi que a disputa de passageiros é direcionada principalmente para passageiros novos ou desconhecidos ao motorista. O mesmo jogo de linguagem que decorreu ao longo da viagem foi o mesmo que decorria naquele processo de negociação com os passageiros. Quanto mais novo e desconhecido for o passageiro, mais probabilidade há do motorista e cobrador se comunicar com o passageiro na língua portuguesa, e no caso contrário, então se comunicavam em língua Elomwe.

Ao longo da viagem, o motorista tinha algumas paragens estratégicas, geralmente nas residências de outros comerciantes que moravam distantes da rodoviária e que também pretendiam viajar para a localidade de Cololo para vender os seus produtos. Constatei que estes passageiros se comunicavam com o motorista através de telefone celular. Para saber da sua localização, então, o motorista ia até as suas residências para fazer o carregamento das mercadorias e o respectivo passageiro, mas, geralmente, esse tipo de questões só aconteciam para passageiros que moravam ao longo da estrada principal que o motorista pretendia percorrer.

Tanto o cobrador assim como os comerciantes chamavam o motorista de *boss*. Essa forma de tratamento é comum em algumas zonas rurais de Moçambique, geralmente envolvendo pessoas de status econômicos hierarquicamente diferentes. No caso, pelo que entendi, o motorista era chamado de *boss* por ser proprietário da viatura, um bem que no imaginário daqueles comerciantes representa riqueza. Tal como afirmou o próprio motorista ao longo da viagem, ele pretendia comprar outro carro para aumentar a sua frota. Em jeito de reação, o passageiro que estava do meu lado na cabine, que também é comerciante, olhou para o motorista com admiração e disse que admirava o motorista por ser um grande *boss*.

O mesmo aconteceu quando, após o incidente com o carro, apareceram alguns camponeses que ajudaram no processo de retirada do carro da vala. No final do processo, estes se referiram ao motorista como um *boss*, depois deste ter recompensado a eles com uma nota de 200 Meticais³². Toda a conversa com estes camponeses foi feita na língua Elomwe. Tanto crianças assim como adultos que estavam no local se comunicavam em Elomwe.

1.5. O jogo de futebol

Durante a realização da pesquisa, o Max pediu-me que organizasse uma partida de futebol 11 num dos campos comunitários da vila de Alto Molócuè. Fiquei na dúvida por alguns minutos e sugeri ao Max que aguardasse pela resposta, visto que aquela não era uma tarefa fácil. Primeiro porque, apesar de eu também ter nascido naquela vila, morava fora dela há quase cinco anos, e visitava a região geralmente uma vez ao ano para passar o Natal com a minha família. Por esse motivo, não tinha um contato tão coeso com os meus amigos de infância que pudessem aderir à proposta da partida de futebol. Por outro lado, fiquei pensando nas razões do meu interlocutor para ter escolhido justamente a mim para organizar o referido jogo.

Passados dois dias, o Max veio novamente saber da minha resposta, porque, segundo ele, já tinha dado tempo suficiente para eu pensar no assunto. Então, disse a ele que aceitava o desafio de organizar uma partida de futebol, mas para tal, ele tinha a obrigação de formar uma equipe de futebol com no mínimo 15 jogadores, e eu garanti que com a ajuda de outros amigos da região formaria outra equipe adversária com igual

³² Aproximadamente 20 reais na altura

número de jogadores. Passadas algumas horas, ele retornou eufórico com uma lista contendo 21 jogadores, e pediu que eu fizesse o mesmo até às 12 horas do dia seguinte (numa quarta-feira), porque o jogo seria realizado no sábado da mesma semana.

Fiquei curioso para saber como ele conseguiu formar uma equipa tão rápido e com um número considerável de jogadores. Mas, como se quisesse zombar da minha cara, o Max apenas disse que dava nisso ficar distante de casa. Às vezes nos esquecemos de certas coisas. Na hora me esqueci de perguntar que tipo de coisas ele se referia. Aliás, nem me deu tempo suficiente para fazer a pergunta, porque após dizer isso, ele se foi embora, acompanhado de mais dois amigos. Fiquei desesperado. Eu precisava cumprir com o prometido, precisava criar uma equipe de futebol em menos de 12 horas.

Mas, para a minha felicidade, um dos meus amigos, que àquela altura estava comigo, tranquilizou-me e disse que ajudaria a formar a equipe, mas que, para tal, eu deveria organizar uma boa estratégia de *marketing* para aliciar jogadores em tão pouco tempo. Dito isto, criei um grupo de *WhatsApp* com os contatos que eu tinha de alguns amigos de infância, dos meus interlocutores e dos meus irmãos. E avisei que pretendia convidá-los para a minha equipa de futebol para um jogo amigável. Se caso ganhássemos a partida, faríamos um churrasco e eu me responsabilizaria com 50% dos custos do churrasco. Num piscar de olhos, a metade da equipa já estava formada, sendo o treinador da mesma o meu irmão (um ano mais velho que eu). Até as 10 horas da quarta-feira já estava com uma lista de 26 jogadores, a maioria deles meus vizinhos e amigos de infância que não via há bastante tempo.

No dia combinado, o treinador da equipa adversária, o Max, apareceu conforme prometido e no horário combinado. Exigiu a lista, mostrei a minha contendo os nomes dos “meus jogadores” e ele, franzindo a testa, disse que não aprovava quatro dos meus jogadores. Perguntei o motivo e prontamente me respondeu que todos eles eram migrantes regressos da cidade de Maputo que, assim como ele, deveriam ficar na mesma equipa. Negociamos por uma hora, mas ele insistiu que queria tê-los na sua equipa. Sem outra alternativa, conversei com os referidos jogadores (o João, Minó, Burse e Sérgio) e eles disseram que aceitavam mudar de equipe só com uma condição: que eu também mudasse de equipa.

Notei que estava numa encruzilhada, porque se eu saísse da equipa criada por mim com tanto esforço, isso significaria o fim da mesma. Depois de tanto tempo de

negociação, os meus interlocutores aceitaram mudar de equipe, mas sob condição de eu convidá-los para o churrasco mesmo sendo da equipa adversária. Ficou acordado que assim seria independentemente do resultado do jogo.

Por tratar-se de um jogo amigável, todos estavam entusiasmados por fazer parte desse momento único. Chegando o dia do jogo, a minha equipa estava reunida em casa, enquanto o nosso “treinador” dava as dicas e montava o 11 inicial. De repente começamos a ouvir vozes e um barulho aparentemente de pessoas cantando, tocando apitos e batendo latas vazias como se de um grupo de música tradicional de Alto Molócuè se tratasse. Ficamos preocupados, olhamos todos curiosos para saber do que se tratava. Então, para o meu espanto, era a equipa adversária liderada pelo Max. Talvez porque quisessem exhibir o quão organizados estavam, decidiram passar na rua da minha casa e vieram ao nosso encontro para dar-nos um aperto de mão, e nós respondemos positivamente. Então eles continuaram com a caminhada em direção ao campo, que ficava a uns dois quilômetros de casa. Dez minutos depois, nós também rumamos ao campo, mas seguimos um atalho, e chegamos 15 minutos antes.

Foi um sábado maravilhoso. Choveu por alguns minutos, mas nada impediu que o jogo se realizasse. O jogo começou às 15h30min e durou quase duas horas, mais do que o normal, porque foi um jogo bastante disputado e cada um queria mostrar o seu potencial. Confesso que joguei apenas 30 minutos, fiquei exausto e solicitei que saísse do campo e entrasse outro jogador. A equipa adversária zombou da minha cara e lembro-me que, na minha saída, os meus colegas de equipa e adeptos aplaudiram, em jeito de reconhecimento pelo meu esforço, mesmo sem ter conseguido marcar um golo sequer. O jogo terminou com o placar de 4X4. Estava empatado.

Vários aspectos chamaram a minha atenção nesse processo, desde o momento inicial que o meu interlocutor fez a proposta da partida de futebol até ao último momento, à hora que todo mundo após o jogo se juntou e tirou uma foto amigável. Voltamos todos juntos para casa e conversávamos como se não tivesse existido uma “rivalidade” durante a preparação do jogo. Um dos aspectos que me chamou a atenção foi o fato de todos os meus interlocutores terem optado em ficar na mesma equipa sob a pressão do Max, o que fazia deles uma espécie de “equipa visitante”, jogando contra a “equipa nativa”, neste caso, a equipa da qual eu fazia parte, mesmo também sendo um *outsider*.

Durante o jogo, revivi memórias da nossa adolescência. Fazia muito tempo que eu não me divertia tanto com os meus amigos. Foi a partir daquela partida de futebol que pude constatar que apesar de todos que fizeram parte do jogo serem nativos daquele distrito, os migrantes regressos consideravam-se um pouco diferentes, como por exemplo, quando um deles falou certa vez para a nossa equipa que perderíamos, porque estávamos a jogar contra craques que já moraram na capital do país. Claro que a equipa não era formada apenas por migrantes regressos, tinha também nativos, mas, o fato de existirem jogadores que se autodenominam “craques” pelo fato de terem morado na cidade de Maputo me chamou a atenção.

Chamou-me atenção também o fato da esposa de um dos migrantes regressos ter ido assistir à partida de futebol. Eu já conhecia ela, a Mônica, mas poucas vezes via ela em lugares públicos onde o marido também frequentava. Depois do jogo conversei com ela, perguntei como estava e o que a trazia ao campo de futebol, e com um sorriso apenas disse que tinha ido apoiar o seu marido. A partir daquele momento notei que, afinal, a partida de futebol não era apenas aparentemente um jogo amigável tal como eu pensava. Era também um momento de afirmação do talento do Max e uma forma de socialização com a sua esposa, tal como o meu interlocutor disse: *“Nem sempre tenho tempo de sair com ela (a esposa). Hoje ela precisava me ver a jogar, porque quando eu digo para ela que sou bom em campo, não acredita”*. Depois de o meu interlocutor ter dito isto, perguntei à sua esposa qual foi o seu ponto de vista relativamente ao desempenho do marido em campo, pelo que apenas disse que ficou surpresa, e saiu do local juntamente com o seu filho e uma amiga, sem antes ter me dito o que quis dizer com “fiquei surpresa”.

De todos os meus interlocutores envolvidos no jogo, apenas um convidou a esposa para ver o jogo. Os outros dois viviam maritalmente e os restantes eram solteiros. Não entendi as razões deles não terem convidado as suas esposas, mas tal como um dos jogadores afirmou, aquele era um momento dos homens, uma ocasião especial, talvez por essa razão limitassem a presença das suas esposas. Um fato curioso é que todo o jogo foi realizado sem a presença de um árbitro, cabendo aos adeptos controlar o tempo de jogo e a marcação de faltas, caso necessário. Esta era uma lógica completamente diferente as regras do futebol 11 popularmente conhecido e praticado.

A ausência de um árbitro no começo da partida me deixou preocupado, mas os jogadores de ambas equipas me garantiram que estava tudo sob controle e que não

haveria brigas ou a quebra de regras anteriormente acordadas antes do início do jogo, que passavam basicamente em dar crédito àquilo que os adeptos diziam, principalmente quanto ao tempo de jogo e marcação de penalidades ou faltas graves. O campo não tinha sinais, mas os jogadores sabiam em que momento a bola estava fora da área de jogo. Esses aspectos todos me faziam questionar como é que conseguiam seguir umas regras aparentemente verbais e não escritas ou demarcadas no campo.

Infelizmente o tão desejado churrasco não aconteceu devido a duas razões: a primeira porque, depois do jogo, pelas 17h30min, começou a chover e isso fez com que alguns dos jogadores preferissem retornar às suas casas com alguma pressa. A segunda razão foi o fato dos restantes jogadores não terem mostrado disponibilidade para garantir os outros 50% para o churrasco, visto que havíamos combinado que eu pagaria a metade dos custos do churrasco. Mas para compensar a não realização do churrasco, no dia seguinte, num domingo, boa parte dos jogadores, incluindo os meus interlocutores, vieram até a minha casa e preparamos uma comida típica da região. Deliciamo-nos enquanto conversávamos sobre diferentes assuntos, dentre os quais a nossa infância, questões políticas do distrito, as viagens, a música e outras questões aleatórias.

Foi a partir do contato e sugestão do Max que pude mergulhar nesse emaranhado de questões. Foi graças ao meu interlocutor que eu revivi memórias de infância, vi a esposa do meu interlocutor apoiando o seu marido, vi que existem regras latentes numa partida de futebol 11 e que dão certo, mesmo na ausência de um árbitro. Vi que mesmo com ideias e opiniões contrárias é possível conviver como amigos. Naquele momento eu me dividia entre ser etnógrafo ou jogador, entre ser pesquisador observando os meus interlocutores e ser um jogador em pé de igualdade com os restantes, entre ser um nativo ou um pesquisador que mesmo sendo natural daquele distrito estava ali em busca de algo concreto, de informações etnográficas para posteriormente fazer uma dissertação e se formar numa universidade no exterior, num contexto completamente distante geograficamente e diferente daquele do qual estava mergulhado naquele momento.

Ver os meus interlocutores jogando a bola, conversando com os seus amigos e contando as suas experiências de migração me proporcionou uma oportunidade única de compreender como estes migrantes regressos se relacionam com as pessoas da sua comunidade. Foi possível perceber que ir e voltar da cidade de Maputo não é um

processo aparentemente simples, representa uma espécie de ritual, que muitos dos que fizeram parte daquele jogo também almejam, porque estes migrantes regressos ocupavam um lugar de destaque desde os preparativos para o jogo até o almoço realizado na minha casa (casa dos meus pais). E não foi por acaso que três dos migrantes regressos fizeram parte do jogo do início ao fim, e que, no dia do almoço, dois deles se disponibilizaram para cozinhar e contar um pouco das suas experiências de migração.

Capítulo II

2.1. As migrações em Moçambique e as conexões com a África Austral

Neste capítulo, faço a análise da literatura que trata da questão da migração dentro do território moçambicano e as conexões com a região da África Austral e no mundo. Há de se salientar que, na compreensão dos fluxos imigratórios em território Moçambicano, é importante adotar uma explanação diacrônica. Para tanto, essa discussão será organizada em três partes. Os primeiros tópicos explicitam o modo como podemos compreender momentos históricos da imigração em Moçambique. A saber, a primeira fase é relativa às migrações na época colonial; na segunda fase destaco as migrações pós-independência de Moçambique; e nomeio como uma terceira fase o período que abarca desde o início do ano 2001 até ao ano 2018.

Pode-se dizer que a migração é velha como o mundo. A situação do lugar de origem com excessos demográficos ou desemprego, a insuficiência de salários ou o baixo nível de vida, o espírito de aventura ou a pressão de tradicionais correntes migratórias, enfim, a guerra, a intolerância religiosa, contam-se entre as causas da deslocação das populações em boa parte do mundo. (BARATA, 1968, p. 24)

Moçambique não é exceção. As migrações e a mobilidade social sempre caracterizaram as populações. Tal como referem Muanamoha e Raimundo (2017), Moçambique é um dos países da África Austral que têm registrado uma intensa mobilidade da população, que, até muito recentemente, foi justificada por fatores políticos (Guerra dos 16 Anos, invasões armadas estrangeiras) e ambientais (inundações, ciclones, secas). Porém, apesar de muitos estudos realizados nos últimos anos, pouco tem sido discutido em relação às migrações internas. A falta de interesse pelas migrações internas, talvez pela complexidade que existe na sua explicação e no tipo de pessoas que são classificadas na categoria de migrantes internos, faz com que algumas questões relevantes sobre migrações sejam ainda pouco exploradas, como é o caso do processo de integração nas áreas de destino (FEIJÓ, 2017).

De acordo com Patrício (2016), apesar do fato das migrações estarem ligadas à história de Moçambique e sejam um fenômeno gradual, a falta de informação e de dados surge como um dos entraves para a sua análise. Ainda de acordo com Patrício

(2016), a fraqueza estatística do fenômeno migratório resulta da falta de informação sobre as causas, tipologias e gestão dos fluxos migratórios.

Apesar da escassez de literatura consultada que discuta sobre a questão da migração interna em Moçambique, alguns estudos feitos recentemente sobre a migração interna em Moçambique são de especial importância para a compreensão da complexa questão que é a migração. Estes estudos foram realizados de forma conjunta em 2016 pelo Centro de Análise de Políticas (CAP) e pelo Observatório do Meio Rural (OMR), dando especial atenção para a migração rural-urbana nas cidades de Maputo, Tete, Quelimane, Nacala-Porto e Pemba. Tal como afirma Mungoi (2017), estes estudos tinham como pretensão perceber a extensão dos movimentos migratórios e a integração dos migrantes nestas cidades enquanto indivíduos, membros de agregados familiares e detentores de uma cultura que, na cidade, pode ser transformada, diluída ou absorvida, pese embora estes pesquisadores estejam cientes de que ainda existem muitas questões por responder, referentes aos “processos de integração das populações de origem rural em contextos urbanos”, ao significado de integração e às relações entre quem chega na cidade e as pessoas que foram deixadas no campo.

De acordo com Feijó (2017), na sua pesquisa sobre as migrações rural-urbano, a análise das relações entre o campo e a cidade depara-se com um conjunto de obstáculos que dificultam a compreensão da complexidade da questão migratória. Daí ser sugerido que, mais importante do que estabelecer os limites conceptuais, geográficos ou administrativos entre o rural e o urbano, torna-se necessário conhecer as ligações entre estes dois contextos e as suas dinâmicas interdependentes.

Ainda de acordo com Feijó (2017), as definições estáticas de rural e de urbano não captam a realidade de migrantes sazonais que se movem regularmente entre o campo e a cidade. Para sustentar a sua posição, Feijó (2017) apresenta o conceito de *betwixt and between* utilizado por Bryceson (1999) para descrever um cenário em que os agregados familiares rurais aspiram, frequentemente, a modos de consumo urbanos e onde, simultaneamente, os residentes na cidade não deixam de se envolver com as comunidades rurais de origem.

2.2. Migrações internas antes da independência em Moçambique: sistema colonial e a África austral

De acordo com a literatura consultada (COLAÇO, 2001; FEIJÓ, 2017; MUANAMOHA & RAIMUNDO, 2017; MUNGOI, 2010; PATRÍCIO, 2016), é possível notar que, historicamente, as populações rurais em Moçambique não constituíram entidades estáticas, mas sim em permanente circulação, quer entre zonas rurais, quer para os centros urbanos ou de grande investimento, quer para os países vizinhos. Neste caso, a mobilidade vem constituindo, inclusive, uma das estratégias de reprodução e de sobrevivência das populações. Tal como refere Colaço (2001):

A partir do momento em que foram impostas as formas capitalistas de produção, os nativos não apenas se submeteram ao sistema como também se tornaram, pouco a pouco, dependentes dele. É o caso do trabalho migratório para a África do Sul, cuja prática se fazia sentir diretamente na vida dos trabalhadores africanos: ser migrante, além de constituir um símbolo de *status* para o sujeito na sua comunidade (pois, com o dinheiro ganho, podia comprar cabeças de gado para o casamento, que muitas vezes exigia um dote-lobolo – aos pais da noiva), constituiu, também, importante fonte de renda e de sobrevivência, pois era a maneira mais conveniente encontrada pelos trabalhadores para se esquivarem do trabalho forçado a que estavam sujeitos. (COLAÇO, 2001, p. 93)

Nota-se então que, para além dos movimentos migratórios para as colônias vizinhas, a implementação de projetos coloniais em Moçambique foi também geradora de intensos fluxos populacionais internos. Um dos trabalhos clássicos que mostra esse fenômeno foi desenvolvido por Cabaço (2009):

O crescimento da economia colonial estimulava a urbanização de contingentes cada vez mais numerosos de camponeses que o governo colonial, não obstante as restrições administrativas e a repressão, era impotente para conter. Essa migração de gente do campo tradicionalista para um habitat urbano, onde era forte a presença da modernidade ocidental, foi dando origem a um novo tipo sociocultural que o maniqueísmo estreito da colonização em Moçambique insistia em continuar remetendo para a classificação residual de *indígena*: era o africano da periferia dos centros urbanos que, mantendo suas cosmogonias e falando quase que

exclusivamente a própria língua, se encontrava distante de sua comunidade, desenquadrado das relações hierárquicas, dos vínculos tradicionais, das práticas consuetudinárias, dos espaços rurais. (CABAÇO, 2009, p. 139)

A construção de infraestruturas, tais como portos marítimos, estradas, pontes, caminhos-de-ferro, edifícios administrativos e a economia de plantação, carecia de importantes quantidades de mão-de-obra, pelo que amplas regiões do território de Moçambique se tornaram importantes campos de recrutamento para trabalho (FEIJÓ, 2017). A expansão de culturas de plantação, como de açúcar, chá, copra e sisal, atividades essas que demandavam maior número de trabalhadores para a colheita, eram responsáveis por um conjunto de migrações sazonais particularmente no Centro e Norte do país (VAIL & WHITE, 1980, p. 178).

A partir de inícios da década de 1960, verifica-se que se intensificou um processo de recrutamento compulsivo, gerador de deslocamentos temporários e na sua maioria migrações forçadas no interior de Moçambique. De acordo com Feijó (2017), diversas zonas geográficas do centro de Moçambique foram apanhadas numa encruzilhada de forte procura de mão-de-obra para projetos coloniais, começando a administração a adquirir controlo sobre a principal mercadoria da colônia, neste caso, a sua mão-de-obra.

Tal como lembra Feijó (2017), através de recrutadores, agentes das companhias e da própria Administração, sistematizou-se um processo de identificação e recrutamento de mão-de-obra, tendo o *chibalo*³³ como uma característica muito forte. Este era utilizado não só nas plantações, mas também em irrigação de vales e drenagem de pântanos, construção de aldeamentos, construção e conservação de estradas e caminhos-de-ferro, entre outras atividades necessárias à administração ou à concretização dos planos de fomento. Na mesma linha de pensamento, Lubkemann (2004) aponta que as deslocações populacionais constituíram também uma estratégia de resposta, da parte dos mais jovens, à autoridade imediata dos mais velhos, mas também de consolidação do poder entre os sexos ou de resolução de preocupações enraizadas em crenças sobre a feitiçaria.

³³ Chibalo é o conceito de servidão por dívida ou trabalho forçado no *Ultramar Português* (as províncias ultramarinas portuguesas na África e Ásia). Método muito usado pelo governo Português para o recrutamento compulsivo de mão-de-obra em Moçambique.

Pode-se dizer que a intensificação das deslocações populacionais, quer para os países vizinhos quer no interior do território moçambicano, desencadeou uma forte transformação nas relações sociais, tendo em conta que os impactos destes movimentos migratórios na economia camponesa foram bastante complexos e diferenciados. Há de se referir que, durante o século XX, grande parte da economia rural moçambicana, sobretudo a Sul do rio Save, passou a depender das remessas de migrantes, visto que os salários das minas eram essenciais para muitas famílias comprarem os alimentos que não podiam cultivar por si próprias.

Todavia, os movimentos migratórios também são referidos como fatores explicativos da baixa produção agrícola, inclusive dos camponeses a Sul do Save, visto que tratava-se geralmente de uma agricultura familiar e de subsistência. De acordo com Feijó (2017), na década de 1940 entre um quarto e um terço da população ativa masculina da província de Inhambane, zona sul de Moçambique, estava ausente em trabalho migrante, privando a economia rural de uma importante força laboral que, em teoria, poderia ter contribuído para o aumento da produção e para o desenvolvimento dos mercados.

2.3. Migrações pós-independência em Moçambique

Se, por um lado, o governo criado pela Frelimo visava construir uma nova ordem social que alterasse estruturalmente os aparelhos do Estado colonial através de projetos socialistas com fortes bases populares, por outro, as características autoritárias e repressivas do Estado colonial foram mantidas no período pós-Independência. Do ponto de vista do trabalho, a Operação Produção surgiu como um momento crucial, no qual os métodos e características foram similares aos do trabalho forçado (chibalo) do período colonial. (COLAÇO, 2001, p. 92)

Após a proclamação da Independência, a migração interna ou campo-cidade foi acentuada, motivada por várias razões, tais como a política de aldeias comunais, as secas dos anos 80, a guerra civil, a construção de infraestruturas socioeconómicas e as cheias de 2000. Nota-se que a busca de trabalho e proteção provoca uma urbanização acelerada nas cidades, com impactos diversos. Neste caso, verifica-se que o período entre 1980 e 2007, em que se realizaram os três recenseamentos gerais da população de

Moçambique pós-Independência, é caracterizado por um rápido crescimento urbano (MAPENGO, 2012, p. 43). Apesar do fim da guerra civil em 1992 e o consequente retorno às terras de origem, em Moçambique ainda foi notório e continuou a ocorrer o movimento migratório do campo para a cidade em resposta à pobreza cada vez maior das áreas rurais, provocando desequilíbrios entre campo-cidade.

Por outro lado, nos dezessete anos que se seguiram à Independência, uma parte da população moçambicana foi objeto de deslocamentos forçados, como consequência de políticas repressivas organizadas pelo Estado, nomeadamente, a criação de campos de reeducação, de projetos modernizadores como as aldeias comunais ou a Operação Produção, também como resultado de um longo conflito militar (não só entre 1976 e 1992, mas já antes, entre 1964 e 1974) ou em virtude de catástrofes naturais, o caso das cheias e secas (CABAÇO, 2009; COLAÇO, 2001; MAPENGO, 2011). Tal como refere Feijó (2017), ao longo dos primeiros anos da independência foram enviados, em vagas sucessivas, milhares de moçambicanos para campos de reeducação, nomeadamente, aquelas pessoas que eram consideradas pelo Estado como “sabotadores”, “marginais” ou “inimigos” da revolução, assim como os possuidores de hábitos coloniais ou burgueses que se pretendia eliminar, com vista à criação do Homem Novo.

Verifica-se que, após a independência de Moçambique, o Governo moçambicano procurou limitar a população urbana e controlar as migrações a fim de impedir problemas relacionados com o desemprego, prostituição e criminalidade ou com a oposição política. (FEIJÓ, 2017, p.17)

Com o encerramento de inúmeras unidades económicas resultante da partida de colonos e com o consequente problema de desemprego, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) via a migração do campo para a cidade como um fenómeno que colocava problemas para o desenvolvimento e para um modelo de organização moderno. Tal como lembram Cabaço (2009) e Quembo (2012), no ano de 1979 introduziu-se a obrigatoriedade da guia de marcha nas cidades do país, que era um documento de viagem interno necessário para se deslocar, nas cidades e no campo.

Nessa época, pode-se dizer que o Governo da Frelimo passou a desenvolver uma nova forma de dominação e controle do território-corpo, desenvolvendo-se o biopoder, ou seja, o controle/agenciamento da vida (FOUCAULT, 1985). Com o controle da migração campo-cidade e a exigência de guias de marcha nas cidades, aqui

a mobilidade e o controle territorial dos corpos, exercidos especialmente pelo Estado, através de suas instituições de ordenamento e de coerção socioespacial, tiveram um impacto muito forte. Ainda tendo em conta as ideias de Foucault:

Os 'indivíduos-corpos' são controlados enquanto territórios de apropriação (pelo consumo e status) e dominação (controle, disciplina e coerção), imposto muitas vezes pelo ordenamento/disposição espacial do Estado em relação aos indivíduos e da sociedade burguesa em função das relações de disciplinarização territorializadas. (FOUCAULT, 1985, p. 20)

Em termos numéricos, Vines (1991) aponta que a Operação Produção saldouse no envio forçado para campos de trabalho de entre 50.000 a 100.000 pessoas, sobretudo oriundas das cidades moçambicanas, entre as quais, pelo menos 30.000 de Maputo. Na mesma época, o Governo procurou implementar uma política de aldeamento no campo, a fim de evitar a dispersão populacional, de promover uma modernização rural de cariz socialista e o acesso a infraestruturas tais como centro de saúde, escola, lojas do povo ou cooperativas, mas também de retirar as populações da influência da RENAMO³⁴ ou de assegurar a proteção de civis.

Para Feijó (2017), direta ou indiretamente, a Guerra dos 16 Anos implicou também no deslocamento forçado de milhões de moçambicanos, tendo os raptos sido utilizados frequentemente, tanto pela Renamo, quer mesmo pelo próprio governo da Frelimo. Por outro lado, as situações de insegurança traduziram-se na fuga de muitas populações rurais para os centros urbanos ou para os países vizinhos. Tendo em conta este cenário, as migrações efetuaram-se a uma escala regional³⁵, pois as comunicações entre as diferentes províncias do país tinham-se tornado difíceis: pontes e eixos rodoviários constituíam os alvos privilegiados da Renamo.

Há de se salientar que diversos elementos que estiveram na base destas deslocamentos forçados apareceram em continuidade com diversas práticas do período colonial. Tal como menciona Feijó (2017), o modelo colonial de gestão da mobilidade populacional e de organização das cidades contém alguns aspectos presentes na guia de marcha e nos objetivos da Operação Produção.

³⁴ RENAMO – Resistência Nacional de Moçambique. É o segundo maior partido político de Moçambique. A RENAMO surgiu como uma reação externa e interna às políticas do partido único no poder, a FRELIMO, constituindo-se num movimento armado que combateu na Guerra Civil Moçambicana.

³⁵ Tendo em conta a divisão regional em Moçambique entre Centro, Norte e Sul.

Após a independência de Moçambique, o governo tentou implementar um sistema econômico marxista-leninista. Lançou-se, em 1983, a Operação Produção, que obrigou milhares de pessoas a deixar as famílias e a ir para o Niassa, onde estavam instaladas as principais bases da operação. Para a FRELIMO, essa ação não poderia ser considerada como um movimento migratório qualquer, ou seja, uma deslocação desordenada, mas sim como uma forma bem estruturada e administrativa de controle estatal sobre o desenvolvimento humano. A ação em prática fazia parte da agenda do Estado e da revolução. A Operação Produção, além de ser um projeto econômico, administrativo e político, também passou a ser um processo histórico e geográfico, porque, para além da produção econômica, também visou o repovoamento dessas duas províncias de Niassa e Cabo Delgado. (FERNANDO, 2019, p. 166)

Ainda de acordo com Fernando (2019), a primeira etapa desse processo começou com o decreto Operação Limpeza desencadeada numa missão conjunta entre a FRELIMO e as forças portuguesas, no dia 7 de novembro de 1974, na qual os militares dividiram-se em dois grupos para posicionarem-se nos lugares estratégicos da cidade de Maputo, na época Lourenço Marques, sendo que o primeiro grupo foi instalado na Rua Doutor Araújo de Lacerda com a intenção de bloqueá-la e, assim, criar um cinturão entre outros becos e praças do centro da cidade.

Tal como lembra Fernando (2019), essa estratégia visava deter os chamados “agitadores, parasitas e marginais”³⁶, afetando as trabalhadoras do sexo que atuavam na região e os seus respectivos seguranças e clientes. Nota-se então que a operação resultou num saldo de 284 indivíduos detidos de ambos os sexos, sendo o maior número de detidos composto por mulheres, com cerca de 192, enquanto o restante era composto por homens. Já no processo de seleção, cerca de 50 mulheres viram a sua liberdade ser restituída, e as outras 142 foram transportadas em carros estatais para destino não revelado sob escolta do Exército Popular de Libertação de Moçambique.

Nota-se que a representação colonial do indígena preguiçoso, que deveria ser corrigido através do recrutamento forçado, manteve alguma continuidade nas noções de improdutivo que estiveram na base dos processos de deportação forçada. E também as

³⁶ As aspas são do autor.

machambas comunais em muito se aproximavam dos aldeamentos coloniais promovidos pelos portugueses nos últimos anos de sua presença em Moçambique.

Pode-se dizer que a insegurança resultante da Guerra dos 16 Anos gerou grandes fluxos populacionais no interior do país, que se traduziram num crescimento acelerado das cidades logo após o fim da guerra na década de 90. A cidade de Maputo, capital do país, constituiu um dos expoentes deste processo de crescimento urbano. A população da cidade de Maputo cresceu de cerca de 378.348 habitantes, em 1970, para 871.776 em 1991 (LOPES et al., 2007). Em 1991, 44,6% da população de Maputo tinha origens fora da cidade, a maioria sendo proveniente do Sul do País, destacando-se a província de Maputo e tendo a guerra como principal causa migratória (LOPES et al, 2007; MUANAMOHA, 2003; PATRÍCIO, 2016).

Tendo em conta a análise dos censos populacionais, Arnaldo e Muanamoha (2014) reiteram a importância que tiveram tanto a cidade de Maputo assim como a província de Maputo enquanto destinos migratórios no período pós-guerra. Estas duas províncias continuavam a registrar as maiores taxas de população imigrante do país. Comparativamente com as áreas rurais, as zonas urbanas apresentavam um maior peso de imigrantes de toda a vida, traduzindo os fluxos populacionais campo-cidade.

Da análise do censo populacional de 1997, Raimundo e Muanamoha (2013) demonstram que as províncias de Maputo Cidade (360.858) e de Maputo Província (263.729) absorveram, respectivamente, 28% e 21% de todos os imigrantes interprovinciais acumulados em Moçambique (1.274.830), representando cerca de metade (49%) de todos os movimentos populacionais. Importa referir e chamar a atenção para o fato de que, da população migrante em Maputo Cidade, 36% eram originária de Gaza, 29% de Inhambane, 20% de Maputo Província, as três províncias da zona sul de Moçambique, e 6% da Zambézia, a única província da zona centro com maior número de migrantes na cidade de Maputo.

Analisando igualmente o censo de 2007, constata-se um aumento dos volumes migratórios para 1.549.101 pessoas, invertendo-se a importância de absorção de Maputo Cidade e Maputo Província para, respectivamente, 22% e 29% de todos os migrantes internos no país, mas aumentando a importância combinada das duas províncias no quadro nacional (para 52%). As populações imigrantes de Maputo Cidade continuavam a ser na sua maioria provenientes da província de Gaza (34%), da província de Inhambane (29%) e Maputo Província (16%), províncias estas localizadas na zona sul

de Moçambique, e, mais uma vez, a província da Zambézia (9%), tal como se vê na figura abaixo:

Figura 3: Mapa de Moçambique com as respectivas províncias³⁷



Quadro mostrando a localização geográfica das províncias com maior número de migrantes na cidade de Maputo (censo 2007):

Província	Localização geográfica
Zambézia	Centro de Moçambique
Inhambane	Sul de Moçambique
Gaza	Sul de Moçambique
Maputo Província	Sul de Moçambique

2. 4. A inserção de Moçambique nas migrações regionais na África Austral.

Moçambique, embora não sendo indispensável, é importante para a África do Sul. Durante mais de cinquenta anos, grande parte da mão-de-obra mineira deste país tem sido recrutada em Moçambique, e a rica indústria do ouro, para continuar a ser rentável, terá que depender de uma fonte de mão-de-obra barata e facilmente controlável como é esta. (MONDLANE, 1969, p. 155)

³⁷ Fonte: <http://wwwmozambique.blogspot.com/>

No que concerne à migração de moçambicanos para a região austral de África, nota-se que, ao longo das últimas décadas, as populações africanas sempre estiveram em movimento (FELICIANO, 1998; FEIJÓ, 2017; MUNGOI, 2010). Estas dinâmicas migratórias, de cariz permanente ou sazonal, frequentemente de forma circular, constituem, desde o século XIX, um fenómeno estruturante e estruturador da África Austral. Verifica-se que os movimentos migratórios em Moçambique e entre o território moçambicano e os países vizinhos têm origens ancestrais, bem anteriores à penetração capitalista colonial, onde, durante grande parte do século XIX, várias regiões da África Austral já vinham constituindo o palco de um turbilhão de movimentos militarizados, com repercussões profundas ao nível da mobilidade populacional.

Os grandes projetos coloniais procuraram reduzir os custos laborais através da utilização de contratos temporários, que não obrigavam à fixação permanente dos trabalhadores nos locais de destino, possibilitando o pagamento de salários sem atender às necessidades das respectivas famílias, que não acompanhavam o trabalhador. A permanência de trabalhadores urbanos nas grandes cidades preocupava as autoridades coloniais, não só pelas questões económicas referidas, mas também por questões sociopolíticas estruturadas num ideal de supremacia branca. (FEIJÓ, 2017, p. 18)

Na mesma linha, Farré (2009) refere que, embora sempre houvesse um grande movimento de população entre o sul de Moçambique e as regiões de Natal e Transvaal, o início das explorações mineiras na área do Rand, na segunda metade do século XIX, acrescentou cada vez mais os fluxos de migração para essas regiões. Um dos grandes debates dos colonizadores portugueses logo após a sua vitória sobre o Ngungunhana foi o que fazer com a emigração cada vez mais maciça da população dita indígena para além da fronteira colonial. Tendo em conta que uns afirmavam que a emigração era um problema para valorizar o potencial económico da colónia, visto que perdiam-se braços para trabalhar em Moçambique, outros diziam que a emigração podia ser uma maneira de ter acesso rápido a uma nova fonte de receitas, indispensáveis para atingir o volume de investimento que precisava a ocupação do território e que a metrópole não podia garantir.

Os projetos capitalistas coloniais imprimiram uma nova dinâmica nos movimentos migratórios na região da África Austral, nos quais Moçambique não constituiu exceção (FEIJÓ, 2017). Vê-se então que as continuidades linguísticas e

culturais e a estreita dependência da economia moçambicana relativamente às colônias vizinhas tiveram consequências históricas nas migrações internacionais, que foram transversais aos vários períodos. Daí que os movimentos migratórios tiveram, inclusive, impacto nas relações entre os diversos Estados coloniais envolvidos.

A emigração sempre constituiu uma das opções para a sobrevivência em épocas difíceis, principalmente numa grande parte da região da baixa savana do sul de Moçambique, sendo esta, tal como lembra Feijó (2017), uma das regiões com um clima atreito a secas. A partir da primeira metade do século XIX que se constataram movimentos migratórios desta região para a África do Sul, motivadas inicialmente pelo comércio de marfim e depois como fruto do desenvolvimento da cultura do açúcar no Natal, cuja mão-de-obra local não conseguia dar resposta às necessidades das plantações. No final do século XIX, a descoberta de diamantes no rio Orange foi responsável por um forte aumento das correntes migratórias (NEWITT, 1997, p. 419).

De acordo com Newitt (1997), a construção da linha de caminho-de-ferro entre o porto de Lourenço Marques e o Transvaal facilitou a deslocação maciça de trabalhadores moçambicanos para as minas sul-africanas, no âmbito de um conjunto de acordos assinados entre os governos português e sul-africano. Este aspecto é reforçado por Farré (2009), ao explicar que existe muita informação e muitos estudos sobre a história das relações entre a colônia portuguesa de Moçambique e os diferentes governos bôeres, britânicos e sul-africanos. Esta relação baseava-se na negociação do uso do caminho-de-ferro e do porto de Lourenço Marques para o escoamento da produção mineira e da gestão conjunta do fluxo de emigrantes moçambicanos que iam trabalhar nas minas, segundo as necessidades de mão-de-obra das próprias, e retornavam a Moçambique depois de ter finalizado o contrato de trabalho.

De acordo com Feijó (2017), este percurso de ida e regresso dos emigrantes ocorreu desde finais do século XIX, regulado pelos dois estados para tirar o máximo lucro possível do trabalho dos migrantes. Nesse processo, as empresas mineiras, graças à canalização oficial de grandes quantidades de trabalhadores emigrantes, mantinham os salários os mais baixos possíveis, e os portugueses, pelo seu lado, podiam reduzir o volume de migração clandestina, garantir o retorno dos emigrantes que regressavam com capacidade para pagar o imposto de palhota³⁸ e por essa via, ter a certeza que iam

³⁸ Um imposto que era pago em gêneros ou espécie, tornou-se prática numa forma encapotada de trabalho forçado. Palhota era a habitação dos "africanos". Estavam isentos do "imposto da palhota" os chefes

gastar em Moçambique uma parte do salário ganho fora do país. Desta forma, a aliança entre o estado sul-africano e o estado colonial português foi um fato estrutural que manteve-se até a independência de Moçambique, em 1975.

Ainda de acordo com Feijó (2017), este recrutamento era feito pela Witwatersrand Native Labour Association (WNLA) com a colaboração do Estado português, tendo, a partir da década de 1920, sido limitado ao Sul do paralelo 22, em termos práticos ao Sul do rio Save, com o intuito de reduzir a competição pela mão-de-obra com as grandes plantações das regiões centrais de Moçambique, e até meados da década de 1970, o número de trabalhadores moçambicanos na África do Sul continuou a registrar uma tendência de subida. Até que, em finais da década de 1960, era possível constatar a existência de 80.000 moçambicanos com contratos nas minas sul-africanas, estimando um total de 300.000 trabalhadores moçambicanos na África do Sul (NEWITT, 1997, p. 430).

Tal como a Sul do Save, existia uma estreita relação migratória com a África do Sul, com impactos sobre o desenvolvimento do complexo industrial do Rand. No centro de Moçambique foi possível verificar uma relação idêntica com as colônias vizinhas, como no caso da exploração mineira que tinha sido iniciada tanto na antiga Rodésia do Norte (hoje Zâmbia) como na Rodésia do Sul (hoje Zimbabwe). Os agricultores brancos da Rodésia do Sul produziam tabaco, milho e gado, que requeriam um grande número de trabalhadores (FEIJÓ, 2017).

Ao longo da primeira metade do século XX, números significativos de africanos de Tete atravessaram a fronteira para a Rodésia, devido a situações de insegurança, à procura de emprego (sazonal) nas plantações ou de melhores condições salariais, como estratégia de fuga ao trabalho forçado, ou com vistas à posterior migração para a África do Sul (NEWITT, 1997, p. 435). Apesar dos esforços das autoridades coloniais com vistas a exercer um controlo mais formal e eficaz sobre a mão-de-obra, a verdade é que predominou a migração clandestina de forma individual ou mesmo de famílias inteiras, inclusive com o beneplácito dos próprios rodesianos (FEIJÓ, 2017).

locais, as pessoas de "avançada idade" que não pudessem trabalhar quem possuísse alguma deficiência física, as crianças e as mulheres com filhos menores que não tivessem condições de sustentá-los (Thomaz, 2012).

Da mesma forma, no Tanganica (hoje Tanzânia), os trabalhadores moçambicanos oriundos de Cabo Delgado e Nampula constituíam uma parte importante da força de trabalho nas sisaleiras³⁹. Tal como defende e explica Hedges (1999), essas unidades de produção eram mais eficientes e eficazes do que as congêneres moçambicanas, oferecendo melhores salários e condições de trabalho. Fazendo uso da continuidade etnolinguística, milhares de camponeses atravessaram a fronteira para se fixarem e aproveitarem dos melhores preços pagos pelos seus produtos, especialmente mandioca e caju (FEIJÓ, 2017).

De acordo com Mungoi (2010), as dinâmicas migratórias para plantações e as minas da África do sul podem ser analisadas a partir de três momentos marcados por acontecimentos políticos e sociais. O primeiro se inicia em 1850, com os primeiros fluxos para as plantações de cana-de-açúcar, a descoberta das minas de carvão, diamantes e ouro, e o estabelecimento da indústria mineira. Este período termina em 1976. O segundo começa de 1977 e vai até 1993, caracterizado pela diminuição de contratações de estrangeiros para as minas. E o terceiro momento começa em 1994, com a ascensão do Congresso Nacional Africano (ANC) ao poder e a abolição do *apartheid*, e vai até 2009, tendo se caracterizado pela mudança no contexto político e a introdução de políticas que afetaram as relações entre os mineiros e a industrialização das minas.

Pode-se dizer que a política do trabalho migratório para as minas da África do Sul, iniciada pelo governo colonial, teve continuidade no governo da Frelimo, pois tinha sido este trabalho que havia beneficiado o governo colonial com grandes montantes em ouro, parte do pagamento dessa força de trabalho.

Após a independência de Moçambique, o novo Governo abraçou o desafio político de apoiar a luta contra o *apartheid*, assim como de diminuir a dependência relativamente aos países vizinhos, especialmente a África do Sul (FEIJÓ, 2017). Tal como defende Farré (2009), as independências das antigas colônias portuguesas trouxeram grandes mudanças no equilíbrio geopolítico da região austral. Em relação à

³⁹ O sisal é uma planta originária do México, introduzida em Moçambique em 1907 como cultura de rendimento para exploração da sua fibra. A cultura do sisal foi relançada no ano de 2003 na província de nampula, após cerca de 10 anos de abandono devido à baixa repentina dos preços e da procura no mercado mundial. Disponível em: <http://www.iam.gov.mz/>. Acesso em: 6 de Fevereiro de 2020.

emigração e ao desenvolvimento rural, há três pontos que merecem destaque, começando pela mudança radical das relações com a África do Sul, tendo em conta que o projeto político do partido Frelimo entrou em confronto aberto com o regime do *apartheid*. Nesse processo, o partido Frelimo tentou reduzir a emigração para conseguir dois objetivos. Por um lado, queria aumentar a produção agrícola própria e ganhar autossuficiência econômica. Por outro, queria também enfraquecer a economia sul-africana e contribuir ao seu isolamento internacional.

Outro aspecto levantado por Farré (2009) foi a prioridade da denúncia e da luta contra o racismo na África do Sul e na Rodésia, sacrificando os próprios interesses econômicos. Nota-se que, ao contrário do regime colonial português, o partido Frelimo seguiu o embargo econômico decretado pelas Nações Unidas contra o regime racista da Rodésia, embora esta medida fosse contrária à atividade do corredor econômico que ligava aquele país com o porto da Beira. De acordo com Farré (2009), este confronto ideológico entre Moçambique e os dois países vizinhos também levou Moçambique a apoiar as dissidências políticas no interior dos países rivais, e vice-versa.

O terceiro aspecto tem a ver com a coletivização dos meios de produção e distribuição. Independentemente das injustiças do sistema colonial, a independência trouxe uma série de mudanças estruturais que diminuíram a produção e pioraram a eficácia dos sistemas de distribuição das mercadorias nas áreas rurais. Este fato foi ainda agravado por uma série de anos de calamidades naturais (cheias e secas) e pela generalização da guerra no interior de Moçambique. O conjunto de todos estes fatos espalhou a insegurança e a frustração da maioria da população rural logo após a independência.

Na mesma linha, Feijó (2017) esclarece que em 1975 a África do Sul reduziu o recrutamento anual de mineiros em Moçambique de cerca de 115.000 para cerca de 32.000, os níveis mais baixos desde que se iniciaram os registros, começando à procura de vias alternativas ao porto de Lourenço Marques para o trânsito de mercadorias, com impacto nas receitas da economia moçambicana. Mesmo com o fim do *apartheid* e a normalização das relações entre os dois países, os níveis de contratação nunca mais se compararam com os praticados no período colonial. Em 2011, o número de moçambicanos registrados nas minas sul-africanas era de 37.552 e, em 2015, de apenas 29.760. A diminuição do sistema de recrutamento formal para os países vizinhos foi acompanhada por um aumento da população indocumentada, tal como apontam Araújo

e Muanamoha (2011), sobretudo composta de jovens do sexo masculino e de faixas etárias economicamente ativas.

Para Farré (2009), embora estas mudanças mostrassem uma grande ruptura em relação ao período colonial, houve também muitas continuidades na maneira como o Estado independente olhava a realidade do país e estabelecia metas políticas e econômicas que o consolidassem. Por exemplo, Farré (2009) apresenta quatro aspectos a ter em conta, começando por mostrar que tanto o Estado colonial como o Estado socialista assumiam-se como o guia principal e motor do desenvolvimento. A Frelimo quis reduzir o número de migrantes para acrescentar o nível de produção em Moçambique, seguindo a lógica produtivista e proteccionista própria de qualquer Estado em processo de desenvolver-se, independentemente da ideologia política.

Os dois também, no caso, o Estado colonial e o Estado novo, da Frelimo, justificavam os aspectos mais violentos da sua ação apelando ao interesse nacional. Porém, de acordo com Farré (2009), o paradoxo era que muitas vezes o interesse nacional justificava a violência contra sectores da própria população. Nesse cenário, se a elite intelectual colonial considerou aos camponeses como não-civilizados e pagãos, a elite do partido Frelimo acusou-os de obscurantistas e feudais. Portanto, para Farré (2009), as duas elites confundiram analfabetismo com ignorância, e subestimaram a capacidade da cultura camponesa e dos emigrantes para cada um deles decidir qual era a sua melhor opção para atingir os seus objetivos na vida.

Finalmente, tanto o governo colonial, assim como o governo da Frelimo, partilharam uma mesma vontade de transformar radicalmente a dinâmica da vida e da produção rural, o que nos dois casos conduziu-os a experimentar políticas de desenvolvimento baseadas na concentração rural, embora soubessem que a população estava habituada a um modelo de habitação disperso. Nesse processo migratório para os países da África Austral, as análises das consequências dos movimentos migratórios continuam a destacar os impactos sobre a economia familiar, nomeadamente, através das remessas (em dinheiro ou em bens) de migrantes ou da respectiva contribuição para o desenvolvimento da pecuária (ARAÚJO & MUANAMOHA, 2011; NEGRÃO, 2006).

Para Farré (2009), a migração à África do Sul é ainda hoje uma via de entrada de recursos em Moçambique. Por isso, torna-se importante saber como é que o migrante investe o dinheiro que tanto lhe custou ganhar e poupar na África do Sul. Na mesma linha, De Vletter (2006) demonstra que a migração no Sul de Moçambique contribuiu

para reforçar a heterogeneidade social, constatando discrepâncias de riqueza e bem-estar e concluindo que as populações com várias gerações de migrantes mineiros são mais propensas a possuir bens e propriedades, assim como uma melhor capacidade produtiva, o que as coloca numa situação socioeconómica comparativamente privilegiada.

Na mesma linha, Farré (2009) reforça que os migrantes surgem como vetores de modernidade e de urbanidade junto das suas zonas de origem rurais, sendo que a ostentação de bens de consumo adquiridos nas cidades ou na África do Sul (vestuário, electrodomésticos, equipamentos multimédia, materiais de construção, entre outras novidades) continua a contribuir para a afirmação de poder simbólico do emigrante na comunidade, reforçando, nas novas gerações, a expectativa social em torno da cidade ou da África do Sul. Essa ideia é partilhada por Mungoi (2010), ao referir que:

O discurso dominante entre os mineiros e suas famílias indica que a principal razão para que, passado mais de um século, milhares de homens moçambicanos continuem “abandonando” seus lares, suas famílias e até seus empregos para trabalhar nas minas é a busca de melhores condições para o sustento familiar. Portanto, a migração é considerada pelos entrevistados como um ‘ganha pão’ e o meio mais eficaz para superar a pobreza e as dificuldades financeiras das famílias. (MUNGOI, 2010, p. 94)

À semelhança de Mungoi (2010), as análises de Farré (2009) mostram que os movimentos migratórios decorridos ao longo das últimas décadas alargaram as redes de contato das populações pelos centros urbanos e pelos países vizinhos, potencializando a mobilidade e a integração noutros espaços, assim como a integração económica do território. Dessa forma, ao dispersarem os vários elementos da família pelos vários locais, estas circulações (sazonais ou mais permanentes) pelo território por motivos de trabalho são geradoras de transferências pessoais (em produtos ou em dinheiro) ou até de redes de negócio, constituindo mecanismos de sobrevivência de muitas populações.

De qualquer forma, este fenómeno continua a demonstrar a dependência das economias camponesas em relação ao trabalho não-agrícola (particularmente nos locais de maior migração), assim como a fatores externos à economia local, tal como a situação económica nos países vizinhos ou de zonas urbanas de concentração de grandes investimentos. Porém, tal como lembra Mungoi (2010), nessas experiências migratórias é importante olhar para a questão simbólica envolta dos indivíduos envolvidos nesse

processo e para as suas respectivas comunidades, tendo em conta que os mineiros que regressam bem vestidos e exibindo bens para os seus familiares e vizinhos constroem uma imagem de sucesso, gerando expectativa para os que pretendem migrar, e que a trajetória dos mineiros para as minas da África do Sul deve também ser vista como um rito de passagem (VAN GENNEP, 1978).

2.5. Dinâmicas atuais sobre migração interna em Moçambique

Nos últimos anos, a questão da migração interna tem sido estudada e discutida com mais incidência que no passado. Verifica-se também uma considerável quantidade de trabalhos acadêmicos, principalmente de culminação de curso, que tratam sobre a questão da migração de zambezianos para a cidade de Maputo (LIA, 2013; MARIO, 2017; PALAMUSSA, s/d).

Estes trabalhos têm em comum uma análise sobre experiências de migração e de integração de zambezianos na cidade de Maputo e apontam para o fato de que estes migram principalmente em busca de melhores condições de vida na cidade de Maputo. Tendo em conta que os zambezianos são o quarto maior grupo de migrantes na cidade de Maputo e o primeiro fora da zona sul de Moçambique, estas migrações de zambezianos, de acordo com Palamussa (s/d), são motivadas na sua maioria por razões econômicas, e as redes jogam um papel preponderante para a materialização dos seus objetivos. A sua integração na cidade de Maputo, não é feita de uma maneira uniforme, sendo uma das formas de integração a integração econômica por meio de atividades no setor informal da economia, basicamente, tal como refere Lia (2013), como vendedores informais.

Segundo Feijó (2017), no seu estudo sobre as migrações em Moçambique, com incidência para a cidade de Maputo, pode-se dizer que mais de metade dos inquiridos no seu estudo são provenientes do Sul de Moçambique, nomeadamente, do litoral das províncias de Gaza e de Inhambane, de distritos como Xai-Xai (7%), Manjacaze (7%), Chibuto (6%), Massinga (5%), Zavala (5%), Vilanculos (5%), Bilene (4%), Maxixe (3%), Morrumbene (3%), Homoine (3%), Inharrime (3%), Jangamo (2%), Manhiça (2%) ou Panda (2%). Estas são áreas geográficas próximas da Estrada Nacional (EN1), por isso, mais integradas na capital e com forte tradição migratória quer para a África do Sul, quer para Maputo. E no grupo de migrantes inquiridos, um dos grupos considerável

de migrantes oriundos fora da região sul de Moçambique era uma população oriunda da província da Zambézia, com destaque para o distrito de Namacurra, que representa 13% no total da população inquirida em Maputo.

Ainda de acordo com Feijó (2017), a principal motivação migratória dos inquiridos relacionou-se com a procura de trabalho ou de melhores rendimentos (64%). Nota-se que a euforia econômica vivida em torno de cidades como Maputo, Tete, Nacala-Porto ou Pemba impulsionou um conjunto de movimentos migratórios para estas cidades, associados à existência de trabalho ou de oportunidades de pequenos negócios. Por outro lado, um segundo nível de importância foi apontado como justificação: o acesso à educação (14%), o ajuntamento com familiares (14%), a busca de melhores condições de segurança (11%) e o acesso à alimentação (9%).

Na mesma linha de Feijó (2017), Muanamoha e Raimundo (2017) mostram que outro indicador de integração econômica dos migrantes no meio urbano é a oportunidade de desenvolver negócios próprios. De acordo com os dados do conjunto das cinco cidades estudadas por estes pesquisadores, indica-se que 40,4% de um total de 1.907 migrantes realizam alguma atividade por conta própria. Todavia, importa referir que o tipo de negócio predominante da grande maioria dos migrantes que o possui relaciona-se com a compra e a revenda de uma variedade de produtos (alimentares, bebidas, roupa, material elétrico e de construção, etc.).

Esse período pode ser visualizado pela intensificação das remessas, mais do que uma lógica circunscrita exclusivamente à manutenção da vida camponesa, mesmo que em alguns aspectos evoque essa conexão. Verifica-se então que os migrantes muitas vezes têm usado os seus recursos para desenvolver algumas atividades nas suas regiões de origem, sendo a remessa um dos meios usados para a materialização dos seus intentos. Tal como referem Feijó e Ibraimo (2017), as transferências pessoais das populações migrantes têm merecido uma particular atenção, quer por parte dos Governos, das agências de desenvolvimento internacionais ou dos acadêmicos.

As remessas dos migrantes tornaram-se uma importante forma de financiamento externo no continente africano, tendo os montantes enviados para este continente aumentado de 9,1 mil milhões em 1990 para 40 mil milhões em 2010, valores que não incluem os fluxos não registrados, enviados de maneira informal.

De acordo com Farré (2009), relativamente às formas de envio das remessas, podem-se distinguir as vias formais como o sector bancário ou as operadoras de

telecomunicações (como o serviço M-Kesh ou MPesa), daquelas informais (como através de familiares e amigos ou de serviços de transporte). Em Moçambique, a reduzida extensão dos serviços bancários ou financeiros é uma dificuldade à conexão entre as zonas de envio e as zonas de recepção, assim como o fato de muitas populações serem oriundas de zonas rurais remotas constitui um obstáculo à canalização destes valores através dos mecanismos financeiros formais.

A inexistência de valor monetário suficiente constituía o motivo para a não abertura de conta bancária para 65,3% dos inquiridos do FinScope (FARRÉ, 2009). Por outro lado, complexidades burocráticas, como a exigência de documentos de identificação pessoal, valores mínimos para abertura de conta ou despesas de manutenção não deixam de desencorajar os migrantes mais pobres ou menos instruídos a abrir contas bancárias e utilizar os respectivos serviços de transferência. Neste contexto, muitas populações migrantes preferem a utilização de canais informais, assentes em redes de confiança mútua e de longa data, frequentemente mais econômicos e não necessitando das mesmas exigências burocráticas.

As remessas constituem uma rede de segurança para muitas famílias e para espaços geográficos desfavorecidos, permitindo, de alguma forma, atenuar assimetrias socioespaciais, adquirir bens transformados e não produzidos localmente (como óleo, sabão ou açúcar), para além de constituírem um elo de ligação entre as populações migrantes e as suas famílias.

Os resultados da pesquisa de Farré (2009) permitem compreender que os homens mantêm um contacto mais regular com a comunidade de origem do que as mulheres. Enquanto 60% dos homens refere que telefona todos os dias ou semanalmente para o seu local de origem, essa frequência se reduz para 53% entre as mulheres. De acordo com Farré (2009), este fenómeno pode estar relacionado com o maior nível de rendimentos observado entre os homens. Neste caso, a migração masculina implica a sua ausência do núcleo de residência familiar durante períodos de tempo de no mínimo onze meses, pois os emigrantes contratados regressam cada ano durante as férias.

Esta distância entre os dois membros do casal sublinha ainda mais o sistema de divisão sexual do trabalho característico das populações rurais africanas em geral, e de Moçambique em particular. Graças à emigração, as funções de ambos os gêneros são

complementares, pois marido e mulher trabalham os dois para atingir um objetivo comum: o ideal de abundância próprio do meio rural.

Um fato interessante no estudo de Farré (2009) é a questão da poliginia característica de alguns migrantes. De acordo com Farré (2009), um emigrante com sucesso geralmente não tem problemas para que a primeira mulher aceite a uma segunda mulher, desde que a segunda mulher aceite que há uma relação hierárquica entre as duas, e que a segunda deve obediência à primeira. É por isso que com frequência a mulher propõe ao marido que, se este quer uma segunda mulher, case com uma de suas irmãs mais novas ou com uma filha de um irmão dela. Com qualquer das duas garante-se uma maior ligação com a sua própria família e também se garante uma relação hierárquica com a esposa mais nova muito mais fluída e sem problemas com uma moça que não conhece. Com duas mulheres, duplica-se tanto a descendência como a capacidade de trabalho da terra. Por outro lado, o homem deve assumir a construção de uma nova casa para a segunda mulher, geralmente menor e não muito longe da casa principal.

Para que estas mulheres consigam se manter na ausência dos seus maridos, geralmente elas envolvem-se em atividades que dão algum lucro, tal como o caso do transporte de produtos necessários na vida quotidiana de uma área para outra, como madeira para a construção, lenha e carvão do campo para a cidade, e produtos das lojas da cidade para o campo. Por isso, os emigrantes e demais pessoas abastadas têm na compra de carro uma prioridade muito superior ao investimento na agricultura, isto para além de que o trabalho de conduzir um carro considera-se mais prestigiante para um homem do que trabalhar a terra, que é próprio de mulheres.

Sobre a questão do contato com os locais de origem, Feijó (2017) mostra que, em termos de visitas presenciais ao local de origem, constata-se que a maioria dos inquiridos mantém uma frequência de contatos regular, sendo que 70% se desloca à localidade de proveniência pelo menos uma vez por ano. De acordo com Feijó (2017), estes resultados traduzem a importância das visitas às origens para as pessoas envolvidas, reforçando a ideia que a decisão migratória assentou essencialmente na expectativa de melhoria de vida e, já não tanto, na procura de uma ruptura com o contexto de proveniência. Em relação ao destino das remessas financeiras enviadas para o local de origem, é possível constatar que a compra de alimentos constitui a forma de aplicação mais vezes referida (26%), seguida da construção de casa (6%).

Na mesma linha, Farré (2009) refere que a migração à África do Sul e o contacto que supõe com uma sociedade industrial tem modernizado muitos hábitos quotidianos dos emigrantes rurais no que concerne à fala, no vestir, nas ferramentas, etc., mas isto não significa necessariamente que tenham abandonado o seu sistema de conhecimento prévio a estas mudanças. Nota-se que a emigração à África do Sul, com os riscos e os perigos que implica, tem acrescentado ainda mais as práticas de proteção contra os maus espíritos, demonstrando mais uma vez que a crença nos espíritos e a prática de bruxaria não são incompatíveis com a vida moderna.

Olhando um pouco para o contexto moçambicano no geral, Patrício (2016) considera que atualmente, em Moçambique, a maioria dos fluxos migratórios é proveniente dos Grandes Lagos, nomeadamente, Ruanda, Uganda, Burundi, Sul da RDC e do Corno de África, em países como a Etiópia, Somália e Sudão, vindo em números mais modestos da África Ocidental, como é o caso da Nigéria, Mali, Serra Leoa, Senegal, Togo e Guiné, do Médio Oriente e Ásia em países como Líbano, Síria, Paquistão, Índia, Bangladesh, China e Vietname. Ao nível dos Países de Língua oficial portuguesa (PALOP), há cada vez mais imigrantes oriundos da Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Cabo Verde. Da África Austral, destacam-se o Zimbabwe, África do Sul, Malawi e Zâmbia.

A partir dos dados apresentados por Patrício (2016), é possível constatar que boa parte dos imigrantes que se encontram em Moçambique são oriundos de países africanos, e num número menor, oriundos de outros continentes. Quanto ao continente asiático, destacam-se a Índia (2.357) e o Paquistão (1.243); da América, o Brasil (934); enquanto da Europa, sobressai Portugal (4.279). Verifica-se que estes imigrantes que procuram Moçambique desenvolvem várias atividades, fundamentalmente no comércio formal ou informal, engrossando a atividade neste último sector, onde já trabalham mais de 70% dos nacionais.

2.6. De Maputo à machamba: considerações sobre a província da Zambézia e as políticas públicas sobre o meio rural

No início deste capítulo mencionei que a migração em Moçambique é um processo contínuo, e a cidade de Maputo constitui então, desde o período antes da Independência até a atualidade, como sendo o maior polo de concentração de imigrantes

provenientes das outras províncias do país, com mais incidência para os migrantes provenientes das províncias da zona sul de Moçambique, como é o caso de Gaza e Inhambane, e a província da Zambézia representa a província fora da zona sul com maior número de migrantes na cidade de Maputo (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2013, p. 69).

Atualmente, verifica-se que em Moçambique, do ponto de vista demográfico, as migrações representam uma das mais importantes formas de mobilidade das populações e do ponto de vista social e econômico a cidade de Maputo é a referência para os imigrantes, pelo fato de acreditar-se ser um lugar propício para a realização de sonhos individuais ou coletivos, encontrar empregos, tratar de várias enfermidades, etc. (MAPENGO, 2011). Tendo em conta que, dentro dos imigrantes residentes na cidade de Maputo provenientes das outras províncias do país, boa parte sempre foi oriunda da zona sul do país, sendo a província da Zambézia a única da zona centro e norte do país com elevado número de imigrantes residindo na cidade de Maputo, torna-se pertinente olhar de forma específica a província da Zambézia e analisar o que está por detrás desse fenômeno.

Muitas são as causas para o acentuado número de zambezianos na cidade de Maputo, comparativamente a outros imigrantes provenientes das outras províncias da zona centro e norte de Moçambique. Por exemplo, no final do conflito armado em 1992, o cenário patente era de uma grande destruição de infraestruturas sociais e econômicas na maior parte das provinciais do país. A província da Zambézia, a segunda mais populosa de Moçambique, foi um dos locais onde a guerra atingiu proporções enormes. Diante destes pressupostos, o cenário de migração por parte da população zambeziana para zonas mais tranquilas começou a acentuar-se consideravelmente. Dentro dos destinos dos migrantes zambezianos, estava a cidade do Maputo, a qual era uma das cidades menos afetada pela guerra e com mais esperanças de melhores condições de vida (LIA, 2011, p. 4).

Dos estudos recentes, verifica-se que muitos indivíduos oriundos da província da Zambézia têm-se feito a esta cidade em busca de um “Eldorado” (LIA, 2013), porém, uma vez na cidade capital, se deparam com dificuldades de inserção tais como desemprego e pobreza, que condicionam as suas vidas nesta cidade. De acordo com Siteo (2004), no seu estudo sobre imigrantes zambezianos na cidade de Maputo, o que gera o mal-estar e consequentes problemas de integração do imigrante zambeziano na

cidade de Maputo, para além dos constrangimentos estruturais, ou seja, a dificuldade de encontrar empregos formais, não é incapacidade para conviver com os códigos culturais diferentes, mas o estereótipo que recai sobre a sua pertença. Pode ser que estereótipos que consubstanciam várias significações nos termos “xingondo” e “xiviauna” sejam responsáveis pelo fechamento dos imigrantes em grupos de origem comum e agudizem a alteridade.

Tal como refere Chichava (2007), a Zambézia foi uma das províncias mais afetadas pela guerra civil que opôs durante cerca de dezesseis anos (1977-1992) o regime da Frelimo e a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), fazendo milhares de mortos e destruindo a economia de Moçambique. Para sustentar esta ideia do impacto da guerra na província da Zambézia, Chichava mostra que, no seu auge, em 1986, cerca de 1,5 milhão de pessoas, ou seja, mais da metade da população local, estimada em cerca de 2,5 milhões de habitantes (segundo o censo de 1980), encontrava-se diretamente afetada e sofria de todo o tipo de insuficiências: fome, doenças, falta de vestuário adequado, etc.

As comunicações entre a capital da Zambézia, a cidade de Quelimane, e os distritos estavam completamente paralisadas. E os únicos meios de transporte eram o avião ou o barco, quer por causa da insegurança, quer porque as estradas tinham sido completamente destruídas. A maior parte da população rural tinha-se refugiado noutras províncias menos afectadas, em Quelimane e nos países vizinhos, sobretudo no Malawi. (CHICHAVA, 2007, p. 15)

Importa ressaltar que, tal como lembra Chichava, os Zambezianos sempre se sentiram marginalizados, quer pelo Estado colonial, quer pelo Estado pós-colonial. Para os Zambezianos, o Estado colonial sempre privilegiou certas regiões do país, tais como Beira, Nampula e, sobretudo, Lourenço Marques (atual cidade de Maputo), em detrimento da Zambézia. Nesse processo, a riqueza zambeziana seria utilizada para desenvolver essas regiões. Para Chichava, este sentimento de marginalização fez-se sentir já no final do século XIX, quando, depois da Conferência de Berlim, os últimos prazos⁴⁰ foram vencidos e foram substituídos pelo capitalismo das companhias, mesmo

⁴⁰ Por volta de 1600, Portugal começou a enviar para Moçambique colonos, muitos de origem indiana, que queriam fixar-se naquele território. Esses colonos muitas vezes casavam com as filhas de chefes locais e estabeleciam linhagens que, entre o comércio e a agricultura, podiam tornar-se poderosas. Em meados do século XVII, o governo português decide que as terras ocupadas por portugueses em

período em que a capital de Moçambique foi transferida da Ilha de Moçambique, no Norte, para Lourenço Marques, no extremo Sul.

Apesar de ter sido transformada na província mais importante do ponto de vista agrícola, a província da Zambézia não desenvolveu infraestruturas socioeconômicas dignas de menção (CHICHAVA, 2007). Sendo que, em 1973, quando da aprovação do último plano de desenvolvimento do tempo colonial, a província da Zambézia, com apenas 165,6 km, era a região com menos quilômetros de estradas asfaltadas, e nenhuma estrada ligando o Sul e o Norte da província fora construída. Durante a época das chuvas, vastas zonas desta província ficavam completamente isoladas e a circulação rodoviária interrompida.

Na mesma linha que Chichava, Mosca e Nova (2016) referem que o delta do Zambeze é uma zona visitada há séculos por navegadores de diversas origens. A presença portuguesa nesta região dista desde princípios do século XV, atraída pelo negócio do ouro do reino de Monomotapa⁴¹, razão pela qual a rota até ao Zumbo foi das primeiras penetrações para o interior do território, através da navegação do rio. A partir do século XVII existe uma imigração de colonos, provenientes das colónias portuguesas da Índia e de Portugal, que se casavam com as filhas dos chefes locais. Muitas delas foram designadas por “donas da Zambézia”, considerando o estatuto e poder que adquiriam pelas relações com os colonos.

Pode-se dizer que os zambezianos, de uma forma geral, são considerados como povos nômades, não só pelos movimentos migratórios de ocupações e resistências, como ainda pela tradição dos prazos da Coroa e, posteriormente, pelas migrações temporárias seja de e para o Malawi, como para as grandes plantações a partir, principalmente, de finais do século XIX (NEGRÃO, 2004). De acordo com Mosca e Nova (2016), ao longo do século XX, a província desenvolveu-se com base na agricultura e pesca e nos serviços portuários e emergiu, a partir de meados do século XX, uma agroindústria principalmente associada ao chá, copra/pecuária, caju, açúcar, madeira, fábricas de óleos e indústria metalmeccânica.

Moçambique pertenciam à coroa e estes passavam a ter o dever de arrendá-las a prazos que eram definidos por três gerações e transmitidos por via feminina (<https://pt.wikipedia.org>).

⁴¹ O Império Monomotapa (também grafado Mwenemutapa, Muenemutapa, ou ainda Monomatapa, que era o título do seu chefe) foi um império que floresceu entre os séculos XV e XVIII na região sul do rio Zambeze, entre o planalto do Zimbábue e o Oceano Índico, com extensões provavelmente até ao rio Limpopo. Segundo alguns, o império Monomopata ficava em Mebiri, ao norte da atual cidade de Harare, no atual Zimbábue (<https://pt.wikipedia.org>).

Mosca e Nova (2016) lembram que a província da Zambézia era uma das províncias mais desenvolvidas na fase final do período colonial. Porém, atualmente é uma das províncias com maior índice de pobreza e de um conjunto de indicadores que revelam claramente o atraso da província em relação ao resto do país. Segundo Mosca e Nova (2016), a Zambézia constitui uma província essencialmente agrícola, sector sistematicamente secundarizado pelas políticas públicas, sobretudo em relação ao sector familiar, pelo que grande parte da sua economia e população foi negativamente afetada (FEIJÓ, 2017).

Na província da Zambézia configurou-se uma sociedade complexa, derivada das múltiplas formas de penetração da colonização, por conflitos internos e de um capitalismo agrário intensivo em trabalho que provocou importantes mudanças nos sistemas de produção locais e processos de resistência e de integração. Tal como referem Mosca e Nova (2016), os cruzamentos destas realidades configuram hoje a complexidade da realidade política e social que não pode ser ignorada ou simplificada em alusão a slogans que nada reflectem a história dos povos viventes em Moçambique e, neste caso, na Zambézia. Por diversas razões, verifica-se que, após a Independência, e praticamente até finais do século XX, a base da economia zambeziana esteve em crise profunda (MOSCA & NOVA, 2016).

Para Chichava (s/d), após a independência de Moçambique, houve um caos económico que provocou a perda de milhares de empregos, com o encerramento de fábricas e a falência das plantações na província da Zambézia. Esse aspecto é reforçado por Mosca e Nova (2016), ao mostrarem que a crise rompeu com alguns dos mecanismos fundamentais das economias das famílias, onde o assalariamento, mesmo que sazonal, considerando os ciclos da produção agrícola, contribuía significativamente para os rendimentos das famílias, para os sistemas de produção, para a divisão social do trabalho e de rendimentos e para os modos de vida da maioria da população. Nesse cenário, após o Acordo Geral de Paz e o reinício do crescimento económico de Moçambique, a Zambézia manteve-se, em grande medida, afastada dos investimentos privados, da priorização na alocação de recursos pelo Estado e pela cooperação internacional.

Sendo a província da Zambézia uma província essencialmente agrícola e que mais imigrantes possui na cidade de Maputo, com exceção das províncias da zona sul, se considerarmos todas os migrantes provenientes da zona norte e centro de

Moçambique, torna-se necessário compreender algumas questões relativas às políticas públicas do meio rural em Moçambique. A literatura analisada neste trabalho sobre as migrações internas em Moçambique na sua maioria refere que os migrantes zambezianos deslocam-se para a cidade de Maputo em busca de melhores condições de vida, talvez condições essas que estes não possuem na província da Zambézia.

De acordo com Mosca e Nova (2016), a província da Zambézia possui uma história de resistência e integração em relação à penetração/mescla com outros povos e culturas. Estas dinâmicas criaram elementos de identidade que se reforçam, e quanto mais as políticas públicas secundarizarem a província, maior será a necessidade de autoafirmação das suas identidades, como forma de demarcação e resistência. De acordo com estes autores, esta constatação pode justificar, parcialmente, os processos políticos e militares da história recente (luta de libertação nacional, guerra civil e intenções de voto).

Possuindo a província da Zambézia uma base econômica fundamentalmente agrícola e rural e assente na agricultura familiar, características que se acentuaram durante as últimas três décadas, a província sofreu consequências pelo fato da política governamental ter secundarizado a agricultura e, em particular, os pequenos produtores (MOSCA & NOVA, 2016). Acrescente-se a este importante aspecto outro, que é o da alocação de recursos pelo Estado, cujos critérios contribuem para o aumento das desigualdades espaciais e, conseqüentemente, sociais entre zambezianos e os naturais de outras províncias.

Na mesma linha de análise, Patrício (2016) salienta que as assimetrias entre o campo e a cidade constituem um chamariz para as populações rurais menos desenvolvidas, devido à existência de infraestruturas e oportunidades sociais e econômicas nas cidades. A ausência de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento da pequena agricultura familiar torna não só esta atividade pouco rentável, como incentiva as opções migratórias nas segundas gerações, reproduzindo a situação de dependência da economia rural em relação ao exterior. Neste caso, os movimentos migratórios rural-urbanos tornam-se, simultaneamente, uma causa e uma consequência de políticas de desenvolvimento do campo ineficazes.

Nota-se que, ao longo das últimas décadas, e por vários motivos, as políticas de desenvolvimento rural estiveram longe de atingir a eficácia pretendida. As análises sobre o meio rural continuam a retratar o mesmo cenário socioeconômico:

predominância do sector e de mão-de-obra familiar, generalizável dificuldade de acesso a insumos, a sistemas de irrigação, a crédito e a apoio de extensionistas. O acesso aos mercados mantém-se problemático em virtude das deficientes vias de acesso e condições precárias de transporte e manutenção das estradas, com impactos negativos nos preços dos produtos, em prejuízo do camponês. Estes fenómenos continuam a justificar baixos níveis de produção e de produtividade das famílias rurais, perpetuando situações de pobreza e de insegurança alimentar (MOSCA, 2017, p. 5).

Para Feijó (2017), os últimos censos populacionais vêm demonstrando a existência de assimetrias económicas entre o campo e a cidade em Moçambique. Inserida num corredor de transporte para a África do Sul e constituindo a capital do país, sediando, por isso, toda a máquina administrativa do Estado, das empresas multinacionais e das grandes agências de desenvolvimento internacional, a cidade de Maputo constituiu, ao longo das últimas décadas, o espaço de maior atração de investimento (FEIJÓ, 2017). Todavia, os movimentos migratórios rural-urbanos não deixam de traduzir o carácter pouco atrativo da agricultura e a procura de soluções económicas alternativas nas grandes cidades. As reflexões académicas vêm demonstrando o carácter incoerente e desestruturado das políticas públicas, com efeitos improcedentes sobre o desenvolvimento da agricultura e do mundo rural.

As deficientes condições das vias de acesso e os altos custos de transporte retiram ao agricultor a capacidade de negociação dos preços, tornando-o no ator mais fraco da cadeia de valor. Para Feijó (2017), o carácter informal da maioria dos produtores familiares dificulta a canalização do crédito para a agricultura, num cenário agravado por taxas de juro elevadas. A dificuldade de acesso a insumos, à maquinaria e à manutenção de equipamentos, ao crédito e a seguros, e a exposição às vicissitudes climáticas contribuem para transformar a agricultura numa atividade de risco, que não consegue diminuir a dependência quase exclusiva de mão-de-obra familiar. As zonas rurais moçambicanas são, assim, caracterizadas pelos baixos rendimentos, para além de problemas de acesso a água, energia e saúde. Estes fatores apontados não deixam de constituir aspectos importantes na explicação dos movimentos migratórios do campo para as cidades.

Segundo Vala (2007), é necessário dar uma atenção especial ao campo (meio rural) na formulação, implementação e monitoria de políticas públicas de promoção do crescimento e, principalmente, desenvolvimento económico em Moçambique, tendo em

conta que a economia moçambicana está crescendo significativamente desde meados dos anos 1990, mas o contributo da sua componente rural é ainda modesto, mesmo tendo em conta que no campo vive cerca de 65% da população do país, população essa que se dedica majoritariamente à atividade agrária, embora nos últimos 12 anos outras atividades econômicas como o turismo, comércio, pesca, exploração mineral, pequena indústria, transportes, comunicações e construção estejam a ganhar cada vez mais espaço. Para este autor, é necessário que se saiba que o grande potencial para o desenvolvimento de Moçambique encontra-se no campo, muito embora atualmente esse potencial seja marginalmente usado para a criação de riqueza que possa engendrar um circuito de prosperidade para as pessoas que vivem nas áreas rurais.

Para finalizar, é importante ter em conta sobre o processo de regresso dos migrantes no contexto moçambicano, visto que, muitas vezes, quem migra tem sempre a pretensão de regressar à sua terra de origem. Sobre este assunto, Feijó e Agy (2017) referem que, apesar de os motivos pelos quais as pessoas migram serem relativamente compreendidos, os analistas dos estudos migratórios têm sido consensuais sobre o fato de que pouco se sabe sobre o processo de regresso das pessoas às suas comunidades de origem, especialmente na África subsaariana.

Se o regresso de emigrantes exprime, de alguma forma, o processo através do qual as pessoas voltam ao seu local de origem após um período temporal numa outra região, numa sociedade marcada pela mobilidade, cujas raízes não são da índole, mas de um denso trabalho de relacionar-se com lógicas de territorialização e desterritorialização colonial e pós colonial, esse regresso constitui, na verdade, um conceito bem mais dinâmico e complexo de definir. Na verdade, o regresso constitui não só a continuidade, como também o prelúdio de episódios de mobilidade, frequentemente enquadrados num processo cíclico de deslocações sazonais.

Não obstante a reduzida atenção conferida a este fenómeno pelos analistas sociais, diversas tipologias têm sido criadas para definir as formas de retorno, por exemplo, com base na duração temporal desse regresso, com base na intenção inicial das populações migrantes ou com base no processo de aculturação no local de destino. As mulheres podem enfrentar problemas específicos no regresso (FEIJÓ & AGY, 2017). Em muitos casos, elas haviam experimentado um estilo de vida mais independente no exterior, particularmente pela experiência anterior de trabalho pago e

de terem vivido numa sociedade mais igualitária e aberta. Após o regresso, voltam a enfrentar barreiras ao nível do emprego e da emancipação.

O processo de regresso do migrante é também acompanhado por uma mudança social (FEIJÓ & AGY, 2017). Depois de acumularem riqueza, os migrantes passam a assumir um novo estatuto económico e a constituir um símbolo de mobilidade social ascendente. Desse modo, também almejam comunicar socialmente o significado de sua imigração. Frequentemente passam a constituir pequenos empregadores, abrindo pequenas lojas ou adquirindo terras.

Na realidade, o processo de regresso não representa tanto uma deslocação definitiva para o local de proveniência, mas, frequentemente, um conjunto de deslocações mais ou menos temporárias, não necessariamente para a localidade de origem, mas também para outros espaços rurais. Proponho-me a desenvolver este assunto no próximo capítulo, onde apresento e analiso experiências de migração dos meus interlocutores, desde o seu quotidiano na cidade de Maputo, as estratégias mobilizadas para o retorno para as suas terras de origem, o seu dia-a-dia no distrito de Alto Molócuè e, por fim, as outras possíveis opções migratórias.

Capítulo III

3. “Eu não sou Migrante, Sou Moçambicano”: etnografando as experiências de migração de “Zambezianos” regressos da cidade de Maputo e residentes em Alto Molócuè

3.1. “Do machimbombo⁴² ao caminhão, da ilusão à desilusão”: A viagem de retorno e a chegada em Alto Molócuè

Neste capítulo, apresento e analiso depoimentos e experiências migratórias dos meus interlocutores. Considero que a perspectiva teórica de Abdelmalek Sayad (1998) traduz em muitos aspectos o que encontrei em campo. Para Sayad (1998), o imigrante é antes de tudo um emigrante e os vínculos que estabelece com a sociedade receptora são em grande parte construídos no país de origem. Portanto, a migração deve ser vista como um “fato social total” que exige a compreensão dos indivíduos não apenas como imigrantes, mas como pessoas que transitam entre lugares, não só pelo espaço físico-geográfico, mas através de reflexões densas sobre a condição de emigrante e imigrante.

Nesta primeira secção, descrevo e analiso como os meus interlocutores criam suas estratégias para retornar. Para tal, divido em duas partes. A primeira parte é reservada para a análise do quotidiano dos meus interlocutores na cidade de Maputo, nomeadamente, as dificuldades, as redes de sociabilidade e os bens trazidos da cidade de Maputo. Na segunda parte, analiso os caminhos percorridos, os meios de transporte utilizados tanto na ida para a cidade de Maputo assim como no regresso, e a chegada ao distrito de Alto Molócuè e os respectivos reencontros com as suas famílias, amigos, lugares e a comunidade em geral.

Meus interlocutores são unânimes ao afirmar que o regresso para o distrito de Alto Molócuè, província da Zambézia, nem sempre é motivado por uma vontade própria. Existem fatores externos que influenciam essa partida. A ideia do retorno tem uma forte influência de fatores familiares, financeiros, conjugais e até por questões supersticiosas. Para esses interlocutores, voltar para a província da Zambézia nem sempre é bem visto por aqueles que ficam na cidade de Maputo e por aqueles que os recebem no distrito de Alto Molócuè.

⁴² Expressão popular usada em Moçambique para designar autocarro (ônibus).

Tal como conta Max, ficar distante da sua família e morar na cidade de Maputo por quatro anos sem ter visitado a sua família constituiu um dos fortes fatores para o seu regresso para o distrito de Alto Molócuè, porque, em sua opinião, a sua família estava insatisfeita pelo fato do Max ter se ausentado por muito tempo e por só se comunicar com ele pelas chamadas telefônicas feitas pelo celular. Isso fez com que “supostamente” a sua família optasse em usar meios supersticiosos para que inevitavelmente o Max retornasse, tal como ele narra:

Olha, meu irmão, até hoje eu não entendo muito bem como é que voltei para este distrito, mas desconfio da minha família. Eu acho que eles txunaram⁴³ algo num vovó⁴⁴ qualquer para eu voltar para cá, porque eu fiquei por quatro anos sem visitar a família. Esse foi o meu erro, meu irmão, porque eles pensaram que eu me esqueci deles. Sabes por que desconfio? Porque não é normal a forma como voltei, sabes, eu nem tive tempo suficiente para me organizar, mano, do nada apareceu a ideia de vir visitar a minha família, daí falei com a minha esposa de que devíamos nos preparar e dentro de uma semana tínhamos que estar aqui no Molócuè. Foi o que eu fiz, levei tudo que eu tinha e que dava para pôr no carro. O resto vendi, e vendi a preços muito baixos, mano, já imaginou o que é vender uma cama casal bem nice⁴⁵ a 1000 paus⁴⁶? Aquilo só deve ter sido coisa de feitiçaria. (Max, 2 de fevereiro de 2019, distrito de Alto Molócuè)

Relatos como o de Max, que buscam a questão supersticiosa para explicar o seu retorno para a província da Zambézia, não são isolados. Em conversa com Bilton, outro interlocutor que morou na cidade de Maputo, tendo retornado para o distrito de Alto Molócuè, foi possível notar que, apesar de questões financeiras e a falta de emprego na cidade de Maputo terem influenciado na decisão do seu regresso, um dos aspectos que ele fez questão de repisar durante a nossa conversa é a questão da inveja e consequente amaldiçoamento por parte dos vizinhos da sua mãe.

Bilton, na sua saída para a cidade de Maputo, morava com a sua mãe e seus irmãos numa casa de construção precária, feita com “matope⁴⁷ e capim”, porém, depois da sua chegada à cidade de Maputo e de ter morado nesta cidade por alguns meses,

⁴³ Expressão usada pelo Max para se referir ao ato de fazer algo.

⁴⁴ Expressão usada pelo Max para se referir a um possível curandeiro ou feitiçeiro.

⁴⁵ Expressão usada para se referir a algo bom.

⁴⁶ Expressão usada para se referir ao dinheiro (Mil meticais).

⁴⁷ Expressão usada para se referir à lama endurecida ou meio endurecida.

tendo trabalhado como vendedor ambulante e atendente de bar, com o que ganhava começou a mandar remessas em dinheiro por M-Pesa⁴⁸ para a sua família, mais concretamente à sua mãe. Por via dela foi possível construir uma casa de alvenaria como resultado dessa remessa. Esse fato, segundo Bilton, criou inveja nos vizinhos e fez com que “lançassem o feitiço” para atingir o Bilton na cidade de Maputo. Foi por conta desse feitiço que Bilton perdeu o emprego de atendente de Bar e não teve outra opção senão regressar à província da Zambézia:

Olha, mano Beto, eu estava minimamente bem em Maputo, apesar dos pesares. Mas nunca imaginei que perderia aquele emprego (atendente de bar) daquela forma. Aquilo foi humilhação, onde já se viu um patrão vir e dizer ‘Olha, a partir de hoje não trabalhas mais para mim’, sem mais nem menos. Eu não acreditei, tentei perguntar as razões, mas até hoje não sei, mano Beto, mas eu te garanto que alguém daqui na minha terra fez aquilo comigo por inveja. Eu sou muito jovem [23 anos de idade], mas mesmo assim conseguia mandar dinheiro para minha mãe até ao ponto dela construir aquela casa que você viu. Você acha que os vizinhos gostaram disso? Nem tão pouco, foram eles que me enfeitiçaram, mas mesmo assim estou bem aqui, e vou mostrar para eles quem é quem. (Bilton, fevereiro de 2019, Alto Molócuè)

Tanto para Bilton assim como para o Max, a questão da inveja e feitiçaria foi um dos motivos para o seu regresso ao distrito de Alto Molócuè. Apesar de ambos reconhecerem implicitamente que questões como a falta de emprego e problemas financeiros na cidade de Maputo tenham contado para o seu retorno, o que mais foi enfatizado por estes foi a influência de questões mágicas e da feitiçaria nas suas vidas. Analisando esses depoimentos, é possível constatar que, por um lado, questões abstratas como a feitiçaria, e por outro, factores estruturais como a falta de emprego na cidade de Maputo, constituem uma forte justificativa para voltar para casa. Não obstante, outros interlocutores também trouxeram outros factores para explicar os motivos para o seu regresso à província da Zambézia, sendo um deles a questão conjugal.

⁴⁸ O M-Pesa é o maior e melhor serviço financeiro móvel em Moçambique, que te permite transferir e levantar dinheiro, comprar crédito, Credelec, Jackpot e pagar serviços através do teu celular. Este é um serviço oferecido pela Vodafone M-Pesa SA. M-Pesa é uma forma fácil, rápida e segura de movimentar dinheiro em qualquer parte de Moçambique (<https://www.vm.co.mz/M-Pesa2>).

Sérgio refere que o seu objetivo ao viajar para a província da Zambézia não era de ficar definitivamente, mas sim, visitar a sua família e passar a quadra festiva com eles. Porém, não sabia que a sua mãe tinha arranjado uma noiva para ele. Voltou para Alto Molócuè com o intuito de ficar apenas dois meses, os meses de dezembro e janeiro de 2017, todavia, acabou ficando até o momento da nossa conversa (fevereiro de 2019) e não pretende voltar para a cidade de Maputo para morar. Aliás, depois da sua mãe ter apresentado a suposta noiva e o Sérgio ter concordado em ficar com ela, foi-lhe dado uma chance de voltar à cidade de Maputo apenas para ficar duas semanas, o que seria tempo necessário para levar todos os seus pertences e se despedir dos seus amigos.

Quando vi aquilo parecia um sonho, eu não acreditei quando a minha mãe falou aquilo. Eu sou muito amigo da minha mãe, e às vezes quando eu morava em Maputo conversava com ela em jeito de brincadeira e dizia para ela procurar uma mulher linda para casar comigo, porque eu não queria casar machangana⁴⁹. Mas eu não sabia que minha mãe ia levar aquilo a sério. Mas hoje já estou casado com ela. Nos primeiros dias que cheguei aqui vindo de Maputo, ela [a noiva e atual esposa] vinha para a minha casa e conversava com a minha irmã mais nova, mas eu sempre pensei que fosse apenas uma amiga. Até tem dias que ela ajudava com os trabalhos de casa, por exemplo, ajudava a minha mãe a pilar e até capinar, mas eu nem imaginava que estava tudo combinado. Com o passar do tempo foi quando descobri que, afinal de conta, a minha mãe tinha procurado ela pra mim. Descobri isso no dia que minha mãe foi visitar os meus avós junto com a minha irmã. Aquela menina veio e disse que minha mãe pediu para ela preparar o almoço para mim na ausência dela, achei estranho, mas quando decidi contar tudo para um dos meus amigos, foi quando soube que afinal todo mundo no bairro sabia do combinado, menos eu [risos]. Fiquei envergonhado. Mas eu gostava dela e pelo que notei ela também gostava de mim. Agora já não há dúvidas, está tudo bem entre nós. (Sérgio, janeiro de 2019, Alto Molócuè)

O relato do Sérgio é peculiar pelo fato de, entre os meus interlocutores do sexo masculino, ter sido o único que trouxe a questão conjugal para explicar o motivo de ter optado em voltar da cidade de Maputo definitivamente e morar em Alto Molócuè, província da Zambézia. Apesar de ter explicado que o seu regresso à província da Zambézia tinha sido motivado inicialmente apenas pela necessidade de visitar a família

⁴⁹ Expressão usada pelo Sérgio para se referir às mulheres pertencentes ao grupo etno-linguístico changana.

e conseqüentemente passar a quadra festiva, nota-se que no meio desse emaranhado de coisas o fato de ter se deparado com a questão do casamento arranjado pela sua mãe contribuiu efetivamente para que ele decidisse se mudar da cidade de Maputo e retornar para a sua terra natal, distrito de Alto Molócuè, apesar do fato de, algumas vezes, ausentar-se à procura de oportunidades de emprego na região norte do país.

A questão dos casamentos arranjados não é tão comum atualmente no distrito de Alto Molócuè, principalmente envolvendo pessoas que nunca tenham tido algum contato. Numa era em que as redes sociais ocupam um lugar de destaque, o caso do Sérgio é uma particularidade.

Retornar para o distrito de Alto Molócuè é, para alguns, um projeto que deve ser feito com todo o cuidado possível. Porque, segundo alguns interlocutores, não adianta voltar para a sua terra natal de “mãos vazias”⁵⁰. No entendimento destes, isso representa um autêntico fracasso na cidade de Maputo e uma frustração para as suas famílias. Por esse motivo, Burse explica que, apesar das dificuldades em conseguir um emprego estável na cidade de Maputo e por questões financeiras, ele nunca teve em mente a ideia de regressar para a província da Zambézia de “mãos vazias”.

Por essa razão que, durante o ano de 2016, Burse fez poupança e no final do ano, na véspera da sua viagem, fez muitas compras, com mais incidência para eletrodomésticos e roupa. Tanto os eletrodomésticos, na sua maioria aparelhagem de som, DVDs, TVs e, algumas vezes, para os que conseguem juntar mais dinheiro, laptops, assim como roupa nova e considerada “de marca”, constituem dois aspectos que mostram de forma inequívoca, segundo eles, quando da sua chegada à província da Zambézia, de que foram bem sucedidos na cidade de Maputo, e que se preocuparam com a família, porque trouxeram alguns “bens”.

Eu comecei a programar a minha viagem desde abril de 2016. Juntava sempre o pouco que ganhava e guardava no banco e fazia de tudo para não usar aquele tako⁵¹. Às vezes até quando eu tinha alguma urgência e precisava de dinheiro pedia por emprestado a alguns amigos e pagava depois, mas

⁵⁰ Em Moçambique, a expressão significa voltar sem nada, não conseguir obter algo que se pretendia. Entre os indivíduos regressos existe uma preocupação de trazer bens materiais, com mais incidência para eletrodomésticos.

⁵¹ Expressão usada para se referir a dinheiro.

nunca mexia o tako da minha conta, porque se eu mexesse ia matrecar⁵² tudo. Comprei meu laptop⁵³ na bolada, paguei umas colunas e um amplificador com um brada⁵⁴ no ‘estrela’⁵⁵, paguei um celular para o kota⁵⁶, e outras cenas. Brada, ‘quando cheguei fechei’, todos no bairro colaram⁵⁷. Fiz sucesso, mano, e graças a Deus algumas dessas cenas existem até hoje e estão a me ajudar. (Burse, janeiro de 2019, localidade de Cololo)

É muito comum ouvir os indivíduos regressos associarem a ideia de sucesso com bens materiais, tal como explicou Burse. De acordo com Burse, trazer da cidade de Maputo aparelhagem de som, *smartphone* e computador portátil e usá-los no distrito de Alto Molócuè é visto por aqueles que o recebem como sinal de sucesso obtido na cidade de Maputo. Esse aspecto converge com as ideias de dois autores, inicialmente, Mungoi (2010), ao mostrar na sua pesquisa que os mineiros que regressam da África do Sul regressam bem vestidos, exibindo bens para os seus familiares e vizinhos. Eles constroem uma imagem de sucesso, gerando expectativas para os que pretendem migrar. Sayad (1998) menciona no seu estudo que, se há trabalho e se os que voltam para a aldeia apresentam-se bem vestidos e gastam dinheiro, isso basta para os candidatos a emigrantes sentirem-se encorajados. Para Sayad (1998), gastar indiscriminadamente faz parte da imagem de sucesso que se quer passar, não importa o quão difícil foi ganhar esse dinheiro.

Conseguir fazer poupança e comprar eletrodomésticos, nomeadamente, amplificador, caixas de som, computadores e *smartphones* para levar na sua viagem ao distrito de Alto Molócuè constitui um desejo a ser alcançado por estes indivíduos, mas nem sempre todos conseguem alcançar tal façanha. Geralmente esses bens, quando adquiridos, são usados no distrito de Alto Molócuè para uso pessoal, para presentear suas famílias, principalmente pais, irmãos ou parceiros se eventualmente existirem, tendo em conta que alguns que regressam optam em fazê-lo geralmente no fim de ano, vésperas da quadra festiva. E às vezes, para conseguir alcançar estes objetivos, depende-

⁵² Expressão usada pelo Burse para se referir a atrapalhar ou interromper os seus planos.

⁵³ Expressão usada para se referir a um computador portátil.

⁵⁴ Expressão usada pelo Burse para se referir a um amigo.

⁵⁵ Mercado situado no bairro do Alto Maé, cidade de Maputo. Segundo o Jornal A Verdade, o Mercado Estrela Vermelha é um dos locais onde os que não tiveram a sorte de nascer num berço com um mínimo de condições lutam pela sobrevivência. Um lugar onde a informalidade chega a roçar a ilegalidade (Jornal A Verdade, 2010).

⁵⁶ Expressão usada pelo Burse para se referir ao seu pai.

⁵⁷ Expressão usada pelo Burse para explicar que todos no bairro ficam pasmos e admirados com ele.

se muito das redes de sociabilidade criadas na cidade de Maputo. Por exemplo, o Burse tinha amigos que revendiam esse tipo de eletrodomésticos no Mercado Estrela, os quais venderam a um preço mais acessível por se tratar de um amigo e conterrâneo. E eventualmente, tal como o Burse referiu, caso precisasse de uma quantia de dinheiro urgente, não era necessário mexer na sua conta, onde fazia a poupança porque tinha amigos que davam um dinheiro emprestado.

À semelhança de Burse, Max também explica que os seus contatos na cidade de Maputo foram de grande importância quando decidiu regressar à província da Zambézia. Apesar de não ter tido muito tempo para preparar adequadamente a sua viagem, refere que boa parte dos seus bens trazidos da cidade de Maputo são na sua maioria eletrodomésticos e que, sendo ele um produtor musical, uma das questões que não podia faltar é o seu material de estúdio que, pelo que foi possível constatar, tratava-se essencialmente do seu computador de mesa, alguns microfones, um misturador e um amplificador. Tal como explica Max, graças a esse material a sua vida ficou equilibrada em Alto Molócuè, porque criou laços com os músicos locais e alguns produtores que o inseriram na esfera do entretenimento.

As relações de sociabilidade criadas entre estes indivíduos que retornam para a província da Zambézia e os seus conterrâneos que ficam na cidade de Maputo são muito importantes para a consolidação da ideia de retorno, visto que alguns dos interlocutores referem terem pedido algum tipo de ajuda aos seus amigos conterrâneos que ficam na cidade de Maputo: ajuda financeira, ajuda na organização da viagem, ajuda no pagamento de dívidas feitas na cidade de Maputo, entre várias outras formas de ajuda que, porventura, possam ser necessárias nesse momento derradeiro na cidade de Maputo. O Júlio sempre reconheceu o papel que os seus amigos conterrâneos tiveram na sua preparação da viagem de regresso a Alto Molócuè, tal como ele relata:

Eu não estava preparado para voltar para cá [distrito de Alto Molócuè], não tinha condições nem de pagar a passagem de regresso. Sabe, foi uma das fases mais complicada da minha vida. Eu te falei que morava com meu tio, nem? Então, olha, aquele senhor é corajoso, foi ele quem me chamou para a cidade de Maputo e quase toda a minha estada na cidade de Maputo morei com ele e trabalhei para ele. Eu era um vendedor ambulante, andava de rua em rua vendendo mercadoria do meu tio, mas quando chegou o momento de eu pedir ajuda para voltar a Alto Molócuè, não me deu nem sequer um

centavo, meu próprio tio, irmão da minha mãe. Se eu voltei foi graças aos meus amigos. (Júlio, fevereiro de 2019, distrito de Alto Molócuè)

Júlio refere que, apesar de morar na cidade de Maputo com o seu tio materno, que foi o responsável pela sua ida à cidade de Maputo, e pela sua manutenção nesta cidade, infelizmente quando chegou o momento do retorno o seu tio virou as costas, não deu nenhum tipo de suporte, tanto financeiro quanto mesmo moral. Júlio conseguiu alcançar os seus intentos de regressar à província da Zambézia através da ajuda de amigos, com mais incidência um amigo que conheceu na cidade de Maputo e que atualmente mora no distrito de Alto Molócuè, que foi o responsável por pagar a sua passagem de regresso.

Cada vez mais que os dias passavam e o final de ano se aproximava, eu ficava mais nervoso e irritado com o meu tio, porque ele dizia que não tinha como me ajudar, a solução era continuar a viver em Maputo. Até ele teve a coragem de mentir para a minha mãe, e disse que eu estava a reclamar à toa, que a minha vida estava muito bem na cidade de Maputo, mas cara sem vergonha, tudo aquilo era uma mentira, meu irmão. Eu sofri muito, e por isso comecei a pedir ajuda a meus amigos. Alguns diziam que não tinham como me ajudar, outros diziam que ajudariam, mas depois ficavam no silêncio. O único que me ajudou foi um brada que já estava aqui em Molócuè, o gajo⁵⁸ enviou o dinheiro e eu dia seguinte paguei a passagem e voltei. Eu acho que ele me ajudou porque sabia o que eu estava a passar em Maputo. (Júlio, março de 2019, distrito de Alto Molócuè)

A experiência do Júlio me chamou a atenção porque foi um dos poucos interlocutores que expôs a situação vivida diretamente com um dos seus familiares na cidade de Maputo, no caso, o seu tio consanguíneo materno. Durante a conversa foi possível notar que o Júlio culpa o seu tio pelo insucesso obtido na cidade de Maputo, porque, segundo ele, a ideia de ir à cidade de Maputo foi da iniciativa do seu tio, com promessas de uma vida melhor, mas que, para a sua surpresa, viveu momentos mais tensos e complicados da sua vida na cidade de Maputo. Um fato que intensificou a difícil relação que já existia entre os dois na cidade de Maputo. Foi por esse motivo que Júlio pediu sem sucesso o apoio do seu tio para o seu regresso à sua terra natal.

⁵⁸ Expressão usada para se referir a “fulano” ou “cara”.

Uma experiência similar que envolve um parente como uma das razões do insucesso na cidade de Maputo e conseqüente retorno para o distrito de Alto Molócuè foi possível constatar numa conversa com a Mariza, esposa do Paulo. De acordo com a Mariza, a sua vida na cidade de Maputo dependia muito do seu esposo, o Paulo, tendo em conta que este era o responsável por pagar as contas de casa. E, quando o Paulo ficou desempregado e tomou a decisão de regressar para o distrito de Alto Molócuè, nada mais restava à Mariza senão concordar e regressar junto com o seu marido. Porém, para a Mariza, se dependesse unicamente dela, ficaria por mais tempo na cidade de Maputo, porque nesta cidade ela sentia-se mais à vontade e distante das pressões da sua família em Alto Molócuè, pressões que se traduziam basicamente em ir à *machamba* quase todos os dias e passar o resto do tempo em casa sem uma ocupação específica para fazer. De acordo com Mariza:

A vida em Maputo era muito boa para mim, se comparar com a vida aqui em Molócuè. Eu só vim porque meu marido precisava voltar, e eu dependia muito dele. Eu gostava muito da vida em Maputo porque aprendi muita coisa com as minhas amigas, coisas como preparar pratos diferentes (diferentes dos pratos de Alto Molócuè), fazer salgadinhos, doces, e às vezes até eu vendia os salgadinhos em frente da minha casa. Em Maputo não tinha muita fofoca como aqui, lá cada um cuida da sua vida, mas aqui eu não tenho comentários, as pessoas passam o tempo a falar da vida dos outros, principalmente do nosso caso, que vivíamos em Maputo e depois voltamos, já ouvi coisas que nem vale a pena dizer. (Mariza, fevereiro de 2019, distrito de Alto Molócuè)

Um fato curioso nos relatos da Mariza é a ideia de ter sido influenciada a retornar pelo fato do seu marido ter ficado desempregado e inevitavelmente a decisão do seu marido afetava diretamente a sua vida. Apesar do desejo de continuar na cidade de Maputo, não restavam outras hipóteses senão concordar com o seu marido e regressar junto com ele, mesmo que essa fosse uma decisão difícil para ela. Um relato semelhante ao da Mariza é descrito também pela Mônica, outra interlocutora casada e que morou na cidade de Maputo juntamente com o seu marido e seus dois filhos, mas que teve que voltar porque o seu marido tomou a decisão de regressar.

Foi muito bom viver em Maputo, foi uma boa fase da minha vida. Foi em Maputo que eu conheci o meu marido e tivemos os nossos filhos, por isso,

quando ele disse que queria voltar para a sua terra, eu apoiiei ele, para mim o importante era ver ele e a nossa família feliz. Por isso também aceitei vir morar aqui com ele. Na verdade, nos primeiros dias aqui não foi fácil, eu não conhecia muitas pessoas e passava muito tempo com os meus sogros e cunhados, porque vivíamos todos juntos. Eu não estava acostumada com esse tipo de vida, porque em Maputo eu é que era a dona de casa. Mas agora que temos nossa própria casa estou mais à vontade, não me sinto controlada e desconfortável como acontecia antes. (Mônica, fevereiro de 2019, distrito de Alto Molócuè)

Em conversa com Mônica foi possível constatar que boa parte da sua família já não se encontra no distrito de Alto Molócuè, apesar de ela ter nascido nesse distrito e ter viajado para a cidade de Maputo junto com os seus tios quando tinha apenas 12 anos de idade, com o intuito de aproveitar a oportunidade que os tios a ofereceram de continuar com os estudos na cidade de Maputo e por sua vez ajudá-los a cuidar do filho deles. Nessa perspectiva, pode-se compreender que, após Mônica ter morado na cidade de Maputo por tanto tempo, e os seus pais terem se mudado para a cidade de Nampula (zona norte de Moçambique), ela optou em retornar ao distrito de Alto Molócuè porque, segundo ela, essa foi a melhor decisão para o bem da sua família, no caso, o seu marido e os seus filhos.

Nos relatos da Mônica, pode-se verificar que a ideia de retorno nem sempre é uma escolha individual. Às vezes, a coletividade tem uma forte influência para tomar tal decisão, mesmo que isso signifique interromper os seus projetos individuais na cidade de Maputo. Para o caso da Mônica, a ideia de família e solidariedade para com o seu marido foi um fator preponderante. Pode-se dizer que os relatos da Mônica e da Mariza apresentam um forte teor de solidariedade para com o esposo e a ideia de manutenção conjugal, visto que manter-se na cidade de Maputo significaria ou uma ruptura no casamento ou aceitar conviver com um relacionamento à distância, sendo esta segunda opção a que esteve sempre fora de cogitação nos relatos dessas duas mulheres.

A narrativa trazida pela Mônica despertou uma curiosidade que fez com que eu conversasse com o seu esposo, o Paulo, para compreender como ele interpreta a ideia da sua esposa ter regressado ao distrito de Alto Molócuè com ele e seus filhos. Nessa conversa, o Paulo foi categórico ao afirmar que nem sempre viu com bons olhos a ideia de levar consigo a sua esposa e seus filhos, porque, em sua opinião, a Mônica não estava preparada para viver em Alto Molócuè, por ela ter crescido na cidade grande

(cidade de Maputo) e ter sido socializada num ambiente completamente diferente do qual o Paulo a levava em Alto Molócuè.

Sabes, mano, pensei por diversas vezes se dava para levar a minha família comigo ou não, eu não queria que a minha mulher pensasse que estou a insistir ela. Mas também sabia que não suportaria viver distante deles, até porque eles dependiam muito de mim. Então foi quando falei com ela [Mônica] e perguntei o que ela achava. Vi que ela estava triste, mas mesmo assim aceitou vir comigo. Estou muito feliz por ela, mas eu acho que se não tivéssemos filhos, ela não viria. (Paulo, janeiro de 2019, distrito de Alto Molócuè)

Enquanto a Mônica enfatiza a questão da solidariedade para com o seu esposo e a ideia da manutenção do casamento, foi possível constatar que, apesar do Paulo não descartar essas duas questões, uma terceira questão vem à tona, a ideia do papel que os filhos tiveram para influenciar a sua esposa a aceitar viajar com ele para o distrito de Alto Molócuè. Durante a conversa com Paulo, constatei que ele era um pouco reticente quanto à possibilidade de a sua esposa ter regressado com ele na época em que eles não tinham filhos, porque, de acordo com Paulo, naquela época, Mônica sentia-se mais à vontade na cidade de Maputo e não pretendia se mudar, pois é na cidade de Maputo onde ela tinha alguns familiares e amigos. Porém, atualmente, a Mônica está mais acostumada com a ideia de morar no distrito de Alto Molócuè, porque, passado algum tempo, ela fez amizades e está mais próxima dos seus pais, que moram numa cidade mais próxima do distrito de Alto Molócuè, e o contato com eles tem sido mais frequente, o que dificilmente acontecia quando ela morava na cidade de Maputo.

Na segunda parte desta secção, descrevo e analiso os contornos da viagem, o sofrimento, as opções de transporte escolhidas para migrar, onde, num primeiro momento, a ida para a cidade de Maputo apresenta uma simbologia sem precedentes tanto para os indivíduos que migram assim como para os indivíduos que ficam, e que na sua maioria não conhecem a cidade de Maputo. O corolário desse processo é o regresso, o retorno para Alto Molócuè, revestido de um sentimento de impotência, desespero, no qual não importa muito o meio utilizado para chegar ao distrito de Alto Molócuè.

Lembro-me dos dois dias como se fosse hoje, mas o sentimento é diferente para cada um desses dias. O primeiro dia foi o dia da minha viagem, um

momento único, eu estava muito feliz. Subi o Nagi⁵⁹ ali no ‘céu azul’⁶⁰, me lembro como se fosse hoje, meu irmão, a única coisa que eu queria era chegar na cidade de Maputo... Mas o segundo dia que me lembro, é o dia que eu voltei, um dia muito triste, até nem gosto falar sobre isso, aquilo foi uma merda⁶¹, subi um camião⁶² ali na ‘junta’⁶³, levei quatro dias para chegar aqui em Molócuè, foi um sofrimento. (Burse, janeiro de 2019, localidade de Cololo)

O depoimento acima traduz uma das questões delicadas que tive que lidar com um dos meus interlocutores. Esse relato supracitado expõe duas realidades opostas na questão migratória: o movimento de ida, narrado pelo Burse como um momento de felicidade e desejo de conhecer a cidade de Maputo; e um movimento de retorno, narrado como um momento de tristeza e desencanto. Ambos os momentos explicam a experiência migratória do Burse, experiências contraditórias. Referi que esta foi uma das questões delicadas, porque o Burse contou a sua experiência com lágrimas nos olhos. Um momento tenso para mim, não sabia se dava um abraço e provavelmente interrompia a conversa ou se deixava ele se expressar livremente.

Movido por algum instinto, deixei que o Burse continuasse contando a sua experiência. O mínimo que pude fazer foi dar um lençinho para enxugar as lágrimas, mas, para a minha surpresa, o Burse dispensou o lençinho, disse que estava tudo bem e continuou firme contando como foi que ele regressou.

Mano, sabes, eu sofri muito no dia que voltei para cá. Acreditas que eu não tinha dinheiro suficiente para subir *Nagi*? Por isso, a única solução era ou procurar uma boleia⁶⁴ num carro particular que ia a Nampula ou então falar com um camionista⁶⁵, porque o preço seria mais acessível. Por sorte acertei um gajo (camionista) que ia até Nampula e me cobrou 1800 paus⁶⁶ (quase a metade do valor que seria cobrado numa passagem de ônibus). Aquela foi minha salvação, meu irmão, cobrou só 1800 meticais e nem cobrou nada das minhas bagagens. (Burse, janeiro de 2019, localidade de Cololo)

⁵⁹ Nome de uma transportadora de passageiros em Moçambique.

⁶⁰ Nome da paragem ou rodoviária do distrito de Alto Molócuè.

⁶¹ Expressão usada pelo Burse para se referir a algo triste, negativo e difícil.

⁶² O mesmo que caminhão.

⁶³ Nome da rodoviária da cidade de Maputo.

⁶⁴ Expressão usada em Moçambique para se referir a uma carona.

⁶⁵ O mesmo que caminhoneiro.

⁶⁶ Sensivelmente 120 reais àquela altura.

Burse me explicou que a sua ida à cidade de Maputo foi muito bem calculada e tinha todas as condições criadas, desde o dinheiro para a passagem de ônibus, o dinheiro para a alimentação durante a viagem, e um pouco de dinheiro para a sua manutenção nos primeiros dias após a chegada à cidade de Maputo, visto que aquela era a viagem dos sonhos. Subir um *machimbombo* da transportadora *Nagi*, segundo os meus interlocutores, tem uma simbologia enorme para quem viaja pela primeira vez para a cidade de Maputo, tendo em conta que, popularmente, esta transportadora é conhecida como sendo a que mais passageiros transporta do norte ao sul de Moçambique no troço “Nampula-Maputo”.

Supõe-se entre os indivíduos que migram que os autocarros dessa transportadora sejam mais eficazes e velozes, reduzindo assim o tempo de permanência na estrada e consequentemente a duração da viagem. Foi por esse motivo que Burse, que sempre via esses *machimbombos* a passar, levando passageiros para a tão desejada cidade de Maputo, chegando a sua vez de viajar para a cidade de Maputo, decidiu também recorrer à mesma transportadora. Até porque, segundo ele, queria mostrar para as pessoas que estavam e passavam na rodoviária que, de forma inequívoca, ele ia sim para a cidade de Maputo.

Em contrapartida, quando perguntei por que não recorreu à mesma transportadora quando decidiu regressar ao distrito de Alto Molócuè, para além de mencionar a insuficiência financeira para pagar uma passagem na mesma transportadora, também referiu que no regresso o importante não era ostentar, mas sim voltar para casa, por isso recorreu ao meio mais barato e acessível que encontrou. Se a ida foi de ostentação, o regresso foi marcado pela decepção e pelo desejo de chegar a casa independentemente do meio de transporte a ser usado. A ostentação afinal já não mais fazia sentido, tendo em conta que ele já teve o contato com a cidade de Maputo, e a única coisa que queria naquele momento após uma estadia não muito boa nessa cidade era voltar para a sua casa.

Tal como fiz menção num outro momento, apesar das dificuldades que o Burse teve em conseguir um emprego na cidade de Maputo, com o pouco que ganhava fazendo alguns trabalhos na cidade de Maputo, fazia uma poupança com o intuito de fazer umas compras nas vésperas da sua viagem para o distrito de Alto Molócuè. O Burse não queria ser visto em Alto Molócuè como um indivíduo perdedor, apesar das dificuldades que teve na cidade de Maputo. Foi por esse motivo que comprou

aparelhagem de som, *laptop*, DVD, roupa para que a sua chegada fosse triunfante, porque, em sua opinião, quem volta de mãos vazias é rotulado geralmente como um perdedor.

É possível constatar que, apesar do Burse ter feito a poupança o ano inteiro para fazer compras nas vésperas da sua viagem, não se preocupou tanto com o dinheiro da passagem e muito menos em poupar para comprar uma passagem na tão desejada outrora transportadora *Nagi*. O importante não era mais ostentar viajando no *machimbombo*, mas sim, ostentar os bens que ele trazia da cidade de Maputo, mesmo que para tal tivesse que levar quatro dias para chegar em Alto Molócuè, viagem essa feita de caminhão. Porém, constatei que a escolha do caminhão não foi aleatória, apesar de o Burse ter referido que o que contou mais foi o preço acessível da passagem. Implicitamente, constatei que, por ele ter uma bagagem elevada e que seria dispendioso transportar de *machimbombo*, a opção encontrada por este foi viajar de caminhão, porque a taxa cobrada pelo caminhoneiro seria negociada e dificilmente o caminhoneiro recusaria levar a bagagem do seu passageiro. Para a felicidade do Burse, o caminhoneiro não cobrou nada pela bagagem, o que tornou a situação do Burse menos complicada.

Um dado a ter em conta, em todas as conversas com os meus interlocutores, é o significado dado ao meio de transporte usado para viajar para a cidade de Maputo e o transporte usado no regresso. Quase todos os interlocutores foram unânimes ao afirmar que a ida para a cidade de Maputo é como se fosse um ritual de passagem⁶⁷, um momento único nas suas vidas, por isso, eles não medem esforços para que esse momento seja inesquecível. Fato esse que converge com as ideias de Mungoi (2010), ao mostrar no seu estudo que, de modo similar, a trajetória dos mineiros para as minas da África do Sul também deve ser vista como um rito de passagem.

Nesse ritual, para os meus interlocutores é pertinente e simbolicamente recomendável viajar de *Nagi*, porque é uma transportadora em que os autocarros trazem uma etiqueta explícita mostrando o local de partida e de destino, no caso, a cidade de Maputo. Para além do fato dos cobradores dessa transportadora, mesmo tendo a etiqueta que mostra o destino da viagem, fazerem questão de ressaltar em voz alta sobre o destino do *machimbombo*, o que faz com que todos na paragem (rodoviária) não

⁶⁷ Ver Van Gennep (1978).

tenham dúvidas de que quem subiu no machimbombo realmente vai à cidade de Maputo.

Nessa perspectiva, de acordo com estes interlocutores, viajar de outra transportadora ou de carro particular não tem a mesma dimensão simbólica, porque fica difícil mostrar às pessoas que ficam de que realmente o indivíduo vai para a cidade de Maputo. Porém, se para ir à cidade de Maputo os meus interlocutores envidam todo esse esforço, o mesmo não se pode dizer sobre o seu regresso. Geralmente o regresso é feito de forma mais discreta, e o meio de transporte não é tão relevante nessa hora. Daí que boa parte dos meus interlocutores usou o caminhão como meio de transporte no seu regresso da cidade de Maputo, com exceção do casal Paulo e Mônica e os seus respectivos filhos. Pela segurança dos seus filhos, eles optaram em voltar com um machimbombo da transportadora *Nagi Investimento*.

O Bilton contou uma experiência inusitada. Segundo ele, a opção de viajar de caminhão para Alto Molócuè foi propositada. O intuito era viajar de caminhão porque, para além de ser mais acessível, levaria mais tempo de viagem, o que faria com que o Bilton aproveitasse conhecer mais cidades ao longo da estrada. Porém, quando estava próximo ao distrito de Alto Molócuè, pediu ao motorista para ficar no distrito de Mocuba⁶⁸ e, por sua vez, pagou uma passagem na transportadora *Nagi Investimento* e viajou para o distrito de Alto Molócuè com o objetivo de “ludibriar” as pessoas para que pensassem que de fato ele saiu da cidade de Maputo de ônibus. A sua estratégia funcionou para algumas pessoas menos atentas.

Meu brada, eu sabia que chegar aqui em Molócuè de camiã seria uma vergonha, ia perder pontos, então montei aquela ideia. Por isso pedi ao motorista para descer na cidade de Mocuba. Eu sabia que já estava perto de casa e no mesmo dia paguei uma passagem no Nagi, era para as pessoas em Molócuè pensarem que sai de Maputo até Molócuè de Nagi, foi uma ideia muito nice. Só que algumas pessoas descobriram depois que eu tinha mentido [risos], porque levei muito tempo para chegar em Molócuè. Em condições normais, de Nagi eu levaria no máximo dois dias, mas na verdade levei mais tempo, por isso descobriram. (Bilton, fevereiro de 2019, Alto Molócuè)

Não basta regressar ao distrito de Alto Molócuè, existem muitos aspectos a ter em conta. Se para alguns os bens materiais são de extrema importância para mostrar o

⁶⁸ Distrito da província da Zambézia, que dista a sensivelmente 189 km de Alto Molócuè.

sucesso que tiveram na cidade de Maputo, para outros, o meio de transporte usado pode expor o nível de vida que se tinha na cidade de Maputo. O retorno tem aqui uma forte interpretação simbólica e, nesse processo, acontecem situações paradoxais que mostram que, apesar do indivíduo regresso ter passado dificuldades na cidade de Maputo, mais importante que mostrar suas fragilidades aos demais que o recebem no distrito de Alto Molócuè, é imperioso que se aparente que viveu momentos felizes na cidade de Maputo, e que o resultado disso, para alguns indivíduos, são os bens trazidos da capital do país e o meio de transporte usado para o regresso.

Nesta secção foi possível compreender que a experiência migratória destes indivíduos é complexa, visto que, face às dificuldades na cidade de Maputo, existem itinerários variados que dependem das alternativas que estes conseguem traçar, tendo em conta que, enquanto uns afirmam que o retorno para o distrito de Alto Molócuè foi à única alternativa para transpor as adversidades encontradas e vividas na cidade de Maputo, na sua maioria traduzidas pela falta de emprego, dificuldades de alojamento, inveja, necessidade de rever as suas famílias, por outro lado, alguns indivíduos afirmam que o retorno não foi uma boa opção, com mais incidência para as minhas interlocutoras que afirmam que regressaram ao distrito de Alto Molócuè porque estavam casadas e tinham que fazer companhia aos seus esposos, tendo em conta que, para a sua manutenção na cidade de Maputo, estas dependiam dos seus esposos.

Para estas, a necessidade de manter firmes os seus relacionamentos conjugais teve um forte impacto, mais que o seu desejo de ainda continuar na cidade de Maputo. Todavia, constatei que existe um padrão nos depoimentos dos meus interlocutores, visto que estes indivíduos, enquanto residiam na cidade de Maputo, apesar de aparentemente terem saído do distrito de Alto Molócuè, o que ganhavam na cidade de Maputo muitas vezes servia de sustentáculo das suas famílias em Alto Molócuè, e que conhecer a cidade de Maputo é uma das estratégias usadas por estes para a sua autoafirmação junto das suas comunidades quando retornam, aspecto esse que será desenvolvido mais adiante. Verifica-se então que, convergindo com as ideias de Handerson (2015), nessas experiências migratórias, a mobilidade dos que partem contribui com a mobilidade dos que ficam e vice-versa, particularmente quando aqueles em mobilidade contribuem na manutenção dos que ficam ou quando quem fica financia a viagem dos que partem. Ou seja, aqueles que se deslocam carregam obrigações e compromissos com os que ficam e vice-versa.

Retornar da cidade de Maputo significa também trazer alguns bens materiais, mesmo tendo enfrentado diversas dificuldades nesta cidade. O desejo de impressionar os indivíduos residentes nas zonas de chegada, no caso, o distrito de Alto Molócuè, é frequente e necessário entre os indivíduos regressos. Porque esses bens materiais muitas vezes traduzem tacitamente para os que recebem estes indivíduos regressos, de que eles foram bem sucedidos na cidade de Maputo. Estas constatações comungam com as ideias de Sayad (1998), ao demonstrar que, entre os imigrantes argelinos na França, por exemplo, os que voltam para a aldeia apresentam-se bem vestidos e gastam dinheiro, com o intuito de também influenciar os candidatos a emigrantes a sentirem-se encorajados e, para atingir tal façanha, como sucede com os indivíduos regressos da cidade de Maputo, gastar indiscriminadamente faz parte da imagem de sucesso que se quer passar, não importa o quão difícil foi ganhar esse dinheiro.

3.2. “De volta a casa”: A vida em Alto Molócuè

Nesta secção apresento depoimentos dos meus interlocutores sobre a sua vida no distrito de Alto Molócuè, e analiso como a experiência migratória na cidade de Maputo influencia o seu dia-a-dia no distrito de Alto Molócuè. Há de se referir que viajar para a cidade de Maputo constitui uma experiência importante na vida dos indivíduos regressos, e o culminar dessa experiência dá-se justamente no processo de retorno e na chegada ao distrito de Alto Molócuè, onde boa parte desses indivíduos regressos partilha suas experiências de migração com os outros indivíduos residentes nesse distrito, os quais, por sua vez, não conhecem a cidade de Maputo, mas anseiam conhecê-la. Todavia, a vida no distrito de Alto Molócuè nem sempre é bem vista pelos indivíduos regressos da cidade de Maputo, tendo em conta algumas dificuldades que os mesmos enfrentam após a sua chegada, tal como narra João:

Viver aqui em Molócuè é complicado, meu irmão, sabes, depois de eu ter ficado na cidade de Maputo por muito tempo, uma cidade grande e onde é fácil conseguir biscates⁶⁹, depois ter voltado para essa cena [distrito de Alto Molócuè] onde não há oportunidades de job⁷⁰, mano, não é fácil. Aqui a única vantagem é por estar perto de família, sabes, porque quando fico sem

⁶⁹ Expressão usada para se referir às estratégias ou meios usados para ganhar a vida.

⁷⁰ Expressão usada para se referir a trabalho ou emprego.

nada para comer sempre existe alguém que pode me ajudar. Aqui tem a minha família e amigos que podem me ajudar a qualquer momento, essa é a vantagem. (João, março de 2019, distrito de Alto Molócuè)

De acordo com João, apesar de reconhecer que a vida no distrito de Alto Molócuè é difícil, por tratar-se de uma vila em que dificilmente existam oportunidades de emprego tal como acontecia na cidade de Maputo, existem aspectos positivos e que constituem uma vantagem por morar neste distrito, aspectos como a proximidade com a família e amigos, que, por sua vez, constituem entidades que dão o suporte ao João em caso de necessidade, principalmente no que concerne à alimentação. De acordo com João, a vida no distrito de Alto Molócuè é mais comunitária e de espírito de partilha, diferentemente da vida que tinha na cidade de Maputo, mais capitalista e individualista, onde a vida é “cada um por si”, citando o próprio João.

O João trabalha atualmente no distrito de Alto Molócuè como camponês e vendedor informal. O que garante o seu sustento é a vida de camponês, tendo em conta que possui uma machamba junto com a sua esposa e que, com o que produz, por um lado, usa para a sua alimentação, e por outro lado, usa para vender. Por sua vez, o dinheiro arrecadado serve para suprir outras necessidades, como a questão das contas de casa, a escola do seu filho, entre outras questões que possam eventualmente surgir. Apesar da vida de camponês, João reserva sempre algum tempo para a venda de recargas de telefone celular na sua própria residência. Boa parte dos seus clientes são os seus vizinhos. Essas duas atividades, a de camponês e de vendedor de recargas de telefone celular, constituem a sua fonte básica para a manutenção no distrito de Alto Molócuè, pese embora eventualmente conte com o apoio da sua família e amigos.

À semelhança de João, Sérgio conta que a vida em Alto Molócuè é relativamente boa, porque mora próximo à sua família e porque o afeto da sua família constitui um dos motivos que faz com que ainda permaneça nesse distrito. De acordo com Sérgio, apesar do distrito de Alto Molócuè ser a sua terra natal, enfrenta diversas dificuldades para conseguir um emprego, tendo em conta que o Sérgio é um dos poucos indivíduos regressos que possui uma formação profissional na área de mecânica. Para o seu sustento, Sérgio conta com a ajuda da sua família e algumas atividades desenvolvidas na sua própria residência, inerentes à sua área de formação. Este atende aos seus clientes numa oficina improvisada, que se situa na parte traseira da residência dos seus pais.

Acompanhei diversas vezes as atividades desenvolvidas por Sérgio. Ia à sua oficina com muita frequência e ficava por horas conversando com ele enquanto aguardava que aparecesse algum cliente. Geralmente, o Sérgio atendia dois a três clientes ao dia, a maior parte da demanda dos clientes era sobre a reparação de algum problema das suas motorizadas, e fiquei sabendo mais tarde que estes clientes assíduos afinal eram mototáxis que se dirigiam à sua oficina porque, geralmente, o Sérgio oferecia para eles a possibilidade de fazerem o pagamento no final de semana ou final do mês, quando tivessem o dinheiro, caso considerado pelos seus clientes como sendo uma atitude muito rara nas outras oficinas do distrito Alto Molócuè, nas quais o pagamento é feito na hora.

Sérgio refere que, comparando a vida no distrito de Alto Molócuè e a vida na cidade de Maputo, em termos de vantagens para a sua área de formação e atuação, era preferível continuar na cidade de Maputo, porque sendo uma cidade grande, a capital de Moçambique, a procura pelos trabalhos oferecidos pelo Sérgio era maior e por conta disso conseguia mais dinheiro, o que não acontece no distrito de Alto Molócuè. Todavia, apesar dessa disparidade, Sérgio refere que tem uma grande vantagem em morar no distrito de Alto Molócuè, porque apesar da fraca procura dos seus trabalhos como mecânico, com o pouco que ganha é suficiente para a sua manutenção, tendo em conta que não precisa pagar pelo aluguel de casa, alimentação, luz, água, entre outras necessidades, porque a sua família proporciona isso para ele, tal como é possível notar no seu depoimento:

Meu irmão, apesar de eu reconhecer que aqui em Molócuè não tenho muitos clientes, e que o que ganho é diferente do que ganhava na cidade de Maputo, eu sei que a minha vida aqui está mais tranquila porque não preciso me preocupar com aluguel de casa. Eu em Maputo trabalhava preocupado para pagar o aluguel do quarto onde eu vivia, porque aqueles gajos gostam de dinheiro, e se eu não pagasse me mandariam embora. Então a vida era mais agitada e eu vivia muito preocupado. Mas aqui, mano, estou numa boa, estou em casa, com o pouco que eu ganho é suficiente para viver. (Sérgio, janeiro de 2019, distrito de Alto Molócuè)

Uma experiência diferente do Sérgio foi partilhada pelo Burse, que vive numa localidade que dista a 70 quilômetros da vila sede do distrito. De acordo com Burse, voltar ao distrito de Alto Molócuè foi uma decisão difícil, tendo em conta que, ao sair

para a cidade de Maputo, tinha se despedido da sua família e amigos, numa localidade onde “todo mundo se conhece”. Quando chegou à sua comunidade vindo da cidade de Maputo, boa parte dos seus amigos questionou as razões do seu regresso. Porém, para não mostrar fragilidade e evitar possíveis chacotas, inventou que estava de férias e que regressaria para a cidade de Maputo. Todavia, a sua família sabia que Burse enfrentou dificuldades na cidade de Maputo e que o seu regresso era considerado definitivo, mas o segredo estava guardado.

Depois de uma semana, um dos primos do Burse contou para os seus amigos que na verdade o Burse mentiu quando disse que estava de férias, e que o verdadeiro motivo do seu regresso foi o fato dele não ter conseguido se adaptar na cidade grande. Convergindo com Sayad (1998), a ideia da migração gera uma expectativa de associar sucesso à imigração e, de outra parte, não imigrar é diretamente associado a uma incapacidade de realizar-se como pessoa.

Essa fuga de informação fez com que Burse fosse confrontado diversas vezes pelos seus amigos, exigindo que ele dissesse a verdade. Para acalmar os ânimos Burse preferiu viajar para a cidade de Nampula, na zona norte de Moçambique, e ficou ausente da sua comunidade durante um mês. Essa estratégia usada pelo Burse teve um efeito positivo para acalmar os ânimos dos seus amigos e aumentar a sua própria autoestima que estava em jogo pelas constantes difamações que sofria na sua comunidade, tal como ele narra:

Ter voltado da cidade de Maputo não foi fácil para mim. Para além das dificuldades que enfrentei na cidade de Maputo, tive que enfrentar algumas dificuldades depois de ter chegado aqui na comunidade. A minha família sabia que eu voltei para ficar, mas pedi que não contasse isso para ninguém de fora, principalmente para os meus amigos, porque eu sabia que eles achariam engraçado e me chamariam muitos nomes. Mas o cabrão⁷¹ do meu primo contou tudo para eles, e por conta disso tive que viajar para Nampula para evitar estresse. Sabe, esses gajos, quando cheguei com muita cena (DVDs, aparelhagem de som, celulares) renderam comigo⁷², mas depois de algum tempo, quando viram que eu não voltava para Maputo, começaram a dizer que sou um fracassado. Mas não sabem o que passei na cidade de Maputo, nenhum daqueles desgraçados conhece a cidade de Maputo, só

⁷¹ Expressão usada pelo Burse para se referir ao seu primo como um traíçoeiro ou sacana.

⁷² Para o Burse, a expressão significa o mesmo que dizer que ficaram admirados e reconheceram o seu valor.

falam merdas. Sinto pena dos gajos. (Burse, janeiro de 2019, localidade de Cololo)

Na altura em que conversei com Burse acabava de voltar da machamba. Lembro que ele estava aparentemente exausto, com uma roupa cheia de lama, uma enxada no seu ombro direito e um cacho de banana no ombro esquerdo. Antes mesmo de chegar a casa, a uns 10 metros, olhou para mim, que estava sentado na sua varanda conversando com o seu irmão, e disse com um sorriso no rosto que fez de propósito me deixar ali esperando, porque queria que eu compreendesse que a vida dele no campo não obedece horário algum. Quanto mais tempo passar na machamba capinando, mais chances tem de ter sucesso na colheita. Chegou, cumprimentou-me e agora, com o rosto mais sério, disse que lamentava por ter me feito esperar, e pediu que aguardasse mais alguns minutos porque precisava tomar um banho rápido e comer alguma coisa, e só depois conversaríamos. Eu, é claro, acenei a cabeça afirmativamente.

Comemos juntos chima⁷³ feita de farinha mapira⁷⁴ com carril de repolho. Confesso que não gosto muito de repolho, mas naquele dia comi com muito prazer, até porque estava muito animado por ter encontrado finalmente o Burse. E ele estava muito feliz em poder conversar comigo sobre a sua experiência de migração. Enquanto comíamos, ele dizia: “*Tem isso lá em Maputo?*”, apontando para a chima de farinha de mapira. E sorria, eram perguntas retóricas, não esperava que eu respondesse, apenas queria implicitamente mostrar para mim algumas particularidades da sua vida no campo. Para além do Burse e do seu irmão, também estavam naquela varanda os seus pais, a sua avó e alguns amigos mais próximos que vieram até ao local a convite do Burse.

Burse fez questão de convidar os seus amigos para que presenciassem a nossa conversa. Como um contador de histórias, ele sentou-se bem à nossa frente e disse que estava pronto para a nossa conversa. Comecei por perguntar qual era o nome daquela banana que ele trouxe da machamba. Mais um sorriso no rosto e, como se desconhecesse o nome, pediu a um dos seus amigos que me dissesse o nome, então fiquei sabendo que se chamava “banana macaco”. Então ele acrescentou que trouxe o

⁷³ Expressão usada para se referir a um prato típico de Moçambique, feito de uma massa espessa que resulta da cozedura da farinha de milho, de mandioca ou de mapira.

⁷⁴ Sorgo, usado na alimentação e no fabrico de bebida fermentada (<https://www.infopedia.pt>).

cacho de banana para me dar de presente. Falamos de muita coisa, desde a sua experiência na cidade de Maputo, o seu regresso, a vida na sua comunidade, a viagem a Nampula e muitas coisas mais.

Enquanto isso, os demais que estavam presentes olhavam para o Burse com admiração, porque ele contava sobre a sua vida na cidade de Maputo com bastante mestria, detalhe por detalhe. Fiquei sabendo que, para além da viagem para a cidade de Nampula ter constituído uma estratégia para acalmar os ânimos dos seus amigos que o questionavam se voltaria à cidade de Maputo, foi também a efetivação de um projeto de migração que ele já vinha planejando há anos, mas que só foi efetivamente posto na prática depois do regresso da cidade de Maputo.

O Burse é uma figura influente não só na sua família, mas também na comunidade no geral. Fiquei sabendo que, para além de trabalhar na machamba com os seus pais, ele faz parte de algumas atividades de sensibilização desenvolvidas pelo centro de saúde da região. Por ter domínio da língua portuguesa numa região em que boa parte da população fala a língua nativa, o eLomue, já serviu de intérprete e elo entre algumas ONG's e a comunidade, tendo um papel importante para a implementação e efetivação de diversas palestras e programas de saúde, com mais incidência para o programa de saúde de circuncisão masculina⁷⁵ e os programas de prevenção de HIV na sua comunidade.

Burse refere que a sua experiência na cidade de Maputo fez com que ele fosse o jovem que atualmente é no distrito de Alto Molócuè, diz que atualmente tem uma visão mais ampla sobre o seu país e que nada e ninguém poderá “aldabrá-lo⁷⁶”, porque conhece as duas realidades, tanto a vida no campo assim como a vida na cidade grande. Compreendi que, apesar dos seus amigos terem-no considerado como um fracassado logo após o seu regresso da cidade de Maputo, atualmente essa questão já não é mais relevante, tendo em conta que são os mesmos amigos que o têm recorrido muitas vezes quando precisam de algum tipo de ajuda, tanto sobre trabalhos da escola e atividades de sensibilização, como até mesmo na mobilização de outros jovens para participar em diversas atividades desenvolvidas na comunidade.

⁷⁵ Este programa tem como objetivo diminuir a prevalência do HIV e Sida nas comunidades da província da Zambézia e foi implementado pelo Ministério da Saúde e alguns parceiros (<https://www.zambezia.gov.mz/>).

⁷⁶ Expressão usada pelo Burse para se referir à ideia de não ser enganado ou mentir.

O Burse refere que antes da sua ida à cidade de Maputo não ocupava esse lugar de destaque, porém, após o seu regresso, ele constitui uma das figuras mais importantes da sua comunidade, tendo em conta que é um dos poucos jovens, se não o único, que conhece a capital do país e que já esteve também na capital da zona norte do país, a cidade de Nampula.

Neste caso, a experiência de migração do Burse trouxe benefícios tanto para ele assim como para a comunidade, que conta com o seu ativismo, mesmo que, em algum momento, individualmente Burse se considere como um fracassado por ter retornado da cidade de Maputo. Mas olhando de forma mais ampla, foi justamente a sua ida e o conseqüente retorno que fez com que ele adquirisse a competência e o reconhecimento por parte dos outros indivíduos residentes na sua comunidade, os quais, por diversas vezes, já o consultaram como fazer para viajar para a cidade de Maputo. Pude compreender que a ideia de subestimação ou provável desprezo dos indivíduos regressos só tem um impacto forte nas primeiras semanas após a sua chegada e que depois disso, a convivência volta ao normal e, eventualmente, o indivíduo regresso passa a ocupar posições privilegiadas, nunca antes alcançadas, tal como sucedeu com Burse.

Nesta secção foi possível compreender que, na sua maioria, os indivíduos regressos da cidade de Maputo têm como primeira opção retornar para as residências das suas famílias no distrito de Alto Molócuè. Estes indivíduos ficam alojados nas residências das suas famílias, com mais incidência para a casa dos seus pais, visto que foi ali onde a decisão de migrar para a cidade de Maputo muitas vezes foi tomada.

Foi possível compreender que existem duas realidades opostas no processo de retorno e no quotidiano no distrito de Alto Molócuè. Enquanto uns olham para os indivíduos regressos de forma negativa, associando-os ao fracasso, outros olham estes mesmos indivíduos regressos de forma positiva, detentores de algum poder econômico devido aos bens e experiências que trazem da cidade de Maputo, o que faz deles indivíduos que ajudam na resolução de diversas questões que possam surgir nas suas comunidades. Um fato semelhante a este foi descrito no estudo de Mungoi (2010) sobre os indivíduos regressos da África do Sul e residentes em Moçambique, ao mostrar que a experiência de emigração para as minas caracteriza-se por um duplo sentido mesmo no seu país de origem, onde, por um lado, os mineiros são vistos como pessoas distintas

pela população local devido ao capital econômico e financeiro que acumulam; por outro lado, estão sujeitos a preconceitos e estereótipos devido à sua condição de migrantes.

Todavia, esse regresso para o distrito de Alto Molócuè nem sempre é estático, visto que alguns dos indivíduos regressos usam o distrito de Alto Molócuè apenas para se redefinir e criar novas rotas de migração, mas, desta vez, o principal polo de atração são as cidades mais próximas, com mais incidência para a cidade de Nampula. Esse aspecto levanta a possibilidade de que, depois da primeira migração (no caso, para a cidade de Maputo), seguem outras migrações, até porque estes indivíduos regressos se consideram como tendo mais experiência para circular pelo país, pelo fato de já terem passado por uma experiência na cidade de Maputo, considerada por estes como sendo a mais difícil.

3.3. Eu não sou migrante, sou Moçambicano: novas rotas de migração

Meu irmão, eu não sou migrante, migrantes são aqueles Somalis e Bangladeses que vendem ali no mercado central. Eu sou moçambicano, essa terra é minha, por isso eu não migro, eu viajo pelo meu país... Em qualquer lugar aqui em Moçambique eu me sinto em casa, eu não preciso me preocupar com documentos como aqueles gajos nigerianos que estão fora do país deles. (Zito, fevereiro de 2019, distrito de Alto Molócué)

O título desta secção surge a propósito da conversa que tive com Zito, um dos meus interlocutores e professor do ensino primário no distrito de Alto Molócuè. Apesar de ter enfrentado dificuldades na cidade de Maputo e por isso ter optado em retornar ao distrito de Alto Molócuè, afirma que se sente à vontade em toda a parte do país, porque apesar de ter nascido em Alto Molócuè, ele é filho de Moçambique. Em sua opinião, só pode se considerar migrantes os outros, no caso, os estrangeiros, como os Nigerianos, Somalis e outros indivíduos estrangeiros que residem no distrito de Alto Molócuè.

Este aspecto faz-me refletir sobre até que ponto os indivíduos moçambicanos que circulam pelo território nacional consideram esse movimento como migração interna. Essa conversa colocou-me um desafio epistemológico e conceitual. Punha em causa a própria concepção do que poderíamos considerar como sendo uma migração interna. Se, para Zito, não se é migrante pelo fato de ser moçambicano e circular pelo

território moçambicano, então, que nome dar a esse tipo de movimentos que mais se assemelham à definição dada à migração interna?

Foi possível notar que, depois da primeira migração, geralmente novas migrações se seguem. Boa parte dos indivíduos regressos da cidade de Maputo a residir no distrito de Alto Molócuè têm sempre a ideia de criar novas rotas de migração, com mais incidência para o norte de Moçambique, concretamente para a cidade de Nampula e distrito de Nacala⁷⁷. Esses indivíduos, por terem passado por uma experiência migratória na cidade de Maputo (a capital do país) e considerada a maior cidade de Moçambique, consideram-se como sendo experientes no processo migratório, tendo em conta que conseguiram superar as dificuldades na cidade de Maputo, uma cidade considerada por eles como sendo bastante complexa de se manter.

Apesar da existência de três províncias na zona norte de Moçambique, nomeadamente, províncias de Nampula, Niassa e Cabo Delgado, foi possível notar que o destino preferido por estes indivíduos são as cidades de Nampula e Nacala (a segunda maior cidade da província de Nampula), depois da capital, pelo fato destas cidades estarem mais próximas do distrito de Alto Molócuè, facilitando a mobilidade destes, e por possuírem algumas oportunidades de emprego, geralmente no mercado informal.

A questão da proximidade foi frequentemente relatada pelos meus interlocutores, explicando que, por se tratar de uma cidade próxima, e com um número considerável de indivíduos nascidos no distrito de Alto Molócuè e residentes nestas cidades, é muito mais fácil criar redes de sociabilidade. Em caso de dificuldades, o retorno para o distrito de Alto Molócuè é mais flexível e menos dispendioso se comparado com as experiências migratórias para a cidade de Maputo.

Por exemplo, analisando o depoimento de Bilton, é possível constatar que, apesar de residir no distrito de Alto Molócuè, ele tem viajado com frequência para a cidade de Nampula, onde adquire produtos para o abastecimento do estoque do bar onde trabalha. Apesar dessas viagens na sua maioria serem de curta duração, Bilton refere que geralmente nas férias passa mais tempo na cidade de Nacala, visto que tem um irmão morando nesta cidade, e que já cogitou a possibilidade de se mudar para a cidade de Nacala, como é possível perceber no depoimento abaixo:

⁷⁷ A cidade de Nacala-Porto se beneficia das condições geográficas do seu porto de águas profundas, que lhe confere potencial para receber navios de grande tonelagem e de se tornar um dos portos mais movimentados da costa oriental africana (FEIJÓ, 2017).

Como eu te falei antes, eu voltei da cidade de Maputo e vim direto para cá em Molócuè, porque é onde estava a minha família, é a minha casa. Mas, apesar de estar a trabalhar naquele bar, e pensar em abrir o meu próprio bar, também quero viver na cidade de Nacala, meu irmão, aquela cidade é mais desenvolvida que aqui em Molócuè, o meu negócio vai andar melhor. A coisa que eu te garanto é que para Maputo não volto tão cedo. (Bilton, fevereiro de 2019, distrito de Alto Molócuè)

Este sentimento de desdém pela cidade de Maputo e receio de voltar um dia nesta cidade é partilhado por quase todos os meus interlocutores, com exceção das minhas interlocutoras, a Mariza e Mônica, que abrem a possibilidade de um dia voltar a morar na cidade de Maputo, visto que o seu retorno foi fortemente influenciado pelos seus esposos. Porém, estas interlocutoras não explicam em termos temporais em que momento pretendem regressar para a cidade de Maputo, tendo em conta que ainda estão casadas e dependem muito financeiramente dos seus esposos.

Porém, entre os meus interlocutores homens, enquanto uns afirmam que preferem continuar no distrito de Alto Molócuè e que em caso de necessidade de migrar poderão optar pelas províncias da zona norte e centro do país, os outros referem que têm planos de se mudar para a província de Nampula e fixar sua residência nesta cidade. Tal como lembra Sayad (1998), uma das características fundamentais do fenómeno da imigração é que, por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição. Não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.

De fato, os discursos dos meus interlocutores deixam em aberto a possibilidade de criar novas rotas de migração, porque mesmo aqueles que se dizem sem desejo algum de sair do distrito de Alto Molócuè, pelo menos para fixar residência noutro local, já experimentaram novas experiências migratórias para a zona norte de Moçambique. Todavia, foram migrações provisórias, sem a fixação de residências. O único aspecto que fica evidente é a ausência de desejos e projetos de possíveis migrações para a zona sul de Moçambique, com mais incidência para a cidade de

Maputo, onde alguns destes tiveram experiências amargas. Tal como mostra o depoimento do Burse:

Estou aqui na zona há bastante tempo, e minha principal ocupação é a machamba, apesar de fazer outras coisas [trabalhos como o de ativista no centro de saúde local]. Eu já te falei que fui até a cidade de Nampula, nem? Sim, meu irmão, fui e gostei muito, principalmente Nacala. Um dia eu vou viver lá, vou criar condições de ir até Nacala, porque aquela cidade não é como Maputo, eu não terei muitos problemas, e temos a vantagem da língua.
(Burse, janeiro de 2019, localidade de Cololo)

Neste depoimento do Burse, um aspecto me chamou a atenção, que é a questão da língua. De acordo com Burse, a sua integração nas cidades de Nampula ou Nacala será aparentemente mais fácil se comparado com a integração na cidade de Maputo, e essa facilidade está implicitamente relacionada com a língua nativa falada nestas duas cidades, o eMakua, que, por sinal, o Burse tem domínio e se comunica sem dificuldades. Apesar da sua experiência na cidade de Maputo não estar apenas relacionada com a dificuldade em se comunicar na língua nativa falada nesta cidade (com forte presença do xiChangana), mas também pelas dificuldades de encontrar um emprego e se manter nesta cidade, Burse, ao falar da cidade de Nampula, apenas frisou a questão da língua, como se isso resolvesse o restante das dificuldades que poderia encontrar nesta cidade.

Os meus interlocutores afirmam que morar na cidade de Maputo e desenvolver algumas atividades no mercado informal como vendedores ambulantes criou algumas dificuldades de comunicação com os seus clientes e colegas vendedores nativos, pelo fato de boa parte das lógicas de negociação serem feitas em língua nativa, o xiChangana, língua essa que os meus interlocutores não compreendiam. E para superar essa barreira, muitos deles optaram em aprender a língua com ajuda de amigos e às vezes com ajuda dos seus clientes. Porém, tal como Burse, estes afirmam que a experiência de morar na cidade de Nampula é ou então será diferente, porque a língua falada é o eMacua, língua de domínio destes.

Apesar do Zito na introdução desta secção ter afirmado ser moçambicano e não imigrante, por se tratar de um movimento feito dentro do território moçambicano e que, por conta disso, todo lugar em que esteja é a sua casa, foi possível perceber que, para

Zito, mais vale continuar no distrito de Alto Molócuè que migrar para outros pontos do país. Segundo Zito, essa decisão deve-se ao fato dele ser professor com vínculo empregatício com o Estado e porque se sente melhor por morar num distrito próximo à sua família. Todavia, implicitamente, constatei que, apesar de todo o país ser a sua casa, existe “CASA” e existem “casas”. No caso, a sua “CASA” é o distrito de Alto Molócuè, próximo à sua família consanguínea, onde ele tem um emprego e diz sentir-se à vontade, apesar de, por ser moçambicano, tenha outras “casas”, que são locais por onde ele passa e reside pelo país, tal como sucedeu na cidade de Maputo.

À semelhança de Zito, Minó refere que ter regressado para o distrito de Alto Molócuè foi muito importante para recriar novas estratégias de migração. Para Minó, estar em Alto Molócuè é muito melhor que morar na cidade de Maputo, onde para a sua sobrevivência tinha que trabalhar mais e ganhar pouco, aliado ao fato de não ter suporte da sua família. Este refere que, apesar de Alto Molócuè ser a sua “CASA”, existe uma forte possibilidade de viajar para a cidade de Nacala para procurar novas oportunidades de emprego.

Outro aspecto a ter em conta nas experiências migratórias destes indivíduos é a forma como usam os recursos trazidos da cidade de Maputo. Por exemplo, em conversa com João, foi possível compreender que, nas vésperas da sua viagem de regresso para Alto Molócuè, juntou algum dinheiro ainda na cidade de Maputo, dinheiro esse que foi usado no distrito de Alto Molócuè nos primeiros meses logo após a sua chegada. No entanto, quando soube que já estava a ficar sem dinheiro, optou em viajar para a cidade de Nampula à procura de oportunidades de emprego, onde morou por alguns meses trabalhando como servente de obras de construção de um hospital. Comungo com a ideia de Sayad (1998), ao referir que o retornado goza de uma situação de “convidado” na própria terra, vivendo uma situação relativamente privilegiada enquanto durar o dinheiro que conseguiu juntar.

Nesta secção foi possível compreender que, após retornar da cidade de Maputo e morar no distrito de Alto Molócuè por algum tempo, principalmente enquanto estiver tudo bem, geralmente, enquanto tiver dinheiro, os bens trazidos na cidade de Maputo ainda existirem e a relação com as suas famílias e a comunidade em geral estiver boa, estes indivíduos regressos dificilmente optam em viajar para outros lugares.

A decisão de criar novas rotas de migração surge geralmente como alternativa de superar qualquer tipo de dificuldade que possa surgir no distrito de Alto Molócuè,

podendo ser dificuldades financeiras, sendo a cidade de Nampula o lugar mais acessível para adquirir um trabalho temporário e posterior regresso a Alto Molócuè, ou por dificuldades familiares ou de relacionamento com a comunidade, sendo a cidade de Nampula o refúgio e a solução para acalmar os ânimos dos amigos e familiares que, geralmente após o regresso da cidade de Maputo, questionam se o regresso é definitivo ou não. Há o hábito de se associar a ideia de regresso definitivo a um fracasso e a dificuldades de se adaptar na cidade grande. De forma que estes indivíduos continuem mantendo o status, algumas vezes então optam em viajar para a cidade de Nampula para ficar algum tempo distante das suas comunidades.

De forma geral, após a experiência migratória na cidade de Maputo, os meus interlocutores, mesmo sem data marcada, abrem a possibilidade de um dia voltar a migrar, porque viajar para a cidade de Maputo foi como uma espécie de ritual para estes indivíduos regressos e abre possibilidades de conhecer outros lugares de forma destemida, tal como no caso do Júlio e Burse que, após o regresso da cidade de Maputo, optaram em viajar e morar na cidade de Nampula, zona norte de Moçambique, por algum tempo. Tal como eles afirmam, para além de uma estratégia de obtenção de recursos para sua manutenção e sobrevivência das suas famílias, esta é também uma forma de mostrar implicitamente que têm algum domínio de circular pelo país e transitar em diferentes contextos.

Considerações finais

No presente trabalho, analisei experiências de migração de “zambezianos” regressos da cidade de Maputo e residentes no distrito de Alto Molócuè, província da Zambézia (Moçambique). Propus-me a olhar para os dados etnográficos sob a perspectiva teórica de Sayad (1998), para quem a imigração é um fato social total, e para quem o imigrante é antes de tudo um emigrante cujos vínculos que estabelece com a sociedade receptora são em grande parte construídos no país de origem.

No primeiro capítulo deste trabalho, descrevi os procedimentos metodológicos adotados para a realização do presente trabalho. Há de se referir que a escolha metodológica me proporcionou uma experiência etnográfica ao aceder o quotidiano e experiências de migração dos meus interlocutores, desde a realização das entrevistas, as conversas informais, anotações no diário de campo e a participação nas atividades dos meus interlocutores, nomeadamente, a ida à machamba, jogos de futebol e confraternizações e a ida aos locais de trabalho destes. Com o intuito de me encontrar com os interlocutores, viajei e transitei em lugares nunca antes percorridos, o que me permitiu ter um contato com a realidade vivida pelos meus interlocutores e uma visão mais ampla sobre o significado de migrar em Moçambique.

No segundo capítulo, analisei os fluxos migratórios em Moçambique a partir da literatura que trata da questão da migração dentro do território moçambicano e as conexões com a região da África Austral e no mundo. Antes da independência de Moçambique (no período colonial), a partir de inícios da década de 1960, intensificou-se um processo de recrutamento compulsivo, gerador de deslocamentos temporários e na sua maioria migrações forçadas no interior de Moçambique (FEIJÓ, 2017; VAIL & WHITE, 1980, p. 178). Esse aspecto fez com que se desencadeasse uma forte transformação nas relações sociais, tendo em conta que os impactos destes movimentos migratórios na economia camponesa foram bastante complexos e diferenciados. O movimento de segmentos populacionais entre regiões presididas pela reorganização econômica e decorrente das guerras de descolonização chama a atenção para o fato de que esse deslocamento esteja tão entranhado na vida Moçambicana, a ponto de não surgir como uma questão a ser pensada antropologicamente. Esse estudo é uma contribuição para tratarmos de modo etnográfico os percursos migratórios tidos como “internos” e não somente quando se associam a um “problema social”.

Logo após a Independência, por um lado, o Governo criou e procurou implementar algumas políticas, nomeadamente, a Operação Produção, a política de aldeamento no campo, que visava promover uma modernização rural de cariz socialista, e o acesso a infraestruturas tais como centros de saúde, escolas, lojas do povo ou cooperativas (FEIJÓ, 2017; VINES, 1991). Por outro lado, a migração interna ou campo-cidade foi acentuada, motivada por várias razões: as secas dos anos 80, a guerra civil, a construção de infraestruturas socioeconómicas e as cheias de 2000 (MAPENGO, 2012). A província da Zambézia, a segunda mais populosa de Moçambique, foi um dos locais onde a guerra atingiu proporções enormes. Diante destes pressupostos, o cenário de migração por parte da população zambeziana para zonas mais tranquilas começou a acentuar-se consideravelmente (LIA, 2013; CHICHAVA, 2007; SITOIE, 2004). No entanto, mais recentemente, verifica-se que boa parte dos indivíduos que migram da província da Zambézia para a cidade de Maputo fazem-no movidos pela necessidade de melhorar as suas condições de vida (LIA, 2013; MARIO, 2017; PALAMUSSA s/d; SITOIE, 2004).

No terceiro e último capítulo, analisei as experiências de migração dos meus interlocutores. Dividi o capítulo em três secções. Na primeira secção, que denomino “De Maputo à machamba: os caminhos, os procedimentos metodológicos e etapas da pesquisa”, constatei que a experiência migratória destes indivíduos é bastante complexa. Para uns, o retorno para o distrito de Alto Molócuè foi a única alternativa para transpor as adversidades encontradas na cidade de Maputo, dificuldades como a falta de emprego, dificuldades de alojamento, inveja e a necessidade de rever as suas famílias. Para outros interlocutores, com mais incidência para as minhas interlocutoras, o retorno não foi uma boa opção, tendo em conta que retornaram ao distrito de Alto Molócuè devido ao fato de estarem casadas e pelo desejo de perpetuar a relação conjugal com os seus esposos, que eram os responsáveis pela manutenção na cidade de Maputo.

Estes indivíduos regressos desenvolviam algumas atividades remuneradas na cidade de Maputo. Com o que ganhavam, usavam como sustentáculo das suas famílias em Alto Molócuè. Conhecer a cidade de Maputo e trazer alguns bens materiais é uma das estratégias usadas por estes para a sua autoafirmação junto das suas comunidades quando retornam. O desejo de impressionar os indivíduos residentes nas zonas de chegada, no caso, o distrito de Alto Molócuè, é frequente e necessário entre os indivíduos regressos. Porque esses bens materiais, tais como caixas de som,

computadores portáteis, *smartphones* e amplificadores muitas vezes traduzem tacitamente para os que recebem estes indivíduos regressos que eles foram bem sucedidos na cidade de Maputo.

Num segundo momento, na secção que eu denomino “De volta a casa”: A vida em Alto Molócuè”, a partir dos depoimentos dos meus interlocutores, foi possível compreender que boa parte dos indivíduos regressos retornam para a casa dos seus pais ou de algum familiar e que depois criam mecanismos para ter sua própria residência. Alguns destes indivíduos ficam no distrito apenas por algum tempo, trabalhando geralmente como camponeses e desenvolvendo algumas atividades para o seu sustento, enquanto criam novas estratégias de migração, mas, desta vez, para a zona norte de Moçambique.

Constatei que, pelo fato de terem passado por uma experiência de migração na cidade de Maputo, considerada por estes como “a cidade grande”, passar por esta cidade é como se fosse um ritual. Estes indivíduos regressos se consideram mais aptos para circular em qualquer parte do território moçambicano. Esse aspecto foi mais aprofundado na terceira e última secção, onde foi possível constatar que os meus interlocutores podem estar vivendo aquilo que Sayad (1998) chama de “dupla contradição”. Ou seja, estes indivíduos regressos, apesar de terem retornado da cidade de Maputo e residir no distrito de Alto Molócuè, às vezes consideram-se ainda como “hóspedes”, mesmo estando na sua própria casa ou na casa dos seus pais e familiares, e tendencialmente abrem a possibilidade de criar novas rotas de migração, geralmente para a cidade de Nampula e Nacala. Tal como lembra Sayad (1998), essa contradição fundamental, que parece ser constitutiva da própria condição do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente, ou seja, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse provisório possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse “definitivo” jamais seja enunciado como tal.

Os discursos produzidos pelos meus interlocutores mostram que conhecer a cidade de Maputo constitui um dos objetivos desejados por estes, por geralmente associarem a cidade de Maputo com o lugar onde poderão facilmente prosperar, ou seja, trata-se do “Eldorado de Moçambique”⁷⁸. Todavia, tendo em conta que nem sempre esses objetivos são alcançados, o retorno constitui uma das estratégias usadas para

⁷⁸ Ver Lia (2013).

transpor as adversidades vividas na cidade de Maputo. Para materializar esse desejo de retornar para o distrito de Alto Molócuè, muitas vezes, por um lado, por insuficiências de condições financeiras, estes indivíduos regressos contam com a cooperação e ajuda de outros amigos “conterrâneos” que ainda moram na cidade de Maputo. Por outro lado, mobilizam apoio junto às suas famílias e amigos residentes no distrito de Alto Molócuè.

Tal como lembra Handerson (2018), migrar vai além de um ato, de um percurso, de um trajeto, de um deslocamento no tempo e no espaço. Neste caso, o que chamamos de ato migratório constitui-se em um modo de vida do migrante, de estar-no-mundo e de ser-no-mundo, de afirmar-se diante do Estado e da sociedade de instalação. Sendo assim, neste trabalho, apesar de em algum momento os indivíduos envolvidos nesse processo migratório não se considerarem como migrantes por circularem dentro do território nacional, considerados por estes como “sua casa”, constatei a necessidade de olhar para os indivíduos envolvidos nesse processo migratório não como imigrantes apenas, mas como pessoas que transitam não só pelo espaço físico-geográfico, mas pela condição de emigrante e imigrante (SAYAD, 1998).

Se viajar para a cidade de Maputo constitui “a viagem dos sonhos”, o retorno constitui muitas vezes “o pesadelo”, por representar um momento difícil na vida dos indivíduos regressos. Uma vez na sua terra natal, estes indivíduos, depois de esgotados os poucos recursos que traziam da cidade de Maputo, geralmente cogitam a hipótese de migrar para a cidade de Nampula, mais próxima do distrito de Alto Molócuè e uma das opções migratórias mais acessível para estes indivíduos, que se consideram não como “imigrantes”, mas sim “filhos de Moçambique”, moçambicanos circulando na sua própria casa”.

Posto isso, importa referir que, para futuras pesquisas, com mais recursos, gostaria de continuar a explorar as experiências de migração não só dos zambezianos regressos e residentes no distrito de Alto Molócuè, mas sim, alastrar ainda mais o campo para outros distritos da província da Zambézia, nomeadamente, os distritos de Mocuba, Nicoadala, Namacurra e Guruè, que tinham sido propostos inicialmente no meu projeto de pesquisa, mas que, por insuficiência de recursos financeiros e tempo, não foi possível levar adiante na pesquisa de mestrado.

Este trabalho aponta para a necessidade de expandir a pesquisa etnográfica e alcançar outras experiências dos migrantes nos diferentes pontos da zona norte de Moçambique, por onde eles migram ou planejam migrar após o seu retorno da cidade de

Maputo, com mais incidência para as cidades de Nampula e Nacala, de forma a ter uma visão mais ampla e uma análise comparativa sobre como é migrar para a zona sul (cidade de Maputo) e para a zona norte (cidades de Nampula e Nacala).

Tendo em conta que uma das limitações foi a escassez de literatura que trata das migrações internas em Moçambique, mais especificamente, as migrações de retorno de zambezianos para os diferentes pontos da província da Zambézia, o que se traduz provavelmente pelo fato de não se dar a devida importância a uma experiência marcante de gerações de moçambicanos que ampliam seus horizontes através de itinerários entre cidades e regiões no próprio país, com este trabalho de antropologia espero contribuir para uma melhor compreensão das experiências de vida desse grupo de migrantes, considerado como sendo um dos grupos que mais migra em Moçambique.

Em termos práticos, ao chegar à finalização desse trabalho, espero abrir possibilidades para a discussão e formulação de políticas públicas, com destaque para as políticas do meio rural, tendo em conta que uma das questões levantadas como justificativa para as migrações campo-cidade são as assimetrias socioespaciais, a priorização do desenvolvimento das cidades em detrimento do campo e da agricultura de subsistência, sendo essa uma das atividades mais desenvolvidas por estes indivíduos regressos da cidade de Maputo e residentes no distrito de Alto Molócuè.

Referências bibliográficas

ARNALDO, Carlos; MUANAMOHA, Ramos. Tendências, Características e Implicações do Crescimento da População em Moçambique. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, p. 28-33, 2012.

AGY, Aleia; FEIJÓ, João. Havemos de Voltar? Representações do Mundo Rural e Expectativas de Regresso ao Campo. In: Feijó, João e Raimundo, Inês (Org). Movimentos Migratórios para Áreas de Concentração de Grandes Projectos. Maputo: PubliFix – Edições, p. 113-132, 2017.

BARATA, José Fernando. Migrações e Povoamento no Espaço Português. Coimbra: p. 24, 1968.

BRYCESON, Deborah. Sub-Saharan Africa Betwixt and Between: Rural Livelihood Practices and Policies. In: Afrika-Studiecentrum Working Paper, p. 1-69, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Olhar, ouvir e escrever. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: Editora UNESP, p. 17-35, 2006.

CABAÇO, José Luis. Moçambique: liberdade, colonialismo e libertação. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHIESA, Carolina Dalla e FANTINEL, Leticia Dias. “Quando eu vi, eu tinha feito uma etnografia”: notas sobre como não fazer uma “etnografia acidental”, *VIII Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*, p. 1-16, 2014.

COLAÇO, João. Trabalho como política em Moçambique: do período colonial ao regime socialista. In: FRY, Peter (Org.). Moçambique Ensaaios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 91-108, 2001.

CHICHAVA, Sérgio. Uma província “rebelde”: o significado do voto zambeziano a favor da Renamo, (S/D), p.1-34.

Direito Internacional da Migração. Glossário sobre Migração. In: Organização Internacional para as Migrações. Suíça: Editora: Organização Internacional para as Migrações, p. 1-87, 2009.

DE VLETTER, Fion. Migration and development in Mozambique: Poverty, Inequality and Survival. In: SAMP Migration Policy Series, Vol.43, 2006.

DURHAN, Eunice. A Caminho da Cidade. Editora Perspectiva S.A: São Paulo, 1978.

De Abreu, António Pinto. Sector Informal, Microfinanças e Empresariado Nacional em Moçambique. Banco de Moçambique: Universidade Eduardo Mondlane. Maputo: p.41-54, 2016.

EMERSON, Robert et al. Notas de Campo na Pesquisa Etnográfica. Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais, N°7, p. 355-388, 2013.

Thomaz, Fernanda. Disciplinar o “indígena” com pena de trabalho: políticas coloniais portuguesas em Moçambique. Rio de Janeiro: vol. 25, n° 50, p. 313-330, 2012.

FEIJÓ, João; IBRAIMO, Momade. Dinâmicas de Relacionamento com os Contextos Rurais de Origem. In: Feijó, João e Raimundo, Inês (Org). Movimentos Migratórios para Áreas de Concentração de Grandes Projectos. Maputo: PubliFix – Edições, p. 85-106, 2017.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FEIJÓ, João. Investimentos Econômicos, Assimetrias Sócio-Espaciais e Movimentos Migratórios. In: Feijó, João e Raimundo, Inês (Org). Movimentos Migratórios para Áreas de Concentração de Grandes Projectos. Maputo: PubliFix – Edições, p.17-61, 2017a.

_____. Introdução. In: Feijó, João e Raimundo, Inês (Org). Movimentos Migratórios para Áreas de Concentração de Grandes Projectos. Maputo: PubliFix – Edições, p.9-16, 2017b.

FARRÉ, Albert. Formas de investimento das poupanças no local de origem por parte dos emigrantes do sul de Moçambique: O caso do distrito de Massinga (Inhambane). II Conferência IESE “Dinâmicas da Pobreza e Padrões de Acumulação Econômica em Moçambique”, Maputo: 2009.

FERNANDO, Celestino Taperero. Operação Produção: a estratégia de inserir os chamados improdutivos, parasitas e inimigos da revolução no governo de transição em Moçambique entre 1975 a 1992. Revista Espacialidades, v. 15, n. 1, p.165-186, 2019.

FELICIANO, José. Antropologia Econômica dos Thongas do Sul de Moçambique. Tese (Doutorado Antropologia Social). Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1998.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do "trabalho de campo": reflexões supostamente malinowskianas. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, No. 48, p.91-227, 2002.

HANDERSON, Joseph. Diáspora. As Dinâmicas da Mobilidade Haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese de Doutorado (Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015.

_____. Prólogo. In: Margarita Rosa Gaviria Mejía (Org). Migrações e Direitos Humanos: problemática socioambiental. Lajeado: Editora UNIVATES, p. 9-12, 2018.

HEDGES, David. História de Moçambique - Volume 2: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961. Maputo: Imprensa Universitária, 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Panorama Sócio-Demográfico de Moçambique”, p. 69-87, 2013.

INGOLD, Tim. Anthropology is not Ethnography. *Proceedings of the British Academy*, No.154, p. 69-92, 2008.

JARDIM, Denise. *Imigrantes ou Refugiados? Tecnologias de Controle e as Fronteiras*. Paco Editorial: 2017.

LEACH, Edmund. Da etnografia totalizante à etnografia micro talhada. O meu tipo de antropologia”. In: ___A diversidade da antropologia. Lisboa: Edições 70, p. 117-141, 1982.

Lia, Silvana. “O Sucesso da Vergonha” Estudo de Caso: Zambebianos no Mercado do Estrela Vermelha em Maputo. Monografia (Licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane. Maputo: Departamento de Sociologia. 2011.

LUBKEMANN, Stephen. Reduzir o colonialismo à sua real dimensão: a migração internacional entre os moçambicanos do Centro-Sul, 1990-1999. In: CARVALHO, Clara; CABRAL, João de Pina (Orgs.). *A persistência da história – passado e contemporaneidade em África*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, p. 253-291, 2004.

MONTEIRO, Cristiano. *Do Quilombo à Serra: Migração, Identidade e Alteridade no RS*. Santa Maria/RS: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2015.

MUANAMOHA, Ramos et al. Dinâmica do crescimento populacional em Luanda e Maputo. In: OPPENHEIMER, Jochen; RAPOSO, Isabel (Orgs.). *Subúrbios de Luanda e Maputo*. Lisboa: Edições Colibri, p. 37-64, 2007.

MONDLANE, Eduardo. *Lutar por Moçambique*. Maputo: Coleção “Nosso Chão”, 1995.

MARCONE, Maria; LAKATOS, Eva. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MAGNANI, José Guilherme. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MUNGOI, Dulce. Identidades viajeiras: família e transnacionalismo no contexto da experiência migratória de moçambicanos para as minas da terra do Rand, África do Sul. Tese de doutorado em Antropologia Social: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

MAPENGO, Manuel. Migração Rural-Urbana e Crescimento Populacional da Cidade de Maputo. Maputo: Centro de Análises de Políticas, p. 19-42, 2011.

MÁRIO, Jeremias. Reconstrução de imaginários e perspectivas: Uma análise de experiências de migrantes da Zambézia residentes em Maputo. Monografia (Licenciatura em Antropologia). Universidade Eduardo Mondlane. Biblioteca Central Brazão Mazula-UEM. 2017.

MUANAMOHA, Ramos; RAIMUNDO, Inês. A Dinâmica Migratória em Moçambique. In: Arnaldo, Carlos e Cau, Boaventura (Org). *Dinâmicas da População e Saúde em Moçambique*. Maputo: CEPESA, p. 157-182, 2013.

MUNGOI, Cláudio. Prefácio. In: Feijó, João e Raimundo, Inês (Org). *Movimentos Migratórios para Áreas de Concentração de Grandes Projectos*. Maputo: PubliFix – Edições p.6-8, 2017.

MOSCA, João; NOVA, Yara. Zambézia: Rica e empobrecida. *Observatório do Meio Rural*. N°39, p.1-32, 2016.

NEWITT, Malyn. *História de Moçambique*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.

NOA, Francisco. Apresentação de obra. In: *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais: Experiências de Pesquisa em Contextos Moçambicanos*. FEIJÓ, João (Org). Maputo: Escolar Editora, p.1-6, 2017.

NEGRÃO, José. Cem anos de economia da família rural africana. Maputo: Texto Editores, 2006.

Organização Internacional da Migração. Conceitos Básicos de Migração Segundo a OIM. Genebra: Derecho Internacional sobre Migración, 2006.

PALAMUSSA, Jorge. Padrões Migratórios e mecanismos de integração socioeconômica dos zambezianos na cidade de Maputo. (s/d).

PATRÍCIO, Gonçalves. Moçambique: Compulsando as migrações internas e internacionais. Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, Maputo, V.2, N.5, p. 78-101, 2016.

PINTO, Celi. R. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

PEIRANO, Mariza. Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas. Brasília: Editora UNB, 1992.

QUEMBO, Carlos. O poder do poder: Operação Produção (1983) e a produção dos 'improdutivos' urbanos no Moçambique pós-colonial. In: Cadernos de História de Moçambique, p. 65-81, 2012. Disponível em: <http://www.flcs.uem.mz/images/chist/CQuemboCdhM20121.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

QUIVY, Raymond e LucVan, CAMPENHOUDT. Manual de investigação em Ciência Sociais. Lisboa: Gradiva. 1992.

SITOE, Rogério. Imigrantes Zambezianos na cidade de Maputo: Adaptação e Integração. Monografia (Licenciatura em Sociologia) Universidade Eduardo Mondlane. Maputo: Departamento de Sociologia. 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2000.

VALA, Salim. A nossa riqueza está no campo. Conferencia inaugural do IESE: Desafios para a investigação social e econômica em Moçambique, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. Pesquisas urbanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VAIL, Leroy; WHITE, Landeg. Capitalism and Colonialism in Mozambique. London: Heinemann, 1980.

VINES, Alex. Renamo: Terrorism in Mozambique. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

Van Gennep, Arnold. Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes, 1978.